



**The
Kobold Pictures
Screenplay Book**

Conteúdo

Pré-Koboldianos

Alta Tensão (Planificação)
Mensagem na Garrafa (Roteiro)
Alta Tensão II - O Dia Seguinte (Planificação)
Haunt (Planificação)

Koboldianos

Die Nachtträum (Argumento)
Die Nachtträum (Roteiro)
Die Nachtträum - The Quick Movie (Roteiro)
Egofobia (Planificação, Perfil dos Personagens, Egofobia - Um duelo entre o Ego e Alter-ego, Novas idéias para transformação em conto e possível refilmagem)
Museu de Cera (Esboço)
Mission II - A Vingança (Esboço)
Naked (Argumento)
Naked (Esboço)
Gemini (Conto)
O Filatelista (Esboço, Perfil dos Personagens)
O Templo (Conto)
Congelado (Conto)
Contato (Conto)
Vlad (Esboço)
A Ampulheta (Esboço)
Coming From The Sky (Esboço, Some Words About “Coming From The Sky”)
Coming From The Sky (Planificação, Efeitos Especiais)
The Witch - A Medieval Story (Esboço)
Contato - Versão Expandida (Esboço, Some Words About “Contato”)
The Lord (Esboço, Some Words About “The Lord”)
Chased (Esboço)
Consciente (Conto)
Delusion (Conto)
Urgh! (Conto)

O Reflexo (Conto)
Zoombies (Planificação, Some Words About “Zoombies”)
Vlad (Conto)
O Filho de Sirius (Conto)
Egofobia (Conto)
A Ampulheta (Conto)
O Porão (Esboço, A Desenvolver, Sobre os Ambientes, Sobre Scapinelli)
A Prisão (Esboço)
Contato - Versão 1 Minuto (Planificação, Some Words About “Contato - Versão 1 Minuto”)
Claustrofobia - Versão 1 Minuto (Planificação)
O Homem de Preto (Esboço, Proposições Sobre o Uso da Linguagem Cinematográfica)

Apêndice

Os Filmes Koboldianos

Alta Tensão

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan (a partir do filme)

01.FADE-IN/Título/FADE-OUT

02.FADE-IN/Chão (Ângulo Baixo). Pernas de Alfa vindo em direção à câmara. Sai pela direita.

03.Alfa FRAME-IN pela esquerda (PP). Pára. Olha ao redor.

04.Pernas de Alfa vistas por trás (PP, Ângulo Baixo). Começam a se mover para frente. Aos poucos todo o corpo de Alfa vai sendo enquadrado. FRAME-OUT pela direita.

05.Pernas de Beta e machado que ele segura (PP). Ele está diante de uma parede. FRAME-OUT pela direita.

06.Alfa andando (PG, Ângulo Alto). Panorâmica de acompanhamento. Olha ao redor. FRAME-OUT pela direita.

07.Parede. Beta FRAME-IN pela esquerda; apenas pernas e machado enquadrados (PP). Beta levanta o machado.

08.Alfa vindo em direção à câmara.

09.Mãos de Beta segurando o machado (CL).

10.Alfa vindo em direção à câmara.

11.Mão de Beta segurando convulsivamente o machado (CL).

12.Beta encostado na parede, segurando o machado erguido, esperando para atacar. Sombra de Alfa penetra no quadro, pela direita, vinda de trás da parede. Alfa penetra no quadro, seguindo sua sombra. Vira-se e vê Beta. Esse sai em direção de Alfa, que começa a se afastar, voltando de costas por onde veio. Alfa sai do quadro, pela direita, por trás da parede. Beta sai do quadro. Sua sombra vai diminuindo.

13. Beta vindo em direção à câmera, empunhando o machado (PP, Linha de Visão de Alfa).

14. Alfa se afastando de costas, visto de frente, e lâmina do machado em parte do quadro (PP, Linha de Visão de Beta). Alfa tira uma faca e a exhibe, como em defesa. Câmera pára e começa a se afastar logo em seguida. Alfa vem sua direção.

15. Beta afastando-se, apavorado (PP, Linha de Visão de Alfa). Câmera aproximando-se. Beta vira-se bruscamente e sai correndo.

16. Alfa (PM) atira sua faca no chão. Dá um olhar de cumplicidade para a câmera, baixando ligeiramente a aba do chapéu. Vira-se. FRAME-OUT pela direita./FADE-OUT

17. FADE-IN/"FIM"/FADE-OUT

Mensagem na Garrafa

Roteiro

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Dezembro de 87

CENA 1 - TÍTULO

CENA 2 - Piscina/Dia

Zéfiro (personagem 1) tomando sol (plano médio enquadrando parte da água). Garrafa emerge da água. Zéfiro olha curioso, levanta-se para ver melhor.*

Zéfiro agachado na beira da piscina para pegar a garrafa (plano médio de perfil). Pega, tira da água e olha.*

Garrafa rolhada com papel dentro girando nas mãos de Zéfiro (close).*

Zéfiro tentando tirar a rolha com as mãos (primeiro plano) e não conseguindo. Olha ao redor. Olha para frente e levanta-se.*

Zéfiro andando em direção ao salão de jogos (panorâmica horizontal de acompanhamento terminando com ele entrando no salão).*

CENA 3 - Salão/Interior/Dia

Pascal jogando "snooker" (lado direito da mesa). Zéfiro entra, pára ao lado da mesa (lado esquerdo) para conversar com Pascal (plano médio).

ZEFIRO - Onde tem um saca-rolha?

PASCAL (relanceando e apontando a garrafa) - O que é isso?

ZEFIRO - Uma garrafa.

PASCAL - Eu estou vendo que é uma garrafa, mas o que tem nela?

ZEFIRO - Um papel... onde tem um saca-rolha?

PASCAL - E o que está escrito nesse papel?

ZEFIRO - Se você me falar onde tem um saca-rolha, eu vou poder abrir a garrafa, tirar o papel dela e ler.

PASCAL - Sacarolha? Onde mais eu poderia guardar um saca-rolha além da cozinha?

ZEFIRO - Na sua casa? Em qualquer lugar.

Zéfiro dirige-se para a cozinha.

PASCAL (voltando a jogar) - Onde você achou essa garrafa?

ZEFIRO (falando de dentro da cozinha) - Na piscina.*

Gaveta de um armário de cozinha, fechada. Mão de Zéfiro abrindo a gaveta e pegando um saca-rolha (primeiro plano - gaveta ao fundo).

PASCAL - Na piscina?!

Mão de Zéfiro fechando a gaveta.*

Porta da cozinha. Zéfiro saindo de perto do armário e parando na porta (primeiro plano).

ZEFIRO - É... ela surgiu misteriosamente de dentro d'água.*

PASCAL (primeiro plano) - Zéfiro, eu sei que você gosta de misticismo, mas não venha fazer piada comigo, certo?*

ZEFIRO (primeiro plano) - Eu estou falando sério... as coisas acontecem pra quem acredita nelas.*

PASCAL (primeiro plano) - Ou achamos que acontecem porque queremos que aconteçam.*

ZEFIRO (primeiro plano) - Ora, estou certo de que sua piscina é uma porta para outras dimensões.*

PASCAL (primeiro plano) - Não, você não acha que isso seja verdade, você quer que seja verdade.*

ZEFIRO (primeiro plano) - Não seja idiota, não há outra explicação para o que aconteceu.*

PASCAL (primeiro plano) - Zéfiro, você está sendo subjetivo...*

ZEFIRO (plano médio) - Vamos abrir a garrafa e ver o que está escrito no papel.

Dirige-se para o sofá com a garrafa e o saca-rolha (câmera permanece parada).*

Sofá (plano médio). Zéfiro e Pascal chegam e sentam. Zéfiro tira a rolha da garrafa. Tira o papel de dentro desta. Desenrola e começa a ler.

ZEFIRO (entregando o papel a Pascal) - Não disse?

PASCAL (pegando o papel) - O que está escrito? - começa a ler.

ZEFIRO - Um naufrago que está em uma ilha do Pacífico está pedindo ajuda... olha a data: 1787.*

PASCAL (primeiro plano) - Você não espera que eu acredite nisso, não é?*

ZEFIRO (primeiro plano) - Mas e as evidências? É uma dimensão paralela a nossa, 200 anos atrasada.*

Pascal e Zéfiro (plano médio).

PASCAL - 200 anos atrasada? Eu acho que você escreveu esse bilhete e está a fim de tirar sarro da minha cara... olhe: o papel nem tem aspecto de ser velho!

ZEFIRO - É claro que não, a dimensão da qual ele veio é paralela a

nossa: nela, ações que para nós ocorreram a 200 anos atrás, estão ocorrendo agora.

PASCAL - Eu não acredito nisso...

ZEFIRO - Você acha que não é verdade porque quer que não seja verdade, você é que está sendo subjetivo.

PASCAL - Não vou discutir isso com você.

Pascal levanta-se e sai. Zéfiro permanece sentado, olhando Pascal sair. Olha para o papel.

FADE-OUT.*

CENA 4 - Piscina/Dia

FADE-IN.

Pascal tomando sol, sentado numa cadeira. Ao lado há uma cadeira vazia (primeiro plano).

Zéfiro chega, senta-se na cadeira vazia e permanece, tomando sol. Ambos de olhos fechados.

ZEFIRO - Eu estava lendo alguma coisa sobre dimensões paralelas...

PASCAL - Zéfiro, não comece de novo!

ZEFIRO - Você não acredita mesmo, né?

PASCAL - Não!

Pausa.

PASCAL - Você é excessivamente místico, Zéfiro.

ZEFIRO - Você é excessivamente cético, Pascal.

Pascal abre os olhos, volta-se para Zéfiro.

PASCAL - Eu sou racional.

Pascal levanta-se. Zéfiro abre os olhos, olha para Pascal.

ZEFIRO - O que você quer dizer com isso?

Pascal mergulha na água sem responder. Zéfiro fecha os olhos e volta na posição original.

ZEFIRO - Eu também sou racional.*

Pascal nadando debaixo d'água (panorâmica de acompanhamento em primeiro plano). Pascal emerge e permanece boiando.*

ZEFIRO (abrindo os olhos assustados, levantando-se na cadeira e gritando para Pascal) - Pascal! Saia desta água, pelo amor de Deus! Você vai ser sugado!*

PASCAL (movendo-se para ouvir melhor sem ter entendido o que Zéfiro disse) - O quê?*

ZEFIRO (acalmado-se) - Saia daí ou vai ser sugado! Esta piscina é

uma porta para dimensões paralelas.*

Pascal vai para a borda, pára, olha para Zéfiro (panorâmica de acompanhamento - primeiro plano).

PASCAL - Bem Zéfiro, parece que sua porta está fechada agora, caso contrário eu já teria sido sugado... Por que você não dá um mergulho e experimenta?*

Zéfiro fica olhando pensativo (primeiro plano).*

PASCAL (concluindo) - Eu vou sair... Enquanto isso, nade um pouco. Quem sabe você esquece essa loucura?

Pascal sai da água.*

Cadeiras do lado esquerdo; pedaço da piscina do lado direito; Zéfiro semi-sentado em sua cadeira olhando ainda pensativo; Pascal terminando de sair da água (plano médio). Pascal levanta-se, chega a sua cadeira e senta-se.

PASCAL (já sentado, dirigindo-se para Zéfiro) - Vai!

Zéfiro levanta-se, caminha até a borda e pula; Pascal observa a manobra, recosta a cabeça e fecha os olhos.*

Zéfiro nadando debaixo d'água (panorâmica de acompanhamento em primeiro plano).*

Pascal (plano geral).*

Pascal (plano médio).*

Pascal (primeiro plano).*

Pascal (close).

PASCAL (de olhos fechados) - Zéfiro!

Não há resposta.

PASCAL (de olhos fechados) - Zéfiro!

Não há resposta.

Pascal abre os olhos e olha ao redor, expressão de surpresa.*

Panorâmica de acompanhamento de linha de visão, cenário vazio, sem Zéfiro.*

PASCAL (expressão assustada) - Zéfiro, pára com essa brincadeira.

Não há resposta. Pascal levanta-se.*

Olhando ao redor, Pascal dirige-se ao salão (zoom de acompanhamento enquadrando todo o corpo de frente).*

Entra no salão (panorâmica de acompanhamento em zoom terminando com Pascal entrando no salão - zoom de afastamento terminando em plano geral enquadrando a piscina e o salão).

Pausa.

Pascal sai do salão.

PASCAL (nervoso) - Zéfiro, eu não vou ficar te procurando como um

bobo se é essa a sua intenção, quer aparecer aparece.

Neste momento, emerge uma garrafa. Pascal olha curioso e caminha até ela.*

Pascal agachando próximo a beira da piscina (plano médio de perfil). Olha e pega a garrafa (expressão assustada e surpresa). Olha para ela em suas mãos.*

Garrafa rolhada com papel dentro nas mãos de Pascal (close).*

Pascal tira os olhos da garrafa e olha para a piscina.*

Água (seguindo linha de visão de Pascal).*

Pascal levanta-se e caminha para o salão (plano médio de perfil - frame-out).*

CENA 5 - Salão/Interior/Dia

Porta da frente (primeiro plano). Pascal entra e dirige-se ao sofá onde estava o saca-rolhas (panorâmica horizontal de acompanhamento).

Pascal pega o saca-rolhas, tira a rolha da garrafa e o papel dela. Joga a garrafa no sofá e começa a ler o papel (expressão assustada - zoom de aproximação).

Voz de Zéfiro (reproduzindo o que está escrito):

"Pascal, estou numa ilha do Pacífico junto com o naufrago que enviou a mensagem na garrafa. Pretendo voltar à nossa época, mas preciso de sua ajuda para saber se vai funcionar: mande a garrafa de volta, com um bilhete seu dentro. Obrigado, Zéfiro."

Pascal abaixa o papel que terminou de ler e por um instante fica estático, pasmado. No instante seguinte, consciente do que deve ser feito, vira-se e pega a garrafa com a rolha.

Dirige-se para a estante (panorâmica horizontal de acompanhamento associada a zoom de afastamento). Pascal pega uma caneta e começa a escrever no verso da mensagem de Zéfiro. Termina. Dá uma rápida lida e põe a mensagem na garrafa. Sai (frame-out).*

CENA 6 - Piscina/Dia

Piscina sendo enquadrada completamente, salão ao fundo (plano geral). Pascal sai do salão. Caminha até a beira da piscina. Pára e fica olhando pensativo. Joga a garrafa na água, mais ou menos na metade do comprimento da piscina. Permanece olhando.*

Pascal olhando (primeiro plano). Som de algo que submerge. Pascal

muda de expressão, ficando assustado.*

Piscina sendo enquadrada completamente, salão ao fundo e Pascal entre os dois (plano geral), a garrafa não mais aparece boiando.

FADE-OUT.*

CENA 7 - Piscina/Noite

FADE-IN.

Pascal dormindo em uma das cadeiras, com a outra vazia ao lado (plano médio enquadrando parte da água).

Sai uma mão da água e segura na borda. Depois da mão vem o braço e a cabeça de Zéfiro. Ele sai completamente da água. Fica em pé na beira da piscina e olha para Pascal. Vai até ele.*

Zéfiro e Pascal, piscina ao fundo (plano médio).

ZEFIRO - Pascal, acorde! Eu voltei.

Pascal começa a acordar.

ZEFIRO - Obrigado por ter mandado o bilhete.

Pascal olha para Zéfiro.

PASCAL - Zéfiro, seu idiota. Isso é brincadeira que se faça?

ZEFIRO - Não me digo que depois de tudo você se recusa a acreditar.

PASCAL - Não me recuso: não acredito. Sei que foi tudo planejado.

ZEFIRO - Então por que mandou o bilhete?

Pascal fica sem graça, desvia o olhar de Zéfiro.

PASCAL - Bem...

ZEFIRO - Eu acho que você acredita, mas não tem coragem de admitir... afinal, você é racional...

Zéfiro vira-se.

ZEFIRO - Acho melhor eu ir embora.

Zéfiro sai (câmera permanece em Pascal que volta a olhar para Zéfiro, pelas costas).*

Zéfiro caminhando em direção ao portão, Pascal ao fundo, olhando para ele, metade da piscina aparecendo (plano geral - Zéfiro caminhando em direção à câmera).

PASCAL - Zéfiro, eu acredito em você.

Zéfiro pára, vira-se para trás.*

ZEFIRO (primeiro plano) - Eu sei, amanhã a gente...

Desvia o olhar para a piscina assustado.*

Pascal desvia o olhar para o local a que Zéfiro estava olhando (primeiro plano). Faz a mesma expressão de susto.*

Borda da piscina (seguindo linha de visão de Pascal). Saindo da piscina há um homem tipicamente trajado com roupas do século XVIII.*

Pascal desvia o olhar para Zéfiro, como quem pede explicações (primeiro plano).*

Zéfiro pasmado desvia o olhar para Pascal.

ZEFIRO - É o náufrago... que mandou... a mensagem na garrafa!

Desvia o olhar novamente para o náufrago.*

Pascal faz o mesmo (primeiro plano).*

O náufrago olha para os dois assustado (plano geral enquadrando todos).

FADE-OUT.*

CENA 8 - TÍTULOS DE FIM E CRÉDITOS

Alta Tensão II - O Dia Seguinte

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan (a partir do filme)

01.FADE-IN/Título/FADE-OUT

02.FADE-IN/Galhos de árvore (PP). Alfa FRAME-IN pela esquerda, ficando de frente para a câmara (PP). Olha ao redor. FRAME-OUT pela esquerda, andando em frente.

03.Tronco de árvore (PP, Ângulo Baixo). Pernas de Alfa, vistas de trás, andando para frente, afastando-se da câmara. Aos poucos, todo o corpo vai sendo enquadrado. Oculta-se atrás do tronco.

04.Maçaneta, fechadura, parte da porta (CL). Uma mão penetra no quadro, levando uma chave até a fechadura. Abre-a. Gama entra, deixando quadro vazio.

05.Porta aberta (PP, Ângulo Baixo). Saindo de dentro, sai Gama, visto apenas da cintura para baixo. Está segurando um machado. Pára na porta por alguns instantes. FRAME-OUT pela esquerda.

06.Gama, cintura para baixo, perfil (PP). Percorre o mesmo caminho de Alfa. Acompanhamento em panorâmica até ficar de costas.

07.Folhagens (PM). Gama FRAME-IN pela esquerda, cintura para cima, olhando para o chão, como se Alfa estivesse sentado ali. Dá a volta, ocupando o lado direito do quadro, virado para a esquerda. Pega o machado e começa a batê-lo com raiva em algo no chão, que não é enquadrado.

08.Lenha no chão (PM), sendo sucessivamente atingida pelo machado de Gama.

09.Alfa caminhando em direção à câmara (PG). Panorâmica horizontal para direita até algumas folhagens, onde está Beta escondido, empunhando uma foice, e acompanhando Alfa com o olhar.

10. Alfa vindo em direção à câmera e Beta escondido atrás das folhagens (PG). Alfa aproxima-se. Beta pula em sua frente, ameaçando-o. Alfa afasta-se. Beta começa a correr em sua direção, empunhando a foice. Desaparecem atrás das folhagens.

11. Gama ao fundo, rachando lenha (PG). Câmera correndo em sua direção (para PP). Gama vira-se assustado para a câmera, com o machado empunhado em posição de ataque (PP).

12. Gama, de costas, empunhando o machado; parado diante de si está Alfa (PM). Beta chega correndo, ao fundo, com a foice. Todos param. Gama abaixa o machado. Alfa olha para Beta, que joga a foice no chão e pega uma faca, ameaçando Gama com ela. Este sai correndo, apavorado, pela direita (panorâmica de acompanhamento terminando em um tronco, atrás do qual Gama desaparece).

13. Alfa e Beta virados um para o outro (PG, Ângulo Alto). Beta empunhando a faca para Alfa. Este estende a mão para Beta, que depois de pensar um pouco, joga a faca no chão e dá a mão para Alfa. Cumprimentam-se. Viram-se de costas e saem conversando.

14. Delta no meio de algumas folhagens, empunhando um machado, olhando ameaçadoramente para frente. FRAME-OUT pela direita, seguindo sua linha de visão.

15. Alfa e Beta saindo do quadro conversando (PG, Ângulo Alto). Delta entra, seguindo-os, com o machado./FADE-OUT

16. FADE-IN/"FIM"/FADE-OUT

Haunt

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan (a partir do filme)

01.FADE-IN/Título/FADE-OUT

02.Porta fechada (PM). Abre-se, e por ela entra Alfa. Ele caminha para frente. Olha adiante e pára assustado (PP).

03.Mesa (PM, Linha de Visão). Beta está deitado sobre ela, aparentemente morto.

04.Alfa olhando assustado para a mesa (PP).

05.Mesa (PM, Linha de Visão). Beta está deitado sobre ela, aparentemente morto.

06.Rosto de Beta (CL). Olhos fechados. Abrem-se.

07.Mesa (PM). Beta levanta-se, e sai de cima dela.

08.Alfa e Beta, de perfil, um de frente ao outro (PG).

09.Alfa (PP). Expressão de desaprovação pela brincadeira.

10.Beta (PP). Expressão séria. Dá um sorriso.

11.Alfa (PP). Mesma expressão. Retribui o sorriso, passando a aprovar a brincadeira. Porta atrás dele fecha-se bruscamente. Alfa assusta-se, afastando-se dela. FRAME-OUT pela direita.

12.Beta assusta-se (PM). Alfa FRAME-IN pela direita, ficando ao lado de Beta. Ambos olham apreensivos para a porta.

13.Maçanete movendo-se rapidamente com movimentos bruscos, como se alguém tentasse abri-la do outro lado, sem sucesso (CL).

14.Alfa e Beta olhando assustados para a porta (PM).

15. Maçaneta (PP). Porta começa a se abrir.
16. Alfa e Beta olhando assustados para a porta (PM).
17. Porta se abrindo (PM, Ângulo Baixo). Aos poucos, dois pares de pernas vão aparecendo. Porta pára.
18. Porta (PP). Gama e Delta estão lá. Acenam suas mãos para Alfa e Beta (olhando para a câmera – Linha de Visão de Alfa e Beta).
19. Alfa e Beta, que estavam sérios, passam a sorrir aliviados (PP).
20. Gama e Delta na porta chamam Alfa e Beta para sair (PP).
21. Alfa e Beta (PM). FRAME-OUT pela esquerda.
22. Gama e Delta na porta dão passagem para Alfa e Beta, que entram em FRAME-IN pela esquerda, de costas (PM). Alfa sai. Beta dá uma olhada para ver se está tudo em ordem. Estica a mão atrás da porta e apaga a luz. Sai. Fecha a porta. Panorâmica horizontal para a esquerda, terminando com uma sombra na parede sendo enquadrada. É a sombra de alguém usando uma capa, segurando uma foice.
23. Fachada da casa (PG em Ângulo Oblíquo). Os quatro saem da varanda, e vêm em direção à câmera, conversando. FRAME-OUT passando pelo lado esquerdo.
24. Espectro (PM).
25. Fachada da casa (PG em Ângulo Oblíquo). Espectro ao fundo, vindo em direção à câmera.
26. Cena vazia: caminho (PG). Os quatro entram em FRAME-IN pela esquerda. Olham à frente, e param assustados.
27. Espectro (PM, Linha de Visão do grupo).

28.Grupo olhando assustado para o espectro. Viram-se para trás, e assustam-se novamente.

29.Fachada da casa (PG em Ângulo Oblíquo). Espectro vindo em direção à câmera.

30.Grupo assustado (PM, Ângulo Oblíquo de frente). Luzes se apagam (BLACK-OUT).

31.Espectro caminhando (PP). BLACK-OUT.

32.Escuro. Luzes acendem-se. Grupo (PM). Aliviam-se.

33.Fachada da casa (PG em Ângulo Oblíquo). O espectro não está mais lá.

34.Grupo aliviado (PM)./FADE-OUT.

35.FADE-IN/"FIM"/FADE-OUT.

Die Nachträum

Argumento

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Maio de 1988

CAPÍTULO 1

Madrugada, Sartre deixa o clube.

Em direção à sua casa, caminha por uma rua escura, onde sente presenças estranhas. São fantasmas que não consegue ver. Pára diante de um velho portão, olha para ele, pensa por alguns instantes. Vem a mente a lembrança de algo que um amigo seu lhe dissera algum tempo antes diante daquele mesmo portão: "Dizem que aqui foi a casa de um tal de Vlad..." Resolve entrar.

Atravessa o velho portão e chega a uma casa abandonada. Entra, olha ao redor e recosta em um canto. Fecha os olhos.

Pela porta de frente, entra um homem alto, com roupas de monge. Caminha em direção a Sartre, que abre os olhos. Assusta-se e fica olhando, pasmado, para o homem.

-Eu sou Vlad. - apresenta-se. Novamente vem a sua mente a imagem de seu amigo: "Dizem que ele bebia sangue humano..." Sartre apavora-se, mas tenta não demonstrar isso.

-Desculpe se invadi sua propriedade, eu já... - diz levantando-se.

-Não tem importância, minha casa está sempre aberta. - diz Vlad interrompendo Sartre, lançando sobre ele um olhar hipnótico.

Sartre entra em transe. Vlad morde seu pescoço. A imagem do amigo volta mais aterradora do que nunca: "Vlad era um vampiro!"

CAPÍTULO 2

Diderot, o amigo de Sartre do qual ele se recordou na casa de Vlad, está a caminho de sua casa, vindo do clube. Também sente presenças estranhas. Olha para trás e nada vê. Ao virar para continuar seu caminho, descobre Sartre a sua frente. Assusta-se.

-Sartre, você me assustou. - diz, recuperando o fôlego.

Sartre permanece frio. Vem a sua mente a imagem de Vlad: "Traga um amigo seu até mim!"

-Venha comigo! - diz, friamente, virando-se.
-Aonde?
-Sem perguntas.
-Sartre, você é meu amigo, mas são três horas da manhã e não vou a lugar algum sem saber porquê.
-Vlad quer discípulos.
-Vlad!? Vlad está morto! - diz espantado com a frase do amigo.
Apesar de não estar presente, a ressonante voz de Vlad é ouvida por ambos:
-Enquanto houver homens na Terra, Vlad viverá!
Sartre permanece frio. Diderot espanta-se:
-Quem disse isso?
Sartre não responde. Caminha em direção a Diderot. Vem a sua mente a imagem de Vlad: "Converta-o!" Sartre muda ligeiramente de expressão, passando agora para um olhar de pena do amigo, demonstrando imenso afeto por ele. Deve, no entanto, continuar com sua ação. Neste momento, de intenso conflito interior, tudo o que consegue dizer, exibindo agora seus alongados incisivos laterais, é:
-Diderot!
Aproxima-se bastante dele. Prepara-se para mordê-lo. Na iminência do ato, Diderot afasta-se. Pega um crucifixo no bolso e mostra-o a Sartre. Este afasta-se bruscamente.
-Sartre, meu melhor amigo! - diz Diderot desiludido.
Sartre continua a se afastar. Novamente vem a sua mente a imagem de Vlad: "Ele continua forte!"
-Continua?! - grita Sartre, sem entender muito bem o que Vlad quis dizer.
Diderot guarda o crucifixo. Sartre vira-se e vai embora.

CAPÍTULO 3

Ainda madrugada. Diderot vai até a casa de Vlad. Os fantasmas estão mais aterradores do que nunca. Estão por toda a parte. Diderot não consegue vê-los, apenas sente suas presenças. Para chegar até Vlad, no entanto, deve passar por eles. Hesita várias vezes, mas continua. Ao chegar na casa de Vlad, sente um corredor de fantasmas até a porta. Eles o chamam, convidando-o a entrar. Diderot fica mais apavorado do que nunca. Hesita. Cria coragem e, extremamente tenso, atravessa o corredor. Chega até a

porta, entra. Não há fantasmas no interior da casa. Vira-se para trás. Não sente mais os fantasmas de fora. O horror das companhias espectrais torna-se o pavor da solidão.

Vira-se para dentro novamente.

-Vlad! - chama Diderot.

Da escuridão surge Vlad.

-Liberte Sartre. - ordena Diderot.

Vlad aproxima-se de Diderot.

-Você me abandonou... - diz Vlad, olhando hipnóticamente para Diderot.

Este começa a entrar em transe. Permanece assim por alguns instantes, e em seguida desperta.

-Não vou fraquejar desta vez... eu te matei uma vez, liberte Sartre ou te mato novamente. - Diderot ordena decidido.

-Mesmo que você me mate, continuarei vivo para seu amigo, ele é fraco.

Diderot percebe que, realmente, nada pode fazer pelo amigo.

-Converta-o, Sartre! - diz Vlad.

Diderot volta-se para a porta. Lá está Sartre, olhando tristemente para ele.

-Converta-o! - repete Vlad.

Sartre caminha em direção a Diderot.

-Eu não procurei você quando Vlad me dominou, Sartre... meu melhor amigo! - diz Diderot desiludido.

Sartre não pára. Com a mesma expressão de tristeza prepara-se para morder Diderot, exibindo seus dentes.

-Sartre, é um NACHTTRAUM! - diz Diderot em atmosfera de sonho.

Sartre acorda. Está ele de volta recolhido no canto da casa de Vlad. Olha ao redor. Não há ninguém. Ainda está escuro. Foi um pesadelo. Levanta-se. Sai. Começa a caminhar para casa. Num momento, vira-se para trás para observar a casa de Vlad. Ao voltar para frente, dá de encontro com a figura de Vlad. Sartre apavora-se. Vlad diz:

-Pesadelos podem tornar-se realidade!

Die Nachträum

Roteiro

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Junho de 1988

CENA 1 - Título

CENA 2 - Clube/Exterior/Madrugada

Frente ao clube (plano geral). Algumas pessoas ainda estão aí. De dentro sai Sartre. Retém-se junto a um pequeno grupo de pessoas.*

Grupo (plano médio). Sartre começa a se despedir.

SARTRE (estendendo a mão a Diderot) - Bem pessoal; eu já vou indo.

DIDEROT (com expressão séria) - Você vai embora à pé de novo?

Sartre acena a cabeça positivamente, despreocupado, enquanto solta a mão de Diderot.*

DIDEROT (primeiro plano - sério) - Sartre, você mora num lugar isolado, pode ser perigoso andar à pé até sua casa a está hora.*

SARTRE (primeiro plano - irônico) - Não se preocupe, Diderot, eu sou um cara corajoso.*

DIDEROT (primeiro plano - um pouco menos sério) - É isso que me preocupa.*

Grupo (plano médio). Sartre sorri para Diderot, que retribui o sorriso com outro. Sartre estende a mão a Hobbes.

HOBBS (estendendo a mão a Sartre) - Você não quer uma carona, Sartre?

SARTRE - Pode deixar que eu vou à pé, Hobbes, obrigado.

Sartre sai do quadro. Diderot fica olhando para ele com uma expressão preocupada.

HOBBS - Qual o problema, Diderot?

DIDEROT (acenando a cabeça negativamente, sem mudar de expressão) - Nada.*

CENA 3 - Estrada para a casa de Sartre/Madrugada

SUBCENA 3A

Cena vazia: porção da estrada. Uma sombra penetra no quadro. É a

sombra de alguém que se aproxima. A sombra termina quando chegam os pés da pessoa. São os pés de Sartre.*

Sartre andando (primeiro plano - acompanhamento em panorâmica). FRAME-OUT ao fim da panorâmica.*

Sartre andando (primeiro plano - visto de costas). Zoom de afastamento terminando quando um espectro que está parado no caminho que Sartre percorreu é enquadrado. Sartre pára.*

Sartre estático (primeiro plano de perfil). Percebeu uma presença. Expressão de medo. Começa a se virar para trás devagar. Vira-se completamente.*

Estrada (seguinto linha de visão de Sartre). Não há nada.*

Sartre (primeiro plano - visto de frente). Vira-se para continuar seu caminho. Permanece parado.*

Sartre (close da cabeça de perfil). Ainda parado. Expressão de medo. Sem mover a cabeça, olha ao redor movendo apenas os olhos. Resolve continuar seu caminho. FRAME-OUT.*

Sartre andando, atrás dele um espectro (ângulo baixo enquadrando apenas as pernas de Sartre e o espectro de corpo inteiro ao fundo). Sartre sai de cena (passando ao lado da câmera).*

Sartre andando (primeiro plano de perfil - panorâmica horizontal de acompanhamento). Olha para os lados com o rabo dos olhos. Expressão de medo. A branca mão do espectro entra bruscamente no quadro. Sartre vira-se para ver quem é.*

Sartre virado (plano geral enquadrando Sartre ao fundo e grande parte da estrada sem o espectro).*

Sartre (em primeiro plano de frente). Expressão de terror. Engole em seco. Dá alguns passos para trás e vira-se bruscamente para fugir. Começa a correr. Câmera corre atrás dele (linha de visão do espectro).*

Sartre correndo (primeiro plano de perfil - panorâmica horizontal de acompanhamento).*

Cena vazia: porção de estrada, portão velho ao fundo (plano médio - ângulo baixo). Sartre cai (dentro da porção enquadrada). Ergue-se um pouco e, retomando o fôlego, vira a cabeça e vê o portão. Permanece olhando para ele.*

Rosto de Sartre olhando para o portão (close).*

SUBCENA 3B - Diante do portão/Dia

Sartre e Diderot, de costas, olhando para o portão (plano geral -

ângulo alto).*

Diderot (de perfil em primeiro plano) e Sartre (ao fundo, também de perfil), ambos olhando para o portão.

DIDEROT (sem desviar o olhar) - Dizem que aqui foi a casa de um tal de Vlad...*

SUBCENA 3A

Porção da estrada, portão ao fundo, Sartre meio caído, olhando para ele (plano médio - ângulo baixo). Levanta-se, ficando de frente para o portão.*

Sartre (primeiro plano de perfil) parado, olhando para o portão. Vai até ele (FRAME-OUT). Entra no quadro, logo após a saída de Sartre, o espectro, tomando a posição em que estava o primeiro.*

Sartre atravessa o velho portão (plano médio). Desaparece atrás das folhagens. Zoom de afastamento terminando com espectro sendo enquadrado.*

CENA 4 - Clube/Exterior/Madrugada

Frente do clube (plano médio). Diderot e Hobbes ainda estão aí. Chega Hannah, a irmã de Sartre.

HANNAH - Diderot, você viu meu irmão?

DIDEROT - O Sartre já foi embora.

HANNAH - E por que ele não me esperou?

HOBBS (irônico) - Acho que ele tem vergonha de você.

HANNAH (irônica) - Deve ser isso.*

CENA 5 - Casa de Vlad/Exterior/Madrugada

Caminho que leva à casa de Vlad (plano geral). Sartre ao fundo, caminhando em direção à casa (vindo em direção à câmera). Pára (em primeiro plano), e olha para a casa.*

Casa de Vlad (ao fundo) e Sartre olhando para ela (de costas). Continua a caminhar.*

CENA 6 - Casa de Vlad/Interior/Madrugada

SUBCENA 6A

Porta (primeiro plano). Sartre entra por ela. Pára. Olha ao redor.*
Interior da casa (seguindo linha de visão de Sartre - plano médio).*
Sartre parado junto a porta (primeiro plano). Olha para frente.
Começa a caminhar neste sentido (panorâmica horizontal de acompanhamento associada a zoom de afastamento). Chega a um canto da sala. Senta-se no chão, recostando-se na parede. Por alguns instantes, mantém o olhar fixo a frente. Fecha os olhos em seguida.*

Cena vazia: porta (plano geral de frente). Por ela entra um homem alto, visto apenas por sua silhueta, com roupas de monge. Permanece parado na porta.*

Sartre abre os olhos (primeiro plano). Assusta-se ao ver o homem, e fica olhando pasmado para ele.*

Porta (plano geral de frente). O homem caminha em direção a Sartre (em direção à câmera). Pára (em primeiro plano).

VLAD (com expressão fria) - Boa noite, eu sou Vlad.*

Sartre olha pasmado para Vlad (primeiro plano).*

SUBCENA 6B - Diante do portão/Dia

Diderot (de perfil em primeiro plano) e Sartre (ao fundo, também de perfil), ambos olhando para o portão.

DIDEROT (sem desviar o olhar) - Dizem que ele bebia sangue humano...*

SUBCENA 6A

Sartre sentado no chão olhando para Vlad e este em pé, diante do primeiro (plano médio de perfil). Sartre apavora-se, mas tenta não demonstrar isso. Levanta-se.

SARTRE (evitando encarar Vlad) - Desculpe se invadi sua propriedade, eu já...

VLAD (interrompendo Sartre, com expressão fria) - Não tem importância, minha casa está sempre aberta.

Sartre, com expressão de medo, encara Vlad.*

Vlad lança um olhar hipnótico (close).*

Sartre em transe (close).*

Sartre (de costas em primeiro plano) e Vlad ao fundo. Vlad aproxima-se, mira o pescoço de Sartre. Joga a cabeça para trás num movimento de

bote e abre a boca, exibindo seus caninos alongados. Desfere a mordida.*
Sartre (close). Expressão de dor.*

SUBCENA 6B

Diderot (de perfil em primeiro plano) e Sartre (ao fundo, também de perfil), ambos olhando para o portão.

DIDEROT (sem desviar o olhar) - Vlad era um vampiro!

Sartre olha para Diderot que continua a olhar para o portão.

FADE-OUT.*

CENA 7 - Rua/Madrugada

SUBCENA 7A

FADE-IN.

Cena vazia: porção da calçada. Uma sombra penetra no quadro. É a sombra de alguém que se aproxima. A sombra termina quando chegam os pés da pessoa. São os pés de Diderot.*

Diderot andando (primeiro plano - acompanhamento em panorâmica. FRAME-OUT ao fim da panorâmica.*

Diderot andando (primeiro plano - visto de costas). Zoom de afastamento terminando quando um espectro que está parado no caminho que Diderot percorreu é enquadrado. Diderot pára.*

Diderot (primeiro plano de perfil) estático. Percebeu uma presença. Expressão de medo. Começa a se virar para trás devagar. Vira-se completamente.*

Calçada (seguindo linha de visão de Diderot). Não há nada.*

Diderot continua a olhar a frente (primeiro plano de perfil). Vira-se para continuar seu caminho. Assusta-se. Sartre em frente a Diderot, olhando friamente para ele (enquadrado por uma panorâmica, de Diderot até Sartre, ocupando sozinho o quadro em primeiro plano).*

DIDEROT (recuperando o fôlego - close) - Sartre, você me assustou!*

Sartre permanece frio (close).*

SUBCENA 7B

VLAD (com expressão fria - close) - Traga um amigo seu até mim!*

SUBCENA 7A

Sartre e Diderot, um virado para o outro (plano médio). Sartre frio, e Diderot ainda recuperando o fôlego.

SARTRE (virando as costas para Diderot) - Venha comigo!

DIDEROT (mudando para expressão preocupada) - Aonde?

SARTRE (ainda de costas) - Sem perguntas.*

DIDEROT (primeiro plano) - Sartre, você é meu melhor amigo, mas são três horas da manhã e eu não vou a lugar algum sem saber porquê.*

Sartre vira-se para Diderot (primeiro plano).

SARTRE (friamente) - Vlad quer discípulos!*

Diderot espanta-se com a afirmação de Sartre (primeiro plano).

DIDEROT - Vlad?! Vlad está morto!

Apesar de não estar presente, a ressonante voz de Vlad é ouvida por ambos:

VLAD - Enquanto houver homens na Terra, Vlad viverá!

Diderot espanta-se.*

Sartre permanece frio (primeiro plano).*

DIDEROT (espantado - primeiro plano) - Quem disse isso?*

Sartre e Diderot (plano médio). Sartre não responde.*

SUBCENA 7B

VLAD (com expressão fria) - Converta-o!*

SUBCENA 7A

Sartre e Diderot (plano médio). Sartre começa a se mover em direção a Diderot. Muda ligeiramente de expressão, passando agora para um olhar de pena do amigo, demonstrando imenso afeto por ele e intenso conflito interior.*

SARTRE (exibindo seus caninos alongados, com expressão de pena de Diderot - close) - Diderot!*

Diderot espantado (close).*

Sartre e Diderot bem próximos (Diderot de costas em primeiro plano e Sartre ao fundo). Sartre abre a boca e joga a cabeça para trás num movimento de bote. Diderot dá um passo para trás e joga a mão no bolso.*

Mão de Diderot no bolso (close). Tira, com movimentos apressados,

um crucifixo dele.*

Sartre e Diderot (plano geral). Diderot exhibe o crucifixo a Sartre e este afasta-se bruscamente.*

DIDEROT (abaixando o crucifixo, desiludido, olhando para Sartre - primeiro plano) - Sartre, meu melhor amigo!*

Sartre retomando o fôlego, encarando Diderot (primeiro plano).*

Diderot olhando para Sartre, desiludido (close).*

Sartre, ainda retomando o fôlego, encarando Diderot (close).*

SUBCENA 7B

VLAD - Ele continua forte!*

SUBCENA 7A

Sartre muda de expressão, sem entender o que Vlad quis dizer (primeiro plano).

SARTRE (olhando para Diderot) - Continua?!*

Diderot guarda o crucifixo, olhando para Sartre (primeiro plano).*

Crucifixo sendo guardado (close).*

DIDEROT (olhando desiludido para Sartre - primeiro plano) - Isso acontece sempre, Sartre; mas eu não esperava que acontecesse com você.*

Sartre olhando espantado para Diderot (primeiro plano).*

Diderot olhando para Sartre (primeiro plano).*

Sartre e Diderot, mesmas expressões (plano geral). Sartre afasta-se, vira-se bruscamente e sai do quadro.

FADE-OUT.*

CENA 8 - Casa de Vlad/Interior/Noite ("Flash-back")

FADE-IN.

Legenda: "Alguns meses antes"

FADE-OUT.*

FADE-IN.

Porta (plano geral). Por ela entra uma pessoa, vista apenas por sua silhueta. Pára.*

Diderot parado na porta (primeiro plano - ângulo oblíquo a ele).
FRAME-OUT.*

Vlad (plano médio - a direita do quadro, costas voltadas para a

esquerda). Entra Diderot no quadro, pela esquerda.

DIDEROT (chamando Vlad) - Vlad!

Vlad vira-se para Diderot.*

Diderot (exibindo seus caninos alongados - primeiro plano) - Liberte-me!*

Diderot e Vlad (plano médio).

VLAD (friamente) - Isso não depende de mim...

Vlad torna a virar de costas para Diderot.*

Diderot, irritado mas contido, abaixa a cabeça (primeiro plano). Retem o olhar no chão por alguns instantes.*

Pedaço de madeira comprido jogado no chão, próximo aos pés de Diderot (close).*

Vlad de costas (primeiro plano).

DIDEROT (ausente do quadro) - Vlad!

Vlad vira-se, expressão de espanto seguida de contorcimento e grito de dor.*

Diderot segurando a estaca de madeira na altura da barriga de Vlad (plano médio). Diderot solta a estaca. Vlad continua a segurá-la. Som de dor diminuindo gradualmente.*

Diderot retomando o fôlego (primeiro plano). Ainda com seus caninos alongados.*

Vlad, com um fio de sangue escorrendo-lhe pela boca, morrendo (primeiro plano). Fecha os olhos e deixa a cabeça cair.*

Diderot retomando o fôlego, mais suavemente (primeiro plano). Já não tem mais os caninos alongados. Expressão de espanto.*

Diderot olhando para o local onde estava Vlad (plano geral). Vlad não está mais lá. Há apenas suas roupas no chão, com a estaca sobre elas.

FADE-OUT.*

CENA 9 - Estrada para casa de Sartre/Madrugada

FADE-IN.

Cena vazia: estrada que leva à casa de Sartre (câmera na mesma direção da estrada). Entra Diderot (passando ao lado da câmera).*

Diderot andando (apenas seus pés são enquadrados - primeiro plano, panorâmica horizontal de acompanhamento). Pára.*

Diderot estático (primeiro plano de frente), espectro ao fundo. Expressão de medo. Olha para os lados com o rabo dos olhos.*

Diderot estático (primeiro plano de perfil). Mesma expressão.

Resolve continuar seu caminho. FRAME-OUT.*

Estrada, Diderot ao fundo (caminhando em direção à câmera - plano geral, ângulo baixo). Não há espectros.*

Portão velho (plano geral). No quadro, entra Diderot. Pára ao ser enquadrado (primeiro plano de perfil). Expressão de medo. Vira para o portão.*

Diderot olhando para o portão, expressão de medo (close).*

Portão (primeiro plano - seguindo linha de visão de Diderot). Não há espectros.*

Diderot olhando para o portão, expressão de medo (close).*

Portão (ao fundo) e Diderot (de costas em primeiro plano). Há um espectro em frente ao portão, olhando para ele.*

Diderot olhando para o portão, expressão de medo (close).*

Portão (primeiro plano - seguindo linha de visão de Diderot). Não há espectros.*

Diderot olhando para o portão, expressão de medo (close).*

Portão (ao fundo) e Diderot (de costas em primeiro plano). Há um espectro em frente ao portão, olhando para ele.*

Diderot olhando para o portão, expressão de medo (close). Vira-se bruscamente para a direita, assustado.

Zoom de afastamento. É sua direita está Hobbes.

DIDEROT (aliviado) - Hobbes, você me assustou!

HOBBES - Desculpa... o que você está fazendo aqui?*

DIDEROT (virando o olhar para o portão - primeiro plano) - Sartre está em apuros Hobbes. Vlad o pegou.*

Hobbes e Diderot (plano médio).

HOBBES - Quem?

Diderot não responde.

DIDEROT (olhando para o portão) - Preciso entrar aí.*

Portão (seguindo linha de visão de Diderot). Não há espectros.*

Hobbes e Diderot (plano médio).

Hobbes olha para o portão. Volta a olhar para Diderot.

HOBBES - Então vamos!

DIDEROT (acenando negativamente a cabeça) - Há algo neste portão, algo que não posso ver mas posso sentir.*

Portão (ao fundo), Diderot e Hobbes (de costas em primeiro plano). Há um espectro em frente ao portão, olhando para eles.*

Diderot e Hobbes (plano médio).

HOBBES (perdendo a paciência) - Você vai ficar aí parado?

Diderot olha para Hobbes. Acena negativamente a cabeça.

HOBBS (indo em frente) - Então vamos!

Diderot segue-o. FRAME-OUT.*

Portão (ao fundo), Diderot e Hobbes indo em sua direção. O espectro continua lá, olhando-os passar. Atravessam o portão. Desaparecem por entre as folhagens.*

CENA 10 - Casa de Vlad/Interior/Madrugada

Cena vazia: parede ao fundo. Entra Vlad no quadro (em close). Ligeiro sorriso.*

Cena vazia: parede ao fundo. Entra Hannah no quadro (em close).*

Vlad (plano médio de perfil - ocupando lado esquerdo do quadro). Entra Hannah (também de perfil, passando a ocupar o lado direito do quadro). Permanecem por alguns instantes, um olhando para o outro. Vlad dá alguns passos a frente, aproxima-se de Hannah. Beija-lhe o rosto.*

Hannah (de costas - primeiro plano) e Vlad (de frente). Vlad afasta um pouco a cabeça. Joga-a ligeiramente para trás num movimento de bote, abrindo a boca e desta forma exibindo seus caninos. Mira-lhe o pescoço. Inicia o movimento de mordida.

DIDEROT (interrompendo a ação de Vlad - sem aparecer no quadro)
- Pare!

Vlad pára seu movimento o olha para frente.*

Porta (plano médio). Parados nela estão Hobbes e Diderot, olhando para Vlad. Diderot com expressão de raiva e Hobbes com expressão assustada.

HOBBS - Um vampiro!*

Hannah (de costas - primeiro plano) e Vlad (de frente). Vlad afasta-se, Hannah vira-se (movimentação de câmera necessária para mantê-los enquadrados). Hannah tem uma expressão distante, vaga, como em transe. Vlad tem uma expressão irônica, fitando Diderot.*

Porta (plano médio). Parados nela estão Hobbes e Diderot, olhando para Vlad. A expressão de ambos muda, passando agora para surpresa, ao ver Hannah com Vlad.

DIDEROT - Hannah!

Diderot vai até Vlad e Hannah apressado (FRAME-OUT). Hobbes permanece estático, olhando a cena.*

Hannah e Vlad (plano médio - ângulo oblíquo). Entra Diderot no quadro, dirigindo-se a Hannah. Aproxima-se dela e delicadamente a segura

para conduzi-la para fora.

DIDEROT - Vamos, Hannah... vamos embora daqui.

Vlad acompanha-os com o olhar.*

Porta (plano geral - ângulo baixo). Parado nela está Hobbes, olhando a cena que se passa. Dá um passo a frente para receber Hannah. Ela e Diderot entram no quadro. Diderot passa-a para os braços de Hobbes.

DIDEROT - Leve-a daqui!

Hobbes sai, levando Hannah consigo. Diderot permanece olhando-os sair.*

VLAD (close) - Eu sabia que você iria voltar.*

Diderot virado para a porta (primeiro plano). Vira-se para Vlad. Olha com raiva para ele. Começa a andar em sua direção.

DIDEROT - Não vim aqui por você ou por sua doutrina.*

Vlad (plano médio de perfil - ocupando o lado esquerdo do quadro). Entra Diderot no quadro (ocupando lado direito). Encara Vlad.

DIDEROT - Vim aqui por Sartre... liberte-o.

Vlad dá alguns passos para se aproximar de Diderot. Encara-o.*

Bolso de Diderot (close). Diderot coloca sua mão nele e num gesto discreto tira o crucifixo dele.*

VLAD (olhando hipnoticamente para Diderot - close) - Sabe que nada posso fazer por ele.*

Diderot começa a entrar em transe (close). Permanece assim por uns instantes e em seguida desperta.

DIDEROT - Não vou fraquejar desta vez...*

Vlad pára de olhar hipnoticamente para Diderot, desistindo de convertê-lo (close).*

DIDEROT (close) - Eu te matei uma vez, Vlad... Liberte Sartre ou eu te mato novamente.*

VLAD (close) - Não seja estúpido, mesmo que você me mate, continuarei vivo para ele...*

Diderot percebe que, realmente, nada pode fazer (close). Expressão de desânimo. Olha para o chão.

VLAD (sem aparecer no quadro) - Sartre é fraco...

Diderot volta o olhar para Vlad, encarando-o.*

VLAD (irônico - close) - Assim como Hannah... e sua namorada.*

Diderot espanta-se, ficando nervoso (close).

DIDEROT - Lisa!*

Crucifixo na mão de Diderot (close). Deixa-o cair.*

Diderot olhando nervosamente para Vlad (primeiro plano).

DIDEROT - Seu desgraçado!
Diderot vira-se bruscamente e sai afobado.*

CENA 11 - Casa de Vlad/Exterior/Madrugada

Hobbes e Hannah sentados em algo fora da casa (plano médio). Hannah com a cabeça caída sobre o ombro de Hobbes, olhos fechados, e este com o olhar perdido a frente. Hobbes vira assustado para a esquerda, Hannah desperta. Entra Diderot correndo. Passa por eles.

HOBBS (gritando para Diderot) - Ei!*

Diderot correndo (de costas). Pára. Vira-se para ver quem chamou.

DIDEROT (afobado) - Leve Hannah para casa, eu vou procurar o Sartre.

Vira-se novamente e continua a correr.*

Hobbes e Hannah olhando para Diderot.*

CENA 12 - Frente ao clube/Madrugada

SUBCENA 12A

Sartre e Lisa em frente ao clube (plano geral). Estão a alguns passos de distância, um virado para o outro. Sartre dá alguns passos lentos e se aproxima dela.*

Sartre e Lisa (primeiro plano). Permanecem por alguns instantes um olhando para o outro. Sartre beija-lhe na face esquerda. Move a cabeça, beija-lhe na boca.*

Sartre e Lisa se beijando (close). Sartre move a cabeça novamente, passando agora a beijar o pescoço de Lisa, no lado direito.*

Lisa (de costas - em primeiro plano) e Sartre beijando--lhe o pescoço. Sartre levanta a cabeça num movimento de bote. Abre a boca e exhibe os caninos alongados. Desfere a mordida.*

Lisa (close). Expressão de dor.*

Cena vazia: esquina (plano médio). Entra Diderot afobado. Pára. Olha em direção ao clube. Expressão de espanto. Caminha até ele (FRAME-OUT).*

Sartre e Lisa (primeiro plano). Fim do bote. Afastam-se. Lisa está visivelmente fraca. Senta-se com a ajuda de Sartre.

DIDEROT (sem aparecer no quadro) - Sartre!

Sartre vira-se. Há um fio de sangue escorrendo de sua boca.

Expressão demoníaca.*

Diderot, Sartre e Lisa (plano médio). Diderot vai até Lisa, sentando-se ao seu lado. Sartre fica olhando para Diderot. Diderot olha desiludido para Sartre.*

Sartre passa a mão sobre o fio de sangue que escorre por sua boca (close).*

SUBCENA 12B - Casa de Vlad/Interior

DIDEROT (close) - É um NACHTTRAUM, Sartre!
(A câmera afasta-se rapidamente, deixando Diderot ao fundo).*

CENA 13 - Casa de Vlad/Interior/Madrugada

SUBCENA 13A

Sartre acorda espantado (close). Dentes normais. Olha ao redor.*

Sartre recostado na parede (plano geral). Levanta-se. Caminha em direção à porta. Tropeça em algo. Abaixa para pegar.*

Pés de Sartre, crucifixo ao lado (close). Mão pegando-o. Sai do quadro.*

Sartre olhando espantado para o crucifixo (primeiro plano).*

SUBCENA 13B

VLAD (close) - Pesadelos podem tornar-se realidade!
FADE-OUT rápido.*

CENA 14 - Créditos finais

Die Nachträum - The Quick Movie

Roteiro

Adaptado por Pedro Luís Bello Daldegan - Dezembro de 1988

Título

CENA 1 - Estrada para a casa de Sartre

Cena vazia: porção da estrada. Uma sombra penetra no quadro. É a sombra de alguém que se aproxima. A sombra termina quando chegam os pés da pessoa. São os pés de Sartre.*

Sartre andando (primeiro plano - acompanhamento em panorâmica).
FRAME-OUT ao fim da panorâmica.*

Sartre andando, atrás dele um espectro (ângulo baixo enquadrando apenas as pernas de Sartre e o espectro de corpo inteiro ao fundo). Sartre sai de cena (passando ao lado da câmera).*

Sartre andando (primeiro plano de perfil - panorâmica horizontal de acompanhamento). Olha para os lados com o rabo dos olhos. Expressão de medo. A branca mão do espectro entra bruscamente no quadro. Sartre vira-se para ver quem é.*

Sartre virado (plano geral enquadrando Sartre ao fundo e grande parte da estrada sem o espectro).*

Sartre (em primeiro plano de frente). Expressão de terror. Engole em seco. Dá alguns passos para trás e vira-se bruscamente para fugir. Começa a correr.*

Cena vazia: porção de estrada, portão velho ao fundo (plano médio - ângulo baixo). Sartre cai (dentro da porção enquadrada). Ergue-se um pouco e, retomando o fôlego, vira a cabeça e vê o portão. Permanece olhando para ele.*

Rosto de Sartre olhando para o portão (close).*

Porção da estrada, portão ao fundo, Sartre meio caído, olhando para ele (plano médio - ângulo baixo). Levanta-se, ficando de frente para o portão.*

Sartre (primeiro plano de perfil) parado, olhando para o portão. Vai até ele (FRAME-OUT pela direita).*

Portão ao fundo (plano geral). Sartre vai até ele. Pára.*

Sartre próximo ao portão olhando (primeiro plano).*

Portão ao fundo (plano geral). Sartre entra.*

CENA 2 - Casa de Vlad/Interior/Madrugada

SUBCENA 2A

Porta (primeiro plano). Sartre entra por ela. Pára. Olha ao redor.*

Sartre parado junto a porta (primeiro plano). Olha para frente. Começa a caminhar neste sentido (panorâmica horizontal de acompanhamento associada a zoom de afastamento). Chega a um canto da sala. Senta-se no chão, recostando-se na parede. Por alguns instantes, mantém o olhar fixo a frente. Fecha os olhos em seguida.*

SUBCENA 2B

Cena vazia: parede ao fundo. Entra Vlad no quadro (em close). Ligeiro sorriso.*

Cena vazia: parede ao fundo. Entra Hannah no quadro (em close).*

Vlad (plano médio de perfil - ocupando lado esquerdo do quadro). Entra Hannah (também de perfil, passando a ocupar o lado direito do quadro). Permanecem por alguns instantes, um olhando para o outro. Vlad dá alguns passos a frente, aproxima-se de Hannah. Beija-lhe o rosto.*

Hannah (de costas - primeiro plano) e Vlad (de frente). Vlad afasta um pouco a cabeça. Joga-a ligeiramente para trás num movimento de bote, abrindo a boca e desta forma exibindo seus caninos. Mira-lhe o pescoço. Inicia o movimento de mordida. Pára e olha para frente.*

SUBCENA 2A

Sartre abre os olhos (primeiro plano). Assusta-se ao olhar a frente, e fica olhando pasmado nesse sentido.*

Porta (plano geral de frente). Vlad caminha em direção a Sartre (em direção à câmera). Pára (em primeiro plano).*

Sartre sentado no chão olhando para Vlad e este em pé, diante do primeiro (plano médio de perfil). Sartre apavora-se, mas tenta não demonstrar isso. Levanta-se.

Sartre, com expressão de medo, encara Vlad.*

Vlad lança um olhar hipnótico (close).*

Sartre em transe (close).*

CENA 3 - Rua/Madrugada

Cena vazia: porção da calçada. Uma sombra penetra no quadro. É a sombra de alguém que se aproxima. A sombra termina quando chegam os pés da pessoa. São os pés de Diderot.*

Diderot andando (primeiro plano - acompanhamento em panorâmica. FRAME-OUT ao fim da panorâmica.*

Diderot andando (primeiro plano - visto de costas). Zoom de afastamento terminando quando um espectro que está parado no caminho que Diderot percorreu é enquadrado. Diderot pára.*

Diderot (primeiro plano de perfil) estático. Percebeu uma presença. Expressão de medo. Começa a se virar para trás devagar. Vira-se completamente.*

Calçada (seguindo linha de visão de Diderot). Não há nada.*

CENA 4 - Rua/Madrugada

Sartre e Lisa em frente ao clube (plano geral). Estão a alguns passos de distância, um virado para o outro. Sartre dá alguns passos lentos e se aproxima dela.*

Sartre e Lisa (primeiro plano). Permanecem por alguns instantes um olhando para o outro. Sartre beija-lhe na face esquerda. Move a cabeça, beija-lhe na boca.*

Sartre e Lisa se beijando (close). Sartre move a cabeça novamente, passando agora a beijar o pescoço de Lisa, no lado direito.*

Lisa (de costas - em primeiro plano) e Sartre beijando-lhe o pescoço. Sartre levanta a cabeça num movimento de bote. Abre a boca e exhibe os caninos alongados. Desfere a mordida.*

Lisa (close). Expressão de dor.*

Cena vazia: esquina (plano médio). Entra Diderot afobado. Pára. Olha em direção ao clube. Expressão de espanto. Caminha até ele (FRAME-OUT).*

Sartre e Lisa (primeiro plano). Fim do bote. Afastam-se. Lisa está visivelmente fraca. Senta-se com a ajuda de Sartre.

Sartre vira-se. Há um fio de sangue escorrendo de sua boca. Expressão demoníaca.*

Diderot, Sartre e Lisa (plano médio). Diderot vai até Lisa, sentando-se ao seu lado. Sartre fica olhando para Diderot. Diderot olha desiludido para Sartre.*

Sartre passa a mão sobre o fio de sangue que escorre por sua boca (close).*

Sartre acorda espantado (close). Dentes normais. Olha ao redor.*

Sartre recostado na parede. Levanta-se. Caminha em direção à porta e sai (panorâmica horizontal de acompanhamento).*

Egofobia

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Agosto de 1988

- 01) Título.
- 02) Panorâmica lenta pelo cenário (sala). Multi-planos. Relógio.
- 03) Panorâmica terminando em canto da sala. Ego, na cadeira de balanço, lendo. Sombra na parede. Zoom de aproximação.
- 04) Detalhes da movimentação e da leitura. Multi-planos.
- 05) Rosto de Ego, lendo o livro. Desvia o olhar para a porta, apreensivo.
- 06) Porta de vidro.
- 07) Rosto de Ego. Volta a ler.
- 08) Porta de vidro. Pernas de Alter-ego FRAME-IN pela direita. Ângulo baixo.
- 09) Rosto de Ego (lendo o livro). Desvia novamente o olhar para a porta, apreensivo.
- 10) Porta (âng.08). Quadro vazio.
- 11) Rosto de Ego (olhando a porta).
- 12) Livro sendo fechado. Capa: "Freud".
- 13) Ego na cadeira de balanço (plano médio). Sombra na parede (expressão do plano 11). Levanta-se e caminha até a porta. Panorâmica de acompanhamento. Pára em frente ao vidro e encosta o rosto para olhar para fora.
- 14) Chuva fora da casa.
- 15) Rosto de Ego grudado no vidro, olhando para fora (visto de fora). Desgruda o rosto do vidro.
- 16) Ego em frente ao vidro (plano geral enquadrando ambas as portas). Afasta-se. Vem em direção a segunda para sair da sala. Passos lentos.
- 17) Segunda porta (plano médio). Ego FRAME-IN pela direita. Passa ao lado da porta sem se reter (seu reflexo aparece no vidro da porta). FRAME-OUT pela esquerda. Cena vazia por instantes. Ego volta (FRAME-IN pela esquerda). Pára em frente a porta, e permanece olhando seu reflexo.
- 18) Ego (primeiro plano) e seu reflexo. Permanece assim. Expressão triste? Toca o vidro como se tentasse tocar seu próprio reflexo.
- 19) Cadeira de balanço (plano médio). Alter-ego diante dela. Senta-se e começa a balançar, olhando para frente, olhando para Ego.
- 20) Ego (primeiro plano) e seu reflexo. Estático, expressão de medo. Ainda

- olhando seu reflexo. Vira a cabeça para a cadeira.
- 21) Cadeira de balanço (plano médio). Balançando sozinha.
 - 22) Ego (primeiro plano) e seu reflexo. Estático, olhando espantado para a cadeira.
 - 23) Porta (primeiro plano). Alter-ego olhando para Ego. Bate na porta para chamá-lo.
 - 24) Ego (primeiro plano) e seu reflexo. Torna a olhar para a porta, desta vez onde está Alter-ego.
 - 25) Porta (primeiro plano). Quadro vazio.
 - 26) Ego (primeiro plano) e seu reflexo). Olhando para a porta, torna a olhar para a cadeira de balanço.
 - 27) Cadeira de balanço (plano médio). Quadro vazio. Cadeira parada.
 - 28) Ego parado diante da porta (plano geral), olhando para a cadeira de balanço. FADE-OUT.
 - 29) FADE-IN. Relógio na parede. Novo horário. Zoom de afastamento. Ego sentado na poltrona lendo.
 - 30) Livro (primeiro plano). Ego lendo.
 - 31) Pés de Alter-ego caminhando lá fora.
 - 32) Ego, livro, pés de Ego, mãos, relógio (multi-primeiro-planos).
 - 33) Machado sendo carregado por Alter-ego (caminhando lá fora).
 - 34) Idem 32.
 - 35) Alter-ego (primeiro plano, fora). Levanta o machado.
 - 36) Idem 32.
 - 37) Alter-ego (primeiro plano, visto pela porta).
 - 38) Trincos da porta destrancando sozinhos (pensamento de Ego).
 - 39) Ego (primeiro plano).
 - 40) Alter-ego entrando com machado (plano geral, porta).
 - 41) Ego (primeiro plano) vira-se e assusta-se.
 - 42) Alter-ego aproximando-se com o machado (plano médio).
 - 43) Ego levanta-se (plano médio).
 - 44) Hall (plano geral). Ego dirige-se à porta do fundo que se fecha antes que ele chegue.
 - 45) Alter-ego se aproxima.
 - 46) Ego, sem saída, vai para a outra sala.
 - 47) Alter-ego se aproxima.
 - 48) Ego olhando ao redor desesperado.
 - 49) Panorâmica rápida, Ego no centro da sala. Vira-se para a porta.
 - 50) Porta (plano médio). Alter-ego parado nela, olhando para Ego. Começa a se aproximar.

- 51) Ego (primeiro plano), estático.
- 52) Alter-ego (primeiro plano), levanta o machado para atacar.
- 53) Mão de Ego segurando o livro (primeiro plano). Deixa-o cair.
- 54) Lâmina do machado FRAME-OUT rápido para baixo, como se tivesse caído.
- 55) Ego (plano geral ao fundo) sozinho.
- 56) Ego (primeiro plano) retomando o fôlego. Olha para o chão.
- 57) Livro no chão.
- 58) Ego (primeiro plano) abaixa-se.
- 59) Ego (Plano médio) agachado; pega o livro. Levanta-se e caminha até a estante (panorâmica). Deixa o livro lá. FRAME-OUT. FADE-OUT.
- 60) Fim.

PERFIL DOS PERSONAGENS:

<i>EGO</i>	<i>ALTER-EGO</i>	<i>EGO</i>	<i>ALTER-EGO</i>
<i>gentil</i>	<i>violento</i>	<i>sensível</i>	<i>insensível</i>
<i>humilde</i>	<i>fanfarrão</i>	<i>ingênuo</i>	<i>malicioso</i>
<i>covarde</i>	<i>valente</i>	<i>cortês</i>	<i>arrogante</i>
<i>mórbido</i>	<i>alegre</i>	<i>desajeitado</i>	<i>habilidoso</i>
<i>isolado</i>	<i>gregário</i>	<i>modesto</i>	<i>pretensioso</i>
<i>moral</i>	<i>amoral</i>	<i>benevolente</i>	<i>cruel</i>
<i>justo</i>	<i>injusto</i>		

EGOFOBIA - UM DUELO ENTRE O EGO E O ALTER-EGO

Egofobia faz uma análise psicológica do personagem, num ritmo de suspense; fazendo uma ligeira sátira à psicologia. A trama se desenrola a partir do momento em que o personagem (EGO), um jovem introvertido, ingênuo, desajeitado e intelectual, procura alterar sua personalidade através de um livro de psicologia. Aos poucos encontra outra, completamente adversa a sua (ALTER-EGO), que tenta o dominar. O personagem resiste a essa dominação, apesar de tê-la procurado, porque a adoção do ALTER-EGO implica na morte do EGO, ou seja, na anulação de si próprio. É claro que esta resistência ocorre inconscientemente, num clima de tensão e conflito bem propício ao suspense e às evocações fúnebres. Isto possibilita uma boa "adaptação" cinematográfica, principalmente se o projeto prever um curta-metragem. Há necessidade de apenas um ator, que terá, todavia, que representar dois papéis bem

adversos. As locações limitam-se a uma casa, ou parte dela, durante uma noite. Não há cenas nem efeitos complicados, sendo que a maior parte das trucagens é conseguida através de montagem. Aliás, esta torna-se essencial neste caso, tanto pela praticidade nas filmagens quanto na sua importância para o ritmo do filme. O mesmo ator deve se caracterizar de duas formas bem distintas: o modo de se vestir reflete a personalidade. Um par de óculos talvez reforce os traços de EGO; assim como os penteados. Há também a possibilidade de uso de duble de corpo para as cenas em que -- ocasionalmente acrescentadas à planificação -- EGO e ALTER-EGO apareçam juntos, um deles de costas ou na penumbra.

Novas idéias para transformação em conto e possível refilmagem

(Escrito a 29 de novembro de 1991, São Paulo)

- *Pode-se iniciar a estória com os pais de EGO se despedindo para sair a noite, e um comentário (da mãe ou pai para EGO, ou de um para o outro, já fora de casa sozinhos) de que ele deveria sair mais de casa, cultivar mais as amizades, enfim deixar de ser tão retraído e desenvolver uma vida social mais ativa. Introduz-se aqui a personalidade de EGO e seu problema.*
- *Sozinho, EGO busca na prateleira um livro de psicologia e se põe a ler. Comportamento típico de intelectual: ao invés de agir, teorizar. A leitura desperta sua imaginação. EGO começa a imaginar um outro EU, completamente diferente. EGO quer se libertar da jaula, mas não consegue; imagina-se fora dela então. Tudo é diferente, a começar pelas suas roupas. Imagina-se sem óculos, e com movimentos mais livres, não tão reprimidos. Imagina-se extrovertido, rodeado de gente, rodeado de garotas. Imagina-se bebendo fumando... tudo que sempre fora tabu para ele.*
- *A fantasia é interrompida por ruídos na casa. EGO está sozinho, e apesar de acostumado com a solidão, sente medo. Cada vez que EGO se convence de que não há ninguém na casa além dele, e volta à leitura, novo ruído (passos, coisas sendo remexidas) ou nova sensação (sensação de estar sendo seguido, observado) o interrompe. Manter esse suspense em clima crescente, desenvolvendo-o, sem revelar ALTER-EGO logo de início, guardando-o para o final e criando no leitor/espectador a mesma dúvida que EGO tem: há mais alguém ali ou é apenas sua imaginação? Pequenos acontecimentos, como portas anteriormente abertas aparecendo misteriosamente fechadas, devem*

estar presentes para provocar a dúvida e o conseqüente suspense. Desenvolver essa parte da estória baseando-se nesses princípios. Telefone dá sinal de estar sendo usado em extensão em outro cômodo da casa; objetos do quarto de EGO aparecem fora de lugar.

- *Pode-se culminar o suspense com EGO tentando sair da casa, e a chave estando desaparecida, a porta trancada. Ele se põe a procurá-la e nesse ponto aparece ALTER-EGO. Aproxima-se de EGO dando a explicação do filme:*

–Você me chamou, aqui estou. Sou você... do jeito que você quer ser. Queria que eu te substituísse. É isso que vou fazer. Mas não se preocupe, você continua existindo em mim, em memórias. Além do mais – completa, erguendo um taco de beisebol – não vai doer nada.

- *EGO reage, soltando/jogando o livro que tem em mãos e gritando, desistindo enfim da mudança de personalidade e ALTER-EGO desaparece. Fugir da jaula seria anular a si próprio.*
- *No desenvolvimento do suspense, o uso de efeitos sonoros torna-se muito importante, elementos da estória; o tic-tac do relógio, elemento do cenário; assim como a música deve prover uma devida atmosfera, um devido clima de suspense, e se possível, um clima insólito.*
- *Muda-se um pouco a estrutura, acrescentando dois diálogos (um no começo e outro no final) que explicam melhor o filme, descomplicando a estória. Procura-se criar um clima de suspense, deixando EGO em dúvida quanto à presença de mais alguém na casa e o perigo disso, além de deixar ALTER-EGO para o final, como uma surpresa.*

Museu de Cera

Primeiro Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan e Rodrigo Lemes

1) Dia. Alfa e Beta passam, de mochilas nas costas, em frente a uma casa abandonada. Param. Permanecem olhando para ela, imaginando o que há dentro. Continuam seu caminho. FADE-OUT.

2) Noite. FADE-IN. Barraca. Alfa dormindo, Beta ao seu lado. Sons noturnos, sem música. Alfa dormindo. Planos no museu, música de fundo. Alfa dormindo. Sons noturnos, sem música. Planos no museu. Música de fundo (sonho de Alfa). Alfa acorda. Resolve sair.

3) Alfa entra no museu. Olha ao redor. Várias estátuas de cera. Alfa examina-as, algumas o olham (desviando o olhar). A primeira desaparece sem que Alfa perceba. Na parede, encostada nela, uma estátua sem cabeça; e um lençol cobrindo algo. Alfa puxa o lençol. Há uma cabeça na parede, como um troféu de caça. Alfa percebe a falta da primeira estátua. Espanta-se. Percebe uma luz por uma porta. Vai até ela.

4) Quarto com caldeirões, ferramentas, etc... É a oficina de confecção das estátuas. Estilo medieval, alquimista. Olha tudo. Sai.

5) Alfa volta para a sala onde estava. Espanta-se. Todas as estátuas estão em posições diferentes, e paradas. Alfa vai até a porta, tenta sair. A porta está trancada. Encosta-se. Senta-se. Fecha os olhos. Estátuas começam a se mexer. Abre os olhos. Estão paradas. Fecha os olhos. Começam a se mexer novamente. Abre os olhos. As estátuas não estão mais lá. Da porta onde Alfa entrou, sai a primeira estátua. Atrás dela algumas outras. Alfa espanta-se, levanta-se. As estátuas cercam-no. Algumas seguram-no. Uma delas está carregando um caldeirão de cera fervendo. Viram-no sobre Alfa. A cera escorre sobre ele.

6) Beta na barraca. Acorda. Sente a falta de Alfa e sai.

7) Chega a casa. Entra. Beta vê as estátuas. Examina-as. A última delas é Alfa.

MISSION II - A Vingança

Primeiro Esboço

Escrito por Ricardo Nori Gáudio - Setembro de 1988

Noite:

-Alpha sentado em um bar qualquer, tomando algo (virado de costas para a porta) e pela porta entra Beta.

-Beta começa a procurar por Alpha. Acha. Vai em sua direção (Alpha de frente e Beta em sua direção). Nas costas de Alpha aparece a sombra de Beta.

-Alpha (visto de frente) e Beta (atrás). Alpha percebe algo atrás dele e começa a se virar devagar, mas ao mesmo tempo pisca a mão em sua sacolinha preta (a mesma de Mission), tira seu revólver e se vira para Beta, que já está com a arma apontada para Alpha.

-Alpha vê que não tem escapatória, começa a se apavorar. Alpha (visto de costas), Beta (visto de frente) e a porta de entrada no fundo, que começa a se abrir. Enquanto isso, dois caras sentados perto da porta se levantam e saem. Nisso, Gama (vestido socialmente) vira-se para Alpha e Beta e fica olhando friamente.

-Alpha olha para ele (Gama) e Beta vira-se para olhar também, espantando-se; o garçom (Delta) recolhe rapidamente as coisas de cima do balcão e sai.

-Enquanto Beta olha Gama, leva um tiro de Alpha e logo em seguida sai correndo, ao mesmo tempo que Gama tira uma arma e atira em Alpha, errando. Gama corre, então, em direção a Beta, que está caído (o tiro pegou no braço). Delta trás curativos para o ferido.

Dia:

-Gama e Beta sentados em uma mesa do bar (Beta com o braço enfaixado).

Noite:

-Ainda os dois sentados em uma mesa do bar e os dois caras sentados em uma mesa próxima (Delta limpando o balcão). A porta se abre e entra um estranho (Beta disfarçado). Gama e Beta não desconfiam de nada e Alpha vai até o balcão e pede uma bebida. O garçom (Delta) traz e quando chega a sua frente para lhe entregar a bebida, fica olhando firmemente para seu rosto, desconfiado. Alpha disfarça imediatamente, olhando para os lados. Delta sai.

-Alpha pega o copo e dirige em direção a sua boca, mas antes de beber, dá uma olhada rápida para os dois caras que estão sentados próximos aos outros dois (Beta e Gama) e toma sua bebida em um só gole. Levanta-se bruscamente do banco, enfia a mão dentro da jaqueta e tira o seu revólver, apontando para Beta e Gama que se levantam. Quando tentam tirar suas armas, os dois caras sentados próximos levantam e pegam-nos por trás.

-Alpha se aproxima deles (visto de costas). Beta e Gama (vistos de costas) e Alpha se aproximando. Tira os óculos, dá uma risada de morfético e aponta a arma para eles.

-Gama, Beta e Alpha (vistos de lado). Alpha ainda aponta a arma para eles. Por trás dele aparece o garçom (Delta) com uma faca que é posta no pescoço de Alpha. Os dois caras, que seguravam Beta e Gama, vão saindo devagar para a porta.

-Gama e Beta (vistos de frente, Alpha visto de costas) dão um sorriso entre si, olham para Alpha (ainda visto de costas) e fazem o sinal de FUCK YOU.

Naked

Primeiro Argumento

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

Estar a caminho do banho pode tornar-se uma sensação agradável, pra quem gosta de tomar banho. Pra que não gosta pode ser um martírio, comparável até a uma viagem à Martinica. Mas isso não vem ao caso, mesmo porque eu não sei onde fica a tal de Martinica. Ao caso vem o fato de que Hugo estava a caminho do banho, e ia vestido, com roupa e tudo. Talvez pelo fato de que preferia estar indo para a cama é que ia com certo desgosto. Ia cansado, e estava ansioso por terminar. No seu cansaço, esqueceu-se das roupas para vestir depois, da toalha e também do sabonete; ou seja, não lembrou de nada. Entrou no banheiro, que ficava do lado de fora daquela casa de campo; trancou a porta e despiu-se. Olhou para os lados: direita, esquerda. Depois para o teto. "Porra, esqueci o sabonete!" Resolveu sair. "Porra, estou nu!" Resolveu se enrolar. "Porra, cadê a toalha?" Não queria se vestir de novo, estava cansado demais para isso. Como era noite, resolveu sair correndo para a casa, pegar suas coisas e voltar rapidinho ao banheiro. Abriu a porta, olhou pros lados. Ninguém à vista. Saiu. Bateu a porta. Correu. Tentou entrar e... porta trancada! Voltou pra se vestir. Tentou entrar no banheiro e... "Que idiota, por que bater a porta? Só pra se trancar?" Querendo ou não conseguiu: trancou-se nu para fora.

Naked

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

-Casa (plano geral).

-Alpha sai da casa carregando suas roupas e entra no banheiro. Deixa a porta da casa meio aberta e tranca a do banheiro.

-Começa a se despir.

-Beta passa em frente a porta entreaberta da casa e a tranca por dentro.

-Alpha ameaça abrir a torneira do chuveiro. Olha a saboneteira: não há sabonete. Olha para o cabide: não há toalha. Pensa por alguns instantes, resolve sair do jeito que está.

-Alpha sai do banheiro nu. Bate a porta ao sair. Tenta entrar na casa. Porta trancada. Bate para Beta abrir.

-Beta de fone de ouvido, escutando música e lendo "Playboy".

-Alpha desiste, resolve voltar ao banheiro e se vestir. A porta do banheiro também está trancada. Volta a bater na porta da casa.

-Beta de fone de ouvido, escutando música e lendo "Playboy".

-Alpha desiste. Cobre-se com as mãos. Sai do quadro.

-Alpha chega a uma mesa. Há um jornal sobre ela. Começa a pegá-lo quando vê alguém se aproximando, Delta. Alpha senta-se e abre o jornal como se estivesse lendo, ocultando sua nudez (o jornal oculta a porta superior do corpo, e a mesa oculta a parte inferior). Delta pára para amarrar seu tênis. Olha sutilmente para Alpha (um plano de perfil revela o quão precária e cômica é a situação de Alpha) e segue seu caminho. Alpha cobre-se com o jornal e sai do quadro.

-Há um mendigo dormindo em um banco. Alpha se aproxima.

-Beta tira o fone de ouvido e desliga o aparelho de som.

-Alpha veste a camisa do mendigo (primeiro plano). Está completamente vestido (com as roupas do mendigo) em frente ao banco. Sai de quadro deixando apenas o mendigo deitado em sua posição original, nu, com o jornal cobrindo-o.

Gemini

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Outubro de 1988

Vem Felipe se contorcendo, mantendo a lisa musculatura da bexiga contraída, guardando o líquido para que não lhe vazze nas roupas. Acha um lugar adequado: pobre moita! Pouco antes da musculatura se soltar, todavia, Felipe vê jogada no chão uma garrafa vazia. Apelo ecológico: urine na garrafa! Foi o que fez. “Foi uma boa ação.”, pensou. Teria sido se tivesse sumido com a garrafa. Não foi o que fez. Simplesmente foi-se embora deixando-a ali mesmo.

O tempo passou: minutos, talvez horas. Chega Romão à moita. Não tinha intenção de urinar, nem de defecar. Simplesmente chegou, nem nada para fazer. Também não sentia nada: nem frio nem calor, nem fome nem sede, nem sono nem nada. Simplesmente chegou. E assim que chegou, deparou-se com uma misteriosa garrafa cheia de um misterioso líquido. Sem nada para fazer, sem nada para sentir, nem nada a perder, bebeu seu conteúdo. Sentiu sono e dormiu.

O tempo passou novamente. Romão acordou. Acordou com as mesmas roupas, mas com o corpo diferente. Acordou com o corpo daquele a quem pertenciam os direitos autorais do misterioso líquido. Havia agora dois Felipes, um deles com alma de Romão.

E Romão saiu a caminhar, sem saber aonde ir ou o que encontrar. Caminhou durante algum tempo e encontrou com alguém. Para ele era apenas mais um desconhecido; mas para Felipe, Romão era uma réplica de si. Olhou perplexo para ele, sem entender o que ocorria. Romão, por sua vez, olhava naturalmente para Felipe, sem saber que tinha a face transformada naquela face que via, sem entender porque o outro estava tão perplexo. Permaneceram alguns instantes a se olhar até que Felipe virou-se e foi embora. Romão deu de ombros, continuou a caminhar.

E o tempo passou, e Romão estava a caminhar, ainda sem destino, quando começou a sentir necessidade de soltar a musculatura da bexiga. Procurou por uma moita e urinou. Ao fechar o zíper de sua calça, estava de volta ao seu corpo. Era novamente Romão, em todos os sentidos.

Santa Rita do Passa Quatro, Outubro de 1988

O Filatelista

Primeiro Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Janeiro de 1989

PERFIL DOS PERSONAGENS:

CALIGARI: vive aos moldes do século XIX, no seu modo de se vestir, nos seus hábitos, no seus gostos literários. Sua biblioteca conserva-se como seu avô a deixou, nenhum volume foi acrescentado. Sua principal paixão: seus selos. É misterioso, carrancudo e de poucas relações. Não possui amigos. Sua maior frustração é de não poder possuir o álbum de selos raros de Wiene, outro filatelista, um dos poucos conhecidos.

WIENE: é um intelectual. Introverso, mas aprecia a companhia de colegas intelectuais, dos quais é amigo e mantém relacionamento, e diante dos quais pode tornar-se extroverso. Possui um álbum de selos raros que herdou de um tio austríaco, e que conserva sob severa guarda. Já negou vendê-lo a Caligari por qualquer preço.

CONRAD: jovem carteiro, ignorante ao mundo de Caligari e ao mundo de Wiene. É, no entanto, usado pelo primeiro como instrumento para obter o álbum do segundo.

ENREDO

Cena 1

Caligari está em seu escritório, observando seus selos. A lupa distorce o tamanho dos selos, e também o tamanho do olho.

Conrad bate à porta de Caligari, trazendo uma rara carta. Caligari espanta-se com a visita inesperada (como se houvesse, alguma vez, esperado alguém). Observa o carteiro pelo "olho mágico" e tem a idéia de usá-lo como instrumento para um plano: matar Wiene e pegar seu álbum.

Caligari abre a porta, e antes que Conrad entregue-lhe a carta, o primeiro tira uma relógio de bolso (do bolso) e o hipnotiza. Conrad tem visões estranhas de selos. Um estalar de dedos tira-o do transe e de forma que não se lembre de nada. Conrad entrega a carta a Caligari e vai embora.

Cena 2

Caligari tira o relógio de bolso (do bolso) e vê que horas são. Onze horas. Bastava virar a cabeça e olhar o relógio de parede ao seu lado (ao fundo do quadro).

Conrad está dormindo. Abre os olhos sem acordar. Não é sonâmbulo, mas está sonâmbulo. Levanta-se.

Caligari vai até a estante e pega um velho livro.

Conrad vai até a cozinha e pega uma afiada faca.

Caligari senta-se para ler.

Conrad sai de casa, de pijamas e ainda dormindo.

Caligari vira uma folha.

Wiene está observando seu álbum.

Conrad bate à porta de Wiene.

Wiene fecha o álbum para atender a porta.

Conrad bate novamente.

Caligari lê.

Conrad levanta a faca e esfaqueia Wiene.

Caligari checa as horas e fecha o livro.

Agora Wiene está morto no chão.

Cena 3

Manhã seguinte. Caligari está em seu escritório, observando seus selos.

Conrad bate a sua porta. Caligari não se espanta com a visita esperada. Atende a porta.

Conrad lhe entrega um pacote e se despede.

Caligari fecha a porta, entra com o pacote e o abre. É o álbum de Wiene.

OBSERVAÇÕES:

Os traços de personalidade das personagens são irrelevantes para a estória. São úteis, porém, para os atores e para o diretor.

Para conferir uma atmosfera mais adequada ao clima hipnótico, sugere-se o uso de um visual psicodélico, tanto pela direção de arte específica (cenografia e figurino), como pela composição de ângulos e movimentos de câmera, além, é claro, de trilha sonora e efeitos sonoros insólitos.

O Templo

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Fevereiro de 1989

Perseu não estava estudando mitologia, estava olhando figuras e copiando textos para um trabalho. Às vezes se impressionava com a perfeição de algumas pinturas e principalmente das esculturas. “Isto é que é arte!”, pensava. “Não os rostos tortos nem os borrões que se fazem hoje.”

Enquanto apreciava a fotografia de uma escultura, notou um zumbido. Não sabia dizer quando começara. Estava distraído e era quase imperceptível. Mas agora ele tinha notado. Foi até a porta da frente, de onde parecia ter origem.

Uma estranha luz penetrava pelas frestas da porta e agora o zumbido era mais alto. O medo era grande, mas a curiosidade foi maior. Perseu abriu a porta. O zumbido parou.

Na varanda havia um estranho vaso, e uma estranha luz emergia dele. Perseu ajoelhou-se a sua frente e meteu a mão dentro dele. A imagem de uma bela mulher formou-se em sua mente. Primeiro de corpo inteiro, estendendo-lhe a mão como se o chamasse. Em seguida apenas seu rosto. Tinha uma face angelical, mas expressão triste.

De dentro do vaso Perseu tirou uma chave. Olhou para ela. Parecia uma chave comum. Continuava ajoelhado diante do vaso, mas não mais em sua varanda. Parecia perdido no meio do mato. A sua frente havia uma construção. Não era grande. Poucos metros de altura, mais alta do que larga ou comprida. Parecia uma capela, ou um templo, não fosse pela arquitetura que não era nem sacra nem clássica. Havia uma porta, e uma fechadura nela.

Contemplou a construção por instantes, até que resolveu testar a chave que segurava. Dirigiu-se vagarosamente até lá. Enfiou-a na fechadura e lentamente a girou. A porta se destrancou. Perseu a abriu e entrou.

Havia muita fumaça, logo ficou alguns instantes sem nada enxergar. A porta continuava atrás dele, mas as paredes que deveriam cercá-lo não estavam lá, e a fumaça não era fumaça, era neblina. Atravessou a porta para um lugar fechado e chegou a um lugar aberto. Parecia um campo.

Andou alguns passos a frente. A sua esquerda havia um homem de toga deitado sobre uma espécie de banco, e uma mulher, também de toga, que dava uvas a ele, colocando-as sensualmente em sua boca. Olharam despreocupados para Perseu e voltaram a dar e comer uvas. Perseu seguiu seu caminho, sem saber para onde caminhava.

Sem ter que andar muito, chegou a uma mesa de pedra. Deitada sobre ela havia uma jovem mulher e ao lado, em pé, outro homem de toga. Perseu percebeu, sem compreender, que a mulher deitada sobre a mesa era a mesma que vira ao por sua mão no vaso.

O homem ergueu um punhal acima da mulher. Perseu compreendeu que seria sacrificada. Desesperado, soltou um grito, na tentativa de impedir tal ato. O homem virou-se para Perseu vagarosamente, baixando o punhal sem tocar na mulher. Sua face tinha uma expressão séria, repreensiva. Virou-se e saiu. Perseu não compreendeu tal atitude.

A bela mulher apenas viu seu carrasco partir. Depois levantou-se, ficando sentada sobre a mesa, olhando delicadamente para Perseu. Ele estava pasmado e ao mesmo tempo encantado com sua beleza. Estendeu-lhe a mão. Ela desceu da mesa e ficou diante dele. Segurou sua mão. Perseu levantou a outra e tocou-lhe o rosto.

Contemplava sua beleza quando percebeu que alguém se aproximava por onde o carrasco se afastara. Era o próprio, acompanhado pelo que Perseu supôs ser um guerreiro. Carregava um escudo em um braço e uma espada no outro. O carrasco apontou para os dois e o guerreiro avançou. Perseu puxou a mulher e começaram a fugir. Procurava pela porta. Não tardou para que passassem pelo casal das uvas. O guerreiro continuava atrás deles. Chegaram à porta e atravessaram-na. Estavam eles diante daquele templo ou fosse lá o que fosse. Perseu trancou a porta afobado. Virou-se então para contemplar a mulher e retomar o fôlego.

Notou que sua imagem se desfazia e ela pouco a pouco desaparecia. Tentou se aproximar para tocá-la novamente, mas quando chegou perto já tinha desaparecido completamente.

Tristemente olhou para o vaso. Foi até ele, ajoelhou-se e depositou a chave em seu interior. Levantou-se sem saber para onde ir quando notou que estava de volta à sua varanda. Olhou para o vaso. Não estava mais lá.

Sem saber o que pensar, voltou aos livros e em um deles encontrou a bela mulher numa pintura clássica. Continuou sem saber o que pensar.

Congelado

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Abril de 1989

Fazia já algum tempo que ninguém ia àquela fazenda. Para Norton e Fred era apenas um meio de se fugir do tédio que a cidade vinha se tornando para eles. É claro que, para eles, seria mais entediante ainda um fim de semana no campo, mas quando voltassem para casa ficariam tão aliviados que esqueceriam do tédio.

A fazenda era do pai de Norton. Não estava produzindo nada; só era usada nos fins de semana em que queriam fugir da civilização, mas isso raramente acontecia, e a fazenda ficava sozinha. Norton e Fred iam quebrar essa solidão, ou melhor, juntar-se a ela. Jim chegaria no dia seguinte, e então não seriam mais dois solitários, e sim três.

A casa tinha de tudo, desde televisão até piscina, só que ela estava tão suja que não podia ser usada. Tinha uma geladeira também.

Chegaram às cinco da tarde de uma sexta-feira, com milhões de coisas de bagagem, algumas úteis, outras inúteis. Descarregaram a camionete na varanda e o pai de Norton partiu, sem ao menos olhar a casa. Estava com pressa. Estranho seria se não estivesse. Foi por isso que descarregaram tudo na varanda, ao invés de levarem tudo direto para dentro. Perderam bastante tempo no traslado das coisas da varanda para dentro.

Pode-se pensar que estavam bastante dispostos a trabalhar, mas metade das coisas que levaram seria deixada para trás. Apenas o básico voltaria, ou seja, o supérfluo.

Na cozinha começaram a tirar as coisas dos pacotes. Havia algo que precisava ser posto na geladeira, e havia uma geladeira, e ela estava ligada. Sabiam que se ficasse desligada por muito tempo, não funcionaria, ou funcionaria muito mal, até que o gás fosse trocado. Mas ela estava ligada. Fred ia abri-la quando viu uma chave sobre ela. Era da porta da frente. Norton achou estranho, pois sabia que só havia uma cópia da chave, a que estava com ele. Puseram-na de volta sobre a geladeira. Fred abriu a porta e ficou estático, empalideceu. Norton notou sua expressão e perguntou o que havia acontecido. Não houve resposta. Reparou então nos olhos de Fred olhando fixamente para dentro da geladeira e desviou seu olhar para lá. Também ficou estático e empalideceu. Que corpo seria aquele dentro da geladeira? Fred olhou para Norton e Norton para Fred. Por instantes não disseram nada. O que fariam? Poderiam ser acusados de assassinato!

Depois de se acalmarem, resolveram ligar para o pai de Norton, mas quando tiraram o telefone do ganho, perceberam que estava mudo. Ponderaram e resolveram enterrar o morto. Foi o que fizeram. Levaram o corpo, nu como haviam-no encontrado, para fora e cavaram uma cova; bem rasa na verdade, não tinham experiência em escavações.

Voltaram para a casa apavorados. Não sabiam se arrependiam-se do que tinham feito ou o quê. Queriam voltar para a cidade, mas não havia como. Começava a anoitecer, e quanto mais pensavam, mais escurecia. Por que o pai de Norton não emprestara o carro justo naquele fim de semana? Entraram na casa, mas evitaram a cozinha. E o pior é que começavam a sentir fome. Fred teve a genial idéia de empacotar as suas coisas, e quando Jim chegasse no dia seguinte, pegariam carona para a cidade imediatamente, com quem quer que fosse que o trouxesse. Foi para o quarto. Norton continuou na sala. Sentia-se péssimo. Tentava pensar em outra coisa, mas sua mente dava voltas e sempre voltava a pensar no corpo que tinham enterrado. Tinha sentimentos asfixiantes que variavam de medo a remorso, apesar de saber que não era o assassino. De repente, um pensamento terrível passou por sua mente: e se ele não estivesse morto? Neste caso sim, eles seriam os assassinos. Teriam-no enterrado vivo! Tentou afastar esses pensamentos; no dia seguinte voltariam e conversariam com seu pai. Iriam até a polícia e diriam que lhes ocorreu de enterrá-lo simplesmente porque era um defunto. Claro que iriam entender. Mas e se a autópsia desse que a morte tinha sido causada por asfixia? Então eles poderiam ser os assassinos. E se não dissessem nada? Bem, nesse caso poderiam achar o corpo e tudo se tornaria mais complicado; não o tinham enterrado tão fundo. O melhor mesmo seria procurar a polícia.

Tinha chegado a essa conclusão quando Fred entrou na sala. Trazia algumas roupas em suas mãos, mas definitivamente não eram deles. Chegaram a conclusão de que pertenciam ao morto. Não conseguiam entender mais nada.

A preocupação deles quanto a isso terminou quando ouviram um barulho vindo da cozinha. Ficaram quietos, apreensivos, esperando atentamente por um som que esperavam que não se repetisse. Mas se repetiu. Definitivamente havia alguém ali. A apreensão tornou-se pavor. Esperaram quietos. A maçaneta da porta da cozinha girou lentamente. Depois a porta começou a se abrir. Correram para a porta da frente para fugir. Afobaram-se e não conseguiram abri-la. Foi quando ouviram uma voz familiar, dizendo algo que o pavor não deixava distinguir. Tinha um tom irônico. Norton e Fred viraram-se e viram Jim rindo do susto que lhes dera.

Chegou quando estavam fora, enterrando o corpo, e foi até a cozinha comer algo. Tinha enforcado aula, chegando um dia antes e feito com que Norton e Fred perdessem a carona do dia seguinte. Reconstituíram-se do susto e explicaram a Jim o que estava acontecendo.

Enquanto isso, o calor do solo fazia com que o corpo enterrado saísse de seu estado de hibernação. Começou a se desenterrar, a terra ainda fofa. Suas mãos e braços se libertaram e empurraram o resto do corpo para fora da cova. Estava nu e todo sujo, ainda confuso, como quem acorda de um sono profundo em um lugar estranho. Precisava ir a algum lugar. Resolveu ir à casa da fazenda do pai de Norton, onde estava. Era o lugar mais próximo. Não sabia o que tinha acontecido, mas tinha suas suposições. Uma delas era a verdadeira. Sabia que poderia encontrar problemas ao voltar àquela casa, mas decidiu que era sua melhor escolha.

Jim não estava apavorado, portanto pensava melhor do que os outros dois. Sugeriu que partissem no dia seguinte, a pé mesmo, e pegassem carona na estrada. Na cidade, contariam tudo ao pai de Norton, e ao seu, que era advogado, e iriam à polícia. Tudo resolvido. Jim acompanhou Norton e Fred até a cozinha e ficou com eles enquanto comiam. Foi quando bateram na porta da frente. Os três ficaram apreensivos, um esperando que o outro se levantasse para atender. Quando Jim finalmente se decidiu, Norton e Fred o impediram. Temiam quem quer que fosse, e era justamente quem mais temiam. O defunto, que aliás estava vivo, bateu novamente. Nenhum dos três se mexeu. Esperavam que o estranho fosse embora. Não sabiam que era aquele que tinham enterrado, e muito menos esperavam que estivesse vivo.

Finalmente ele parou de bater, mas fez algo pior, justamente quando começavam a respirar mais aliviados: ele olhou pela janela da cozinha. Jim foi o primeiro a ver, e assustado, mas contido, fez com que os outros dois também olhassem. Seu rosto estava apenas sujo de terra, mas o pavor fez com que Norton e Fred vissem-no em estado de avançada putrefação. Esperavam tudo, menos que estivesse vivo, e interpretaram sua volta como vingança. Quando ele descolou a cara do vidro e caminhou para a porta da cozinha, Jim lembrou-se de que a tinha deixado aberta, e como não havia tempo para fechá-la, levantou-se apavorado para fugir, chamando os dois amigos. O suposto defunto entrou, enquanto os três saíam apavorados pela porta que dava para a sala. Ele estava disposto a se explicar, mas percebeu que isso seria impossível.

Enquanto o corpo estava fora da casa, queriam estar dentro, mas agora que o corpo estava dentro, queriam estar fora. Atravessaram a sala e saíram o mais rápido possível.

Depois de algum tempo de correria, Jim olhou para trás. Lá estava o corpo, em pé na varanda. Ouviam os sons horríveis que ele proferia. Na verdade, apenas gritava para que não tivessem medo. Mas eles ouviam sons animais. Aumentaram o ritmo.

Finalmente o morto-vivo, bem mais vivo do que morto, desistiu de chamá-los. Entrou, trancou as portas e deixou as chaves na cozinha. Tomou um banho. Pôs suas roupas de volta onde Fred as tinha encontrado. Comeu alguma coisa, e voltou à geladeira.

São Paulo, abril de 1989

Contato

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

Murdock chega ao ponto de encontro com cinco minutos de antecedência, como sempre. A noite está escura. Chega vagarosamente, fazendo suspense para uma platéia inexistente. Controla seus passos e pára. Na penumbra, dá uma tragada em seu cigarro. Joga-o no chão e pisa para apagá-lo. Está usando seu tradicional sobretudo, as golas levantadas contra o frio, e seu tradicional chapéu. Sob seu braço, um jornal. Está prestes a receber um microfilme de seu contato, que deve encontrá-lo ali dentro de alguns minutos.

Encosta no muro e abre o jornal. Sua intenção é mais de disfarce do que de leitura, mas o texto também serve para passar o tempo. Ele sabe que seu contato pode chegar na hora marcada, como também pode atrasar alguns minutos, talvez mais. Apesar dos horários, muitas vezes os agentes não os respeitam. Sempre surgem imprevistos.

Durante alguns minutos, Murdock fica com sua atenção concentrada na leitura. Depois de um minuto do horário marcado, percebe alguém se aproximando, provavelmente seu contato. Mira o relógio, e deixa que se aproxime. São dois homens. Passam por ele e sentam-se em um banco próximo. Definitivamente não é seu contato. Na verdade, parecem agentes do serviço contra-espionagem. “Maldição!”, pensa. “Descobriram nossa entrega de novo! Se não descobrirmos logo quem é o maldito informante, nossa rede inteira vai acabar ruindo.” Não tem escolha porém. Não compensa ir ao ponto de encontro de emergência nesse caso, pois já foi visto e com certeza seria seguido, a menos que não sejam espíões realmente. Se não forem, não haverá problema em ficar ali. Mas Murdock está convencido de que são. Têm todos os traços. Olha-os discretamente por sobre o jornal, e os vê conversando. Parecem não dar importância a sua presença, mas ele sabe que é apenas fingimento.

O tempo vai passando e Murdock vai ficando nervoso com a espera. Se ao menos aqueles dois inoportunos fossem embora, então ele poderia esperar horas sossegado. Agora ele tem certeza de que são contra-espíões. O correto mesmo seria ir ao ponto de encontro secundário. Se fosse seguido, iria embora, cancelando a entrega. Seria mais seguro. Mas resolve ignorar as regras. Tem um forte pressentimento de que deve ficar onde está e aguardar. No fundo, porém, sabe o que vai acontecer: seu contato vai chegar e não vai

completar a entrega, como da última vez; novo encontro será marcado e mais a missão se atrasará. E quem garante que da próxima vez a contra-espionagem não vai ser tão eficiente como vem sendo? Ainda não sabem quem é o informante. Não têm nem uma pista.

Se ao menos o contato tivesse chegado no horário... Os contra-espões se atrasaram. Teria dado tempo de completarem a entrega. “Maldito contato! Não sabe para que servem os horários?”, pensa ele.

O relógio marca quarenta minutos de atraso quando percebe novamente que alguém se aproxima. “Deve ser ele.”, pensa. Deixa que se aproxime, veja os dois agentes e se afaste. De repente Murdock teme pelo que pode acontecer. Arrepende-se de ter quebrado as regras. “Foi muita burrice!” Lembra-se do que aconteceu a Kiefer, numa situação similar. O pressentimento para ficar havia sido tão forte... Mas agora já se dissipara, e só resta a razão, e ela lhe diz que o que ele fizera havia sido uma grande estupidez.

O contato se aproxima, mas não se afasta, como Murdock esperava que fizesse. Pára próximo a ele para dar continuidade a entrega. Murdock fica tenso, mas tenta agir normalmente. Sabe que os agentes os observam. Volta-se para seu contato. É uma mulher. “Devia ter desconfiado. Primeiro, quarenta minutos de atraso. Depois, não percebe os agentes e continua com a entrega.”

Ela aproxima-se ainda mais dele, com um sorriso amigável no rosto. Toca-lhe a face e aproxima-se para beijá-lo. Beijam-se. Murdock fica impressionado.

Depois de beijarem-se por algum tempo, trocam algumas palavras desconexas, sem relação com a missão, como se fossem realmente conhecidos. Ela discretamente retira um pequeno cartucho do seu bolso e o coloca no bolso do sobretudo dele.

Ele sabe que estão sendo observados.

Os contra-espões aproximam-se, armados de pistolas. Murdock e sua contato permanecem parados. Ele sabe que além do microfilme, vão querer levar os dois para arrancar-lhes informações sobre sua rede. Terá sorte se, como Kiefer, conseguir se suicidar antes de começar a ser torturado.

Um dos agentes enfia a mão no bolso do sobretudo de Murdock, e tira-lhe o pequeno cartucho que sua contato ali colocara momentos antes. Guarda-o em seu próprio bolso.

De repente, ouvem um tiro. Um dos contra-espões sucumbe. O outro joga-se no chão para se defender. O atirador oculto continua com os

disparos, dando cobertura para que Murdock e sua contato, na confusão, consigam fugir.

Ele entra no metrô cansado, mas aliviado. Falta um pouco ainda para que a missão esteja completa. Essa etapa, no entanto, finalmente foi cumprida. Murdock está impressionado com o curso que as coisas tomaram. De dentro da boca, tira um pequeno cartucho, semelhante àquele que os contra-espiões confiscaram. Olha para ele satisfeito.

“Acho que nunca um beijo foi tão útil!”, pensa ele guardando o cartucho no bolso. “O contato está feito.”

Santa Rita do Passa Quatro, 8 de junho de 1989

(reescrito a 18 de dezembro de 1995)

Vlad

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan e Guilherme de Rossi - Julho de 1989

#1 FOGUEIRA

Grupo em volta de uma fogueira.
Alpha sai para urinar.

#2 MATO

Alpha urina, caminha até árvore. Vê a si próprio amarrado na árvore, com uma cicatriz no rosto e expressão triste.
Volta para a fogueira.

#3 FOGUEIRA

Não há mais ninguém.
Pega suas coisas e vai embora.

#4 RUÍNAS

Alpha chega a uma casa em ruína. Entra. Vlad está sentado em uma espécie de trono. É um dos amigos da fogueira.
Vlad dá um sinal. Dois carrascos aparecem e amarram-no. São amigos de Alpha, também.
Encostam um ferro em brasa em seu rosto, marcando-o com a cicatriz.
Vlad olha cruelmente para Alpha, enquanto este agoniza no chão.
Um dos carrascos se aproxima e bate-lhe com um pedaço de pau.
Vlad olha cruelmente para Alpha novamente.

#5 MATO

Alpha sendo carregado numa espécie de maca.
Corda sendo amarrada na árvore.
Corda sendo amarrada no pulso de Alpha.
Alpha sendo preso na árvore.
[Alpha desfalecido; levanta a cabeça. Vê a si próprio olhando espantado para si. Olha para si mesmo com expressão de pena do outro Eu, pois sabe o que irá lhe acontecer.]
(Repetição da cena #2)

#6 FOGUEIRA

Todos em volta da fogueira, menos Alpha.

Beta levanta-se para procurar Alpha.

Na mesma árvore, vê um preso.

Repetição da cena #2, agora com Beta.

A Ampulheta

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Colônia, Novembro de 1989
(Semana da Queda do Muro de Berlin)

CENA #1

Subcena #1.a - Rua/em frente a casa de Caligari/Dia

- Felipe indo pra escola. Está atrasado, olhando pro relógio.
- Vê César, com quem tem problemas, vindo em sua direção.
- Entra apressado na casa de Caligari, para não ser visto

Subcena #1.b - Casa de Caligari/Interior/Dia

- Felipe fica escondido atrás da porta da frente, dando um tempo para César se afastar.
- Olha para dentro da casa, para ver se não há ninguém. Móvelia antiga. Através de uma porta meio aberta vê Caligari sentado diante de uma escrivaninha, com o corpo caído sobre ela, aparentemente morto.
- Chega mais perto para ver melhor. Até a porta. Não tem coragem de se aproximar mais.
- Afasta-se. Sobre a mesa de outra sala, cuja porta está aberta, vê uma ampulheta. Aproxima-se.
- Senta-se diante da mesa e fica olhando fascinado para a ampulheta.
- Vira-a; areia caindo. Olhos de Felipe fixos. Areia terminando de cair.
- Felipe olha para o relógio de parede. Marca o horário. Pêndulo oscilando. Vira a ampulheta. Areia caindo. Plano geral da sala: tudo calmo, estático, relógio ao fundo com o pêndulo parado em posição não vertical (detalhe). Areia caindo. Olhos de Felipe fixos. Último grão de areia cai. Pêndulo recomeça seu movimento (PP). Felipe olha o horário. Continua o mesmo.
- Vira a ampulheta novamente. Olha para o relógio (panorâmica vertical do mostrador ao pêndulo). Pêndulo parado em posição não vertical. Felipe espantado (PP), olha para a ampulheta. Areia caindo.

FADE-OUT.

CENA #2 - Escola/Interior/Dia

FADE-IN.

- Porta fechada. Alguém a abre. É a professora, que entra na classe. Os alunos estão sentados. Felipe entre eles.
- A professora distribui folhas de prova. Os alunos começam a fazer.
- Ela vai ao quadro-negro. Olha no relógio. Começa a escrever: “13:04...” (Corte antes que ela termine o resto).
- A mochila de Felipe está de cabeça para baixo. Ele a endireita.
- Olha para a professora. Está paralisada, escrevendo no quadro-negro.
- Olha para os outros alunos. Estão paralisados, fazendo suas provas.
- Felipe abre sua mochila. Tira alguns livros, atrás dos quais aparece a ampulheta com a areia caindo. Começa a colar.
- Fundo negro. Panorâmica horizontal, FRAME-IN/Ampulheta/FRAME-OUT. Areia caindo. (Denotando a passagem de tempo para Felipe).
- Felipe lendo a prova pronta. Ampulheta no seu colo, areia caindo. Guarda a ampulheta em sua mochila, e os livros logo em seguida.
- Fica esperando o tempo voltar. Olha para a professora, paralisada diante do quadro-negro. Olha para os outros alunos, paralisados sobre suas provas.
- Último grão cai. Professora diante do quadro-negro termina de escrever: “...14:04”. Vira-se para sua mesa e senta-se.
- Felipe pega sua mochila, sua caneta sobre a carteira, sua prova e levanta-se. Entrega a prova para a professora e sai.
- Ela olha para a prova e se espanta. Olha para Felipe, que já saiu.

CENA #3 - Rua

- Felipe indo para casa. Mochila nas costas.
- Vê César vindo em sua direção.
- Pára. Tira as mochilas das costas.
- César vê Felipe. Dá um ligeiro sorriso e vem em sua direção, com ar de quem quer briga.
- Felipe vira sua mochila.
- César paralisado, vindo em direção de Felipe.
- Felipe, com expressão de vitória, continua seu caminho.
- César paralisado. Sai da paralisia. Muda de expressão, ficando surpreso, pois Felipe não está mais diante dele.

CENA #4 - Casa/Interior/Noite

- Felipe entra no seu quarto vestindo um robe de banho. Cabelo molhado. Toalha no pescoço.
- Pega seu relógio de pulso, que estava sobre a escrivaninha ao lado da ampulheta, e olha o horário. “9:22”
- Vira a ampulheta. FRAME-OUT enxugando a cabeça.
- Fundo negro. Panorâmica horizontal. FRAME-IN/Ampulheta/FRAME-OUT. Areia caindo. (Denotando passagem de tempo para Felipe).
- Felipe sentado, arrumado, terminando de amarrar os sapatos.
- Olha para a ampulheta. Pouca areia faltando para cair. Vira-a novamente.
- Pega o relógio, e num movimento brusco bate, sem querer, a mão na ampulheta, que cai no chão e se quebra.
- Felipe olha apavorado para ela.
- Relógio de parede. Mostrador: “9:22”. Panorâmica vertical até o pêndulo, que está parado em posição não vertical. O tempo está parado e a ampulheta está quebrada.
- Felipe olhando para a ampulheta quebrada.
- Ampulheta quebrada.
FADE-OUT.

CENA #5 - Casa/Interior/Hora Indefinida/Cena sem música

FADE-IN.

- Felipe está sentado diante de sua escrivaninha, profundamente deprimido. A sua frente há um revólver, e seu relógio.
- Olha para o relógio. “9:22”.
- Pega o revólver e encosta contra sua cabeça.
- Pêndulo do relógio de parede parado em posição não vertical. Barulho de tiro. Pêndulo começa a oscilar.
- Felipe sentado diante de sua escrivaninha, com o corpo caído sobre ela. Ampulheta inteira ao seu lado, onde estava antes de cair.
- Pêndulo do relógio oscilando.

FADE-OUT.

FIM.

Coming From The Sky

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Colônia, Dezembro de 1989

CENA #1 - Noite

- EXT.BARRACA: Barraca no topo do morro. Disco desce.
- INT.BARRACA: Sombras ao fundo se movendo. Alfa acorda. Levanta-se para sair.
- EXT.BARRACA: Zíper da barraca se abre (PP). Alfa sai (PG) e vai urinar na árvore. Luz vinda de trás do morro. Olha para lá.
- LINHA DE VISÃO: Luzes, disco voador, ETs analisando o solo.
- EXT.BARRACA: Alfa volta para dentro, amedrontado.
- INT.BARRACA: Alfa se cobre. Fica apreensivo. Luzes no fundo diminuem.
- EXT.BARRACA: Disco sobe

CENA #2 - Dia

- INDEFINIDO: Pesadelo.
- INT.BARRACA: Alfa acorda do pesadelo. Beta já está acordado e sai.
- EXT.BARRACA: Beta vai urinar na árvore. Olha para onde o disco desceu. Fica atônito. Chega Alfa ao seu lado. Mesma expressão.
- LINHA DE VISÃO: Círculo queimado no chão. Rastros.
FADE-OUT.

CENA #3 - Noite

FADE-IN.

- EXT.BARRACA: Alfa e Beta saem, trazendo cobertores, máquina fotográfica. Sentam fora, com vista para onde o disco desceu. Esperam.

CENA #4 - Noite

- EXT.BARRACA: Multi-planos (passagem do tempo). Ex: arbusto parado começa a se mover por causa do vento (disco descendo?). Alfa e Beta estão dormindo. Luzes em seus rostos. Alfa acorda. Olha para as

luzes.

- LINHA DE VISÃO: ETs a sua frente. Levantam o braço, em cumprimento. Viram-se e seguem para o disco.
- EXT.BARRACA: Alfa pega a máquina fotográfica apressado. Hesita. Olha novamente para os ETs. Deixa a máquina lá, sem tirar foto, e vai atrás deles. FRAME-OUT.
- AO DISCO: Alfa FRAM-IN de costas (dublê de corpo). Vai para o disco enquanto alguém vem em sua direção. É uma réplica de Alfa.
- EXT.BARRACA: A réplica toma o lugar de Alfa ao lado de Beta.
- AO DISCO: Alfa compreende e segue seu caminho.
- EXT.BARRACA: A réplica acorda Beta, que fica abismado com o disco que ambos vêm partir.

THE END.

Some Words About “Coming From The Sky”

É basicamente um remake do filme pré-koboldiano “O Filho de Sirius”, sendo, no entanto, uma nova versão em Quick Movie, sem diálogos portanto, o que forçou uma redução e algumas adaptações, inclusive no nome.

A idéia principal de “O Filho de Sirius”, de um ser humano filho de extraterrenos, perde-se nessa nova versão, apesar de que poderia estar implícita no título, se o título original fosse – ou for – mantido.

Essa nova versão deve ser beneficiada pela montagem, pelos efeitos especiais mais elaborados, e pelo maior domínio dos meios de expressão cinematográfica, ou seja, por uma produção mais bem cuidada; apesar de que o enredo original – que exige um filme sonoro, ou legendado – é melhor.

A produção desse Quick Movie pede alguns cuidados especiais para que resulte num filme bem feito. A melhor locação seria uma fazenda, ou sítio, onde a equipe da Kobold deveria ficar por uns dois dias trabalhando. Há também a possibilidade de que alguns gastos devam ocorrer.

A idéia é fazer todo o possível para produzir o cult-quick-movie de ficção científica da Kobold.

Colônia, dezembro de 1989

Coming From The Sky

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Colônia, Dezembro de 1989

CENA#1-Noite

01.A barraca está montada mais ou menos no topo de um morro, de modo que o horizonte esteja próximo. Ao lado há uma árvore, semi-morta. É uma noite clara. Um ponto de luz entra no quadro pelo lado direito, e desce atrás da barraca. Momentos após isso, surge uma forte luz vinda de trás dela.

02.Interior da barraca. Scott está dormindo (CL). Acorda.

03.Scott levanta-se (PM). Expressão de sono. Sombras se movem ao fundo. Tenta acordar William.

04.William vira-se para o outro lado, semi-acordado (PP).

05.Scott desiste (Plan.03). Resolve sair da barraca.

06.Zíper da barraca sendo aberto (CL).

07.Scott sai da barraca e vai urinar na árvore (Plan.01). Percebe as luzes vindas de trás da barraca e vira-se para olhar.

08.Scott olhando assustado para lá (PM). Zoom de aproximação até close em seu rosto (velocidade médio-rápida de zoom).

09.Linha de visão de Scott (em PG), do outro lado do morro. Há um disco voador ao fundo, muito luminoso, e dois extraterrestres (em PM) fazendo análises do solo, ou algo parecido, através de bastões metálicos. Têm aparência humana. Vestem roupas brancas e são muito iluminados. Não vêem Scott, ou fingem não vê-lo.

10.Scott olhando para eles (CL). Olha para a barraca e novamente para eles.

11.Scott volta cauteloso para a barraca (Plan.07).

12.Zíper da barraca sendo fechado (CL).

13.Scott olha para William (PM).

14.William dormindo (PP).

15.Scott se cobre e fica esperando apreensivo (PM). Sombras e luzes ao fundo começam a diminuir.

16.Barraca e árvore (PG). Não há mais luz vindo de trás da barraca. O ponto de luz sobe, saindo do quadro por onde entrou. É o disco partindo.

CENA#2-Dia

17.Quadro escuro. Alguém vem em direção à camera, não pode ser distinguido por causa da escuridão. Há luz em primeiro plano. Pára em primeiro plano, quando a luz faz com que possa ser distinguido. É Scott.

Está olhando preocupado para frente.

18.Linha de visão de Scott (CL). Face com feição humana, mas expressão demoníaca. Olhos vermelhos brilhantes. Está encarando Scott.

19.Fundo da barraca, ninguém sendo enquadrado. Scott acorda subitamente, levantando-se assustado, ocupando o quadro vazio (PP). Permanece retomando o fôlego do pesadelo de que acaba de acordar. Olha para o lado. Panorâmica horizontal associada a zoom de afastamento até William ser enquadrado também, acordado e levantado (em posição similar a de Scott), olhando para ele (PM). William levanta-se para sair e Scott deita-se novamente.

20.Zíper da barraca sendo aberto (CL).

21.Barraca (PM). William senta-se com os pés para fora. Coloca os tênis.

22.Barraca e árvore (PG). William levanta-se, espreguiça-se, olha para os lados e vai para a árvore urinar.

23.William urinando, de costas (PM). Olha pro lado onde o disco desceu.

24.William olhando espantado (CL).

25.Barraca, árvore e William, de costas, olhando para lá (PG). Fecha o zíper da calça e vai para lá. Desaparece no horizonte “precoce”.

26.Barraca (PM). Scott coloca a cabeça para fora e olha ao redor, procurando William. Pega seus tênis de dentro da barraca e os coloca.

27.Barraca e árvore (PM). Scott levanta-se e vai em direção à árvore. Olha pros lados. Espanta-se ao olhar para onde o disco desceu.

28.Scott olhando para lá (CL).

29.Outro lado do morro, onde o disco desceu (PG, ângulo alto). Scott (em PP), olhando para frente; William ao fundo, olhando para o chão, onde há um círculo queimado. São as marcas do disco. FADE-OUT.

CENA#3-Noite

30.FADE-IN. Barra e árvore (PG).

31.Barraca (PM). Zíper é aberto. Saem Scott e William. Colocam seus tênis. Estão trazendo cobertores, e uma máquina fotográfica.

32.Barraca e árvore (PG). Scott e William levantam-se diante da barraca. Fecham o zíper e vão para a árvore.

33. Árvore (PM). Scott e William encostam na árvore (um de cada lado) e cobrem-se. Esperam.

CENA#4-Noite

34(x).Multiplanos: barraca, árvore, Scott e William dormindo encostados na árvore.

- 35.Arbusto (PP). Luz ilumina arbusto gradativamente. Vento começa a movimentá-lo.
- 36.Scott dormindo (PP). Luz ilumina seu rosto gradativamente. Acorda. Olha espantado para frente.
- 37.Linha de visão de Scott (PM). Os dois ETs estão diante dele, olhando-o; estão muito iluminados. Levantam seus braços, cumprimentando Scott.
- 38.William e Scott (PP) dormindo. Ao fundo, estão os dois ETs, diante de Scott. Viram-se, indo de volta para o disco.
- 39.William e Scott (PM). William dormindo, e Scott olhando espantado para o lado onde estavam os ETs. Lembra-se da máquina fotográfica, pega-a, hesita, deixa-a de lado. Levanta-se e vai em direção aos ETs. FRAME-OUT pela direita.
- 40.William dormindo (PP). Ao fundo, está Scott (dublê de corpo) seguindo o caminho dos ETs. Réplica de Scott vem em sentido oposto, ou seja, para a árvore. Scott (dublê de corpo) pára.
- 41.Scott, de costas (PP). Vira-se para a árvore.
- 42.Linha de visão de Scott (PM). Réplica tomando seu lugar ao lado da árvore.
- 43.Scott (PP) dá um ligeiro sorriso. Compreende o que se passa. Vira-se e continua seu caminho.
- 44.Outro lado do morro, onde o disco desceu (PG). Disco ao fundo. Os dois ETs estão esperando Scott no meio do caminho. Seguem juntos.
- 45.William acorda (PP).
- 46.William e réplica encostados na árvore (PM). William levanta-se e acorda a réplica (estava dormindo?). Nesse movimento, vê o disco.
- 47.William e réplica olhando o disco (PP). William está espantado.
- 48.Barraca, árvore, William e Scott (PG). William e réplica vêem o disco partir (ponto de luz que sobe por detrás da barraca). FADE-OUT.

THE END.

CL: close

PP: primeiro plano

PM: plano médio

PG: plano geral

Efeitos Especias

1. Disco Descendo: fogos de artifício, filtro “Sterneffekt”

Esse efeito especial é muito simples de ser feito. Alguém, de cima de

uma escada que obviamente fica fora do quadro filmado, lança um fogo de artifício (tiro sem explosão) para trás da barraca. O problema será coordenar exatamente a distância da escada e barraca, assim como o ângulo de tiro; principalmente devido aos fatores aleatórios, como vento e diferenças entre um fogo de artifício e outro. Pode ser usado um filtro “Sterneffekt” para ampliar o ponto luminoso do fogo de artifício, criando pontas como estrela, realçando o efeito.

2. Disco Subindo: idem

Esse efeito especial é similar ao do “Disco Descendo”, só que nesse caso, o fogo de artifício é lançado de trás da barraca e não para trás dela, o que simplifica um pouco a operação, pois os efeitos aleatórios não prejudicam tanto. O filtro aqui tem a mesma função.

3. Disco Parado: armação de madeira, tecido branco, luz

Para este efeito, pode ser usada uma armação plana de madeira, revestida por tecido branco, iluminada por trás. Para que funcione bem, deve estar longe da câmera, ao fundo do quadro. A distância da câmera e o tamanho da armação devem ser tais que entrem em coerência com o tamanho do ponto que desce por detrás da barraca. Talvez a lente “Sterneffekt” possa ser usada aqui, ou talvez não; o melhor é testá-la na locação.

4. Pesadelo: vidro (semi-espelho), iluminação, maquiagem

Para o efeito do Pesadelo, deve-se usar o esquema empregado em “Haunted House” de outra forma. De um lado do semi-espelho fica o ator e do outro as luzes vermelhas, posicionadas para coincidir com os olhos. A maquiagem e a iluminação inferior devem ressaltar a expressão. Pode ainda ser usada uma projeção de fundo e vento artificiais. O efeito pode culminar numa explosão (feita com pólvora do lado do vidro onde estão as luzes vermelhas) e desaparecimento simultâneo da face do ator (feito pelo apagamento das luzes inferiores).

5. Réplica: dublê de corpo, iluminação, corte

Esse truque é basicamente feito através do corte, como em outros filmes da Kobold. Quando, em um plano, os dois aparecem juntos, um deles é um dublê de corpo, de costas e na penumbra. A impressão de que esse dublê é Scott é conseguida pois o primeiro entra no quadro antes que o segundo, sendo que o plano anterior termina em FRAME-OUT de Scott. Os planos subseqüentes reforçam essa idéia. É mais um efeito psicológico.

The Witch - A Medieval Story

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Colônia, Fevereiro de 1990

CENA#1 - Dia (1)

- a) Cruzada deixa estábulo. “Padre” com cruz a frente, seguido de Cavaleiros.
- b) Passam por Detlev que está arando o solo. Pára e fica olhando-os passar, com inveja.
- c) Passam por arbustos, onde está o Ladrão escondido, a espreita.

CENA#2 - Noite

O Ladrão entra no castelo para roubar algo. Encontra os “Cálices Dourados”. Coloca um deles na sacola que trás consigo, e quando vai pegar o próximo, ouve alguém se aproximando. Foge, deixando os demais.

CENA#3 - Dia (2)

- a) Cálice nas mãos – panorâmica vertical para cima – Detlev (PP) olhando para ele. Coloca-o no lugar junto aos outros. Olha para o Padre. Padre olhando para ele.
- b) Detlev (PP) abaixa a cabeça, e recebe um crucifixo do Padre, que o abençoa, fazendo o sinal da cruz. Detlev sai.
- c) Detlev encontra-se com Lisa. Ela lha dá uma sacola com mantimentos. Beijam-se. Detlev sai, sob o olhar de Lisa e do Padre.

CENA#4 - Dia

Detlev caminhando. Atravessa o rio.

CENA#5 - Noite

- a) Fogueira. Detlev comendo.
- b) sonho. Detlev voltando para a Aldeia com cálice, e sendo condecorado cavaleiro.
- c) Fogueira, fogo mais baixo. Detlev dormindo. Feiticeira o encontra. Pega um tubo com líquido numa bolsa. Chega perto dele. Despeja um pouco do líquido num pedaço de tecido. Detlev acorda. Ela coloca, com movimentos sensuais depois de tocar-lhe o rosto e os lábios com os dedos, este pedaço de tecido sobre o nariz e boca de Detlev, obrigando-o a respirar através dele. Ponto de vista de Detlev, semi-consciente. Ela tira-lhe o crucifixo e o

pendura em uma árvore.

CENA#6 - Dia (3)

- a) Cabana (PG) e gato (PP), no mesmo quadro.
- b) Feiticeira colhendo ervas na floresta. Vai para a cabana. Vê o gato. Pega-o e acariciando-o leva-o para dentro da cabana.
- c) Na cabana, olha para um canto. Lá está Detlev dormindo. Olha para o gato. Vai até um outro canto da cabana, onde pega uma faca.
- [d) Cabana (PG). Miado do gato sendo morto.]

CENA#7 - Dia

Na floresta, um dos Cavaleiros é morto à flecha pelo Ladrão, que está escondido atrás de uns arbustos. Sai de trás deles e vai até o Cavaleiro morto. Ênfase na espada.

CENA#8 - Dia

- a) Detlev é acordado pela Feiticeira que lhe traz carne do gato cozida para ele comer. Ele come, sem saber que carne é, enquanto observa a Feiticeira, que trabalha diante de um caldeirão.
- b) Planos da Feiticeira trabalhando, e de Detlev observando.

CENA#9 - Pôr do sol

- a) Cabana (PG).
- b) Mão da Feiticeira segurando uma jarra e pegando líquido no caldeirão (de cerveja). Olha para Detlev. Pega cálice numa espécie de armário. Detlev olha para o cálice surpreso. Feiticeira traz jarra e cálice até o canto onde está Detlev. Dá o primeiro gole e deixa o segundo para ele. Olhares sensuais. Vai engatinhando até um baú na cabana de onde tira um incenso. Detlev observa, entre curioso e excitado, enquanto bebe. Feiticeira traz incenso até o canto onde está Detlev e o acende com uma vela. Cheira a fumaça. [Olha para Detlev. [Solta suas correntes.]] Bebe. Aproxima-se de Detlev. Toca-lhe o rosto. Traz seu corpo para cima do corpo dele. Beijam-se. FADE-OUT.

CENA#10 - Dia (4)

FADE-IN.

- a) Cabana (PG). Ladrão chega, trazendo um saco.
- b) Cabana, interior. Feiticeira já está acordada. Detlev ainda dorme. Entra o Ladrão trazendo o saco. Coloca-o sobre uma mesa e mostra o que há dentro: a espada roubada do Cavaleiro morto, moedas... Feiticeira olha, vai até o

baú e pega um pequeno saco, que dá ao Ladrão. Ele olha no interior; é tabaco (droga). Sai satisfeito, deixando as coisas que trouxe.

CENA#11 - Dia

Na floresta, o corpo do Cavaleiro morto é achado por outro Cavaleiro.

CENA#12 - Dia

- a) Feiticeira colhendo ervas na floresta.
- b) Detlev acorda, e aproveitando a ausência da Feiticeira, pega o cálice e sai, hesitando um pouco antes.
- c) Detlev caminhando para a floresta.

CENA#13 - Dia

Um Cavaleiro leva o corpo do Cavaleiro morto para a aldeia, enquanto outro sai à procura do assassino.

CENA#14 - Pôr do sol

- a) Detlev chega à aldeia. Vai até a casa de Lisa, mas não tem coragem de entrar. Olha pela janela. Ela está cozinhando. Não vê Detlev.
- b) Detlev leva o cálice ao lugar certo, no Castelo, colocando-o ao lado dos outros. Padre chega, expressão alegre ao ver todos os cálices juntos novamente. Olha para Detlev, expressão torna-se séria (repreensão) quando percebe que Detlev não está sem o crucifixo. Detlev percebe (olha e coloca a mão sobre o peito). Olha para o Padre e sai.

CENA#15 -Noite

Crucifixo pendurado na árvore. Mão aproxima-se para pegá-lo, hesita. É Detlev. Desiste do crucifixo. Sai em direção à cabana da Feiticeira.

CENA#16 - Noite

- a) Cabana. Detlev entra.
- b) Feiticeira se surpreende ao vê-lo. Detlev toca-lhe o rosto. Beijam-se. Ao fim do beijo, Feiticeira olha para Detlev com ternura. Vai até o baú e pega um pequeno saco igual ao que deu ao Ladrão.

CENA#17 - Noite

Cavaleiro que saiu à procura do assassino acha crucifixo de Detlev. Pega-o, e segue suas pegadas.

CENA#18 - Noite

- a) Detlev e Feiticeira sentados, um de frente para o outro, no canto onde estava Detlev deitado. A Feiticeira acende um cigarro feito com o tabaco do saco com uma vela. Dá uma tragada e passa-o a Detlev. Operação se repete. Ritmo aumenta, até que Detlev chega a um “clímax”. Levanta-se e, semi-consciente (ponto de vista de Detlev), sai.
- b) Detlev próximo à cabana, alucinações na floresta.

CENA#19 - Madrugada

- a) Chega o cavaleiro à cabana. Entra.
- b) Interior enfumaçado. Feiticeira no canto, com olhar vago. Cavaleiro vê a espada roubada pelo Ladrão (deduz que ela é a assassina). Vai até ela. [Coloca-lhe o crucifixo, deduzindo que ela ficará inofensiva dessa forma.]

1ª.Opção

(...) Prende seus pés e mãos e a leva.

CENA#20 - Dia

- a) Detlev adormecido na floresta. Acorda. Vai para a cabana.
- b) Na cabana não há mais ninguém.

CENA#21 - Dia

Na aldeia há uma estaca e nela está a feiticeira amarrada. Botam fogo na palha seca a seus pés para queimá-la. Detlev chega nesse momento e observa deprimido sem nada poder fazer. Fumaça sobe diante do rosto da Feiticeira, enquanto ela olha ternamente para Detlev. FADE-OUT.

FIM

2ª.Opção

(...) Detlev chega à cabana e aproveitando o momento em que o Cavaleiro está de costas, pega a espada e aproxima-se para atacá-lo, defendendo assim a Feiticeira. O Cavaleiro percebe que alguém se aproxima e vira-se para se defender. Duelam. O duelo se estende para fora da cabana.

2.1) Detlev vence, arrancando a espada do Cavaleiro de suas mãos e poupando-o, fincando a espada no chão, e desmaiando de cansaço em seguida. Continua com CENA#20 e CENA#21 da 1ª.Opção.

2.2) Cavaleiro vence, arrancando espada de Detlev de suas mãos. Continua com CENA#21 da 1ª.Opção, mas Detlev é queimado junto com a Feiticeira.

Contato - Versão Expandida

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Colônia, Abril de 1990

CENA#1

- Espião#1 é perseguido pelos contra-espiões.
- Quando, encurralado, não tem mais chances de escapar, tenta suicídio com uma pílula, mas é capturado antes.
- É feito inconsciente pelos contra-espiões.

CENA#2

- Espião#1 é torturado pelos contra-espiões, que tentam tirar uma informação dele.
- Contra-espião#2 o tortura.
- Contra-espião#1, ao lado de uma luminária que aponta sua luz para o Espião#1, é visto em silhueta.

CENA#3

- Espião#2 vem e deixa mensagem (silhueta e disfarce, não é identificado).

CENA#4

- Contra-espiões adiantam relógio de parede enquanto Espião#1 está inconsciente.
- Acordam-no. Torturam-no.
- Espião#1 cede e mostra posição no mapa, depois de ver horário no relógio de parede.

CENA#5

- Contra-espiões vêm e copiam (fotografam) mensagem deixada pelo Espião#2.
- Contra-espião#1 sai com a cópia.
- Contra-espião#2 permanece no local.

CENA#6

- Espião#3 (silhueta e disfarce) vem e pega a mensagem.
- É seguido pelo Contra-espião#2, mas consegue despistá-lo.

CENA#7

- Espião#3 decodifica mensagem com livro-código, e a destroi.

CENA#8

- Contra-espião#1 decifra mensagem com computador.

CENA#9 e CENA#10

Conto “Contado”.

Some Words About “Contato”

Este filme apresenta uma estrutura atípica para Quick Movies, pois possui, em versão expandida, dez cenas. Para facilitar a filmagem e a montagem, e em consequência, incrementar a qualidade final, seria conveniente que cada cena fosse trabalhada como um Quick Movie independente, ou seja, só depois de completar uma cena, partir para a filmagem de outra. As cenas e os planos de uma cena podem ser gravados em qualquer ordem, mas não se deve misturar planos de cenas diferentes. As cenas longas e complexas devem ser feitas primeiro, talvez uma por dia, enquanto as cenas curtas devem ser deixadas por último, e podem ser feitas no mesmo dia, sem, no entanto, mistura de planos. Seria como produzir um Quick Movie por dia, durante alguns dias.

Deve-se ainda atentar ao design – cenografia, figurino, maquiagem e iluminação – assim como expressão corporal e facial.

Colônia, abril de 1990

The Lord

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Novembro de 1990

A estória de um fidalgo alucinado

- O Lorde entra na sala de robe de banho, enxugando os cabelos ainda molhados. Vai até a mesa, enquanto põe a toalha ao redor do pescoço. Pega o cachimbo de cima da mesa. Acende-o e põe-se a fumá-lo. [Vê relógio de parede.] Vê quadro egípcio na parede.

Pega flanela de dentro de uma gaveta. Mãos em primeiro plano.

Retira quadro da parede. Embrulha quadro na flanela, em cima da mesa.

Pêndulo do relógio de parede.

Lorde lendo TIME no sofá, de óculos e fumando cachimbo.

Batem na porta aberta. É um homem bem vestido. O Lorde desvia o olhar para ele. Levanta-se. O homem entra. Cumprimentam-se.

Quadro sendo desembulhado. Mãos do Lorde. Homem olhando maravilhado para o quadro. Lorde olhando maldosamente para o homem.

Vinho sendo despejado em duas taças. Mãos do Lorde. Lorde lança um olhar furtivo sobre o outro homem. Ele está olhando o quadro. Tira um maço de notas do bolso e começa a contá-las. O Lorde abre um compartimento em seu anel, e despeja seu conteúdo – um pó branco – dentro de uma das taças.

O Lorde chega à mesa onde está o outro homem, trazendo as duas taças. Dá uma delas a ele, e este lhe dá o maço de notas. O Lorde levanta as taças brindando. O outro repete o gesto. Bebem (vários planos em suspense).

O homem termina de beber e coloca a taça sobre a mesa. Pára (close da mão próxima à taça). Mão solta-se da taça e cai. O homem cai (olhar do Lorde acompanhando a queda).

Lorde retirando o corpo do local.

O Lorde pega o quadro e leva à parede de origem (plano médio).

- Quadro barato sendo colocado na parede. Mãos maltratadas do Lorde (primeiro plano). O Lorde, mal vestido, no barraco, vira-se para a porta.
- Dois policiais na porta (ponto de vista do Lorde, no cenário rico). Pegam uma algema e vêm em sua direção.
- O Lorde, mal vestido, no barraco, levanta os braços na horizontal, oferecendo os punhos os punhos para ser preso. FRAME-IN de dois

funcionários do sanatório com uma camisa-de-força (ao invés de policiais com algemas). Prendem-no.

O Lorde, mal vestido, sendo levado pelos dois funcionários do sanatório (plano geral do barraco).

- Lorde, bem vestido com seu robe, já fora da casa, sendo levado pela polícia.
- Rosto do Lorde (close). Olhar insano. Luz vermelha de sirene iluminando-o (carro de polícia ou ambulância?).

*Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan
à 5 e 6 de novembro de 1990
a partir de idéias de
Pedro Luís Bello Daldegan e
Guilherme de Rossi
de junho de 1990 e esboços de 9 de outubro de 1990*

Some Words About “The Lord”

The Lord é basicamente uma estória envolvendo loucura; mal do qual todos nós sofremos, uns em maior, e outros em menor grau, e sob as mais variadas formas. Aqui, há um caso extremo, onde uma pessoa – conveniente e satiricamente chamada de “o Lorde” – acredita encontrar-se num elevado status social, e ter ascendência nobre, quando na verdade é pobre e sem nenhuma genealogia em especial. Sua loucura extrema faz com que enxergue a realidade distorcida, vivendo num mundo imaginário, idealizado de acordo com seus sonhos.

A figura de linguagem que melhor se associa ao enredo é a hipérbole. O personagem central é tirado da vida real, tendo seus traços exagerados. De fato, existem pessoas que colocam-se acima de si mesmas, principalmente a nível social, como o Lorde, e dentro dessa loucura não hesitam em passar por cima dos outros para satisfazer seus pequenos caprichos. As disparidades entre a realidade e a imaginação, no entanto, não são tão grandes como na estória, nem a pequena loucura dessas pessoas pode fazer com que sejam classificadas como insanas. Apenas se mostra, através desses exageros, como é absurda a postura delas em face a realidade, principalmente daquelas que, como o Lorde, acreditam ser nobres, supervalorizando seus nomes, sendo que na verdade são apenas descendentes de burgueses ricos.

No Brasil, é especialmente grande a incidência de casos assim. País

de grandes diferenças sociais, a posição social elevada é motivo de orgulho, e o contrário, de vergonha; mesmo quando essas posições são simplesmente herdadas. Como um mau hábito, formou-se essa mentalidade. A classe média, por exemplo, identifica-se mais com a classe alta do que com a baixa; e no caso, mais importante do que ser “jet-set”, é ter a aparência de que se é. É certo que, culturalmente, a classe média tende muito mais à classe alta do que à baixa, mas esse não é o único motivo para essa identificação. O orgulho de se pertencer a uma classe superior tem grande influência também. E isso cria a postura do Lorde nas pessoas.

No filme, é mostrada a trama a partir do ponto de vista do Lorde, e acreditamos dessa forma, como ele, tratar-se da realidade. Essa nos é revelada apenas no final, quando funcionários de um sanatório vêm capturá-lo. Passamos, então, a enxergar a partir do ponto de vista deles – tomamos consciência da realidade, o que não acontece com o Lorde, que acredita estar sendo levado pela polícia, depois de ter cometido um assassinato, o que na verdade não ocorreu. Ele deixa-se levar com classe, acreditando que seu crime imaginário foi um gesto aristocrático. Segundo sua concepção, ele, como parte da alta sociedade, deve participar também de seus escândalos.

São Paulo, 15 de outubro de 1990

Chased

Esboço (baseado no filme de dezembro de 1990)

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

CENA#1

Alfa deita-se para dormir.

Som: chuva lá fora.

CENA#2

Sonho: Alfa deitado na grama. Levanta-se e vai ao banheiro lavar-se. Diante da pia, abaixa-se para enxagüar o rosto. Com esse movimento, pode-se ver Beta, o assassino, no espelho, à espreita, atrás de Alfa, na porta do banheiro.

Som: música.

CENA#3

Alfa acorda, intrigado. Volta a dormir.

Som: chuva lá fora.

CENA#4

Sonho: Alfa continua a se lavar. Sai do banheiro. Beta persegue-o, com uma faca na mão. Alfa percebe que está sendo seguido e, virando-se para, descobre Beta atrás dele.

Som: música.

CENA#5

Alfa acorda novamente, intrigado. Levanta-se para beber água. Volta para a cama e dorme de novo.

Som: chuva lá fora.

CENA#6

Sonho: Alfa continua a andar. Encontra Gama sentada em uma cadeira. Senta-se em outra, ao lado. Olha ao redor e vê Gama andando a uma certa distância. Volta o olhar para a outra cadeira, e ao invés de Gama, encontra Beta ali sentado, olhando sarcasticamente para ele, com a faca na mão. Alfa levanta-se e sai correndo. Cai no chão, e Beta, logo atrás, joga a faca no chão, ficando-a próxima ao rosto de Alfa.

Som: vento e trovão.

CENA#7

Alfa acorda novamente. Beta está em seu quarto; aproxima-se de Alfa, e mata-o.

Som: música.

Consciente

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, 1º.Semestre de 1991

Max estava sendo procurado pela polícia por crimes diversos, incluindo assassinato. E agora, estava sendo perseguido por seus próprios companheiros que, mais do que simplesmente recuperar o dinheiro deles roubado, queriam se vingar.

Já havia alcançado a estrada e corria ao longo dela, ocasionalmente diminuindo o ritmo para pedir carona a algum carro que passasse. Mas nenhum parava, o que era compreensível. Seus ex-comparsas vinham logo atrás, cada vez aproximando-se mais. Foi quando Max ouviu um estouro surdo. “Um tiro”, pensou ele no curto intervalo de tempo entre o ruído e a picada nas costas. Sentiu as pernas bambearem e o corpo cair no chão. De princípio ficou meio confuso – tudo aconteceu muito rápido –, e aos poucos recomeçou a pensar. Ouvia claramente, mas nada podia enxergar, nem sentia dor alguma tampouco. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu, por mais que tentasse. Aliás, não sentia parte alguma de seu corpo.

–Ele está morto?

–Está. Vamos pegar a grana e cair fora.

Max tentou se mexer, provar que ainda vivia. Nem pensou que os outros, na verdade, queriam-no morto. Apenas tentou provar que vivia. Inconscientemente, queria provar isso para si mesmo e não para os outros. A simples menção de que estava morto encheu-lhe de pavor. Tentou se mexer com todas as suas forças, mas nenhum músculo respondeu a suas tentativas. Ouviu apenas os outros pegando o dinheiro – e não conseguia sentir se tiravam-no de suas mãos ou não – e irem embora. Sentiu-se então a pessoa mais solitária do mundo. Não tinha certeza se tinha sua própria companhia, pois nem seu corpo sentia. O que mais desejava é que aparecesse alguém para lhe socorrer. Ouviu, então, um carro se aproximando, uma freada e pessoas descendo e vindo até ele.

–Está morto, doutor?

–Sim, morreu há pouco tempo.

O médico devia estar enganado, pensava Max. Ele ainda ouvia, e raciocinava. Quem foi que disse “Penso, logo existo”? Ou estava o médico certo: ele estava realmente morto, apenas continuava a pensar?

–Vamos chamar a polícia, Dr.Hansen?

–Não se precipite, Rodin. Não está reconhecendo esse rosto?

–Francamente, não.

–Apareceu no noticiário há alguns dias... é um assassino, e está sendo procurado. Não creio que ninguém vá reclamar pelo corpo, que por outro lado pode nos ser muito útil.

–O senhor não está pensando em levado para o laboratório, está?

–Pense na oportunidade única que isso representa para os nossos experimentos, Rodin. O *rigor mortis* ainda não começou a se instalar.

A idéia de ser usado como cobaia de laboratório desagradou Max imediatamente, mas aí lembrou-se que se assim não fosse, seria enterrado, e consciente. Esse pensamento encheu-lhe novamente de pavor. Uma veio-lhe a mente, a idéia de que talvez no laboratório o médico descobrisse que ainda pensava, e talvez pudesse salvá-lo. Isso aliviou um pouco seus tormentos. Mas algo terrível aconteceu enquanto estava sendo levado para o carro, ele começava a perder a audição. Estava perdendo seu último contato com o mundo externo. Era apenas mente agora.

Com todos os sentidos ausentes, Max se pôs a pensar. Imaginava por quanto tempo teria consciência ainda, antes que seu corpo – o que incluía seu cérebro – começasse a apodrecer. E como será que isso aconteceria? Perderia suas faculdades de uma só vez, ou lentamente? Talvez ficasse primeiramente insano. Teria alucinações? Dormiria ainda e teria sonhos? Como poderia dormir se já estava morto? Mas sonhos poderia ter, pois se estava consciente, poderia ficar inconsciente; ouvira dizer que esse era o estado de descanso para a mente. Talvez dormisse, sonhasse e não acordasse mais. O que significa a morte afinal? Ele estava morto, mas era quase como se não estivesse. Seria ela a mesma para todos? Talvez alguns morressem completamente, com a consciência cessando junto com o metabolismo. Para outros, talvez, a consciência abandonasse o corpo em forma de alma. Será que ele havia sido condenado a viver eternamente em trevas? Trevas... que outra palavra exprimiria melhor sua situação? Estava solitário, o mais completamente só que se pode ficar, perdido no tempo e no espaço; e a escuridão e silêncio absolutos só eram amenizados por ocasionais lembranças da vida. A morte não havia lhe privado delas. Mas causavam-lhe dor, alimentavam sua angústia, seu sofrimento. Preferia a escuridão e o silêncio completos à memória da vida que agora não mais lhe pertencia. Seu desejo era que seu corpo apodrecesse, e sua mente junto com ele.

Começou a pensar no médico então. Seu corpo deveria estar sendo levado por ele. Já teriam chegado? Não tinha mais domínio do tempo. Sua

intuição dava alguns minutos desde o momento em que perdeu a audição; mas quem era ele para dizer com certeza que horas não haviam se passado desde então? Onde estava ele? E quando? De repente, desejava ardentemente essas respostas. Tentou parar de pensar no assunto. Outras perguntas vieram-lhe a mente. Quais seriam os experimentos aos quais seria submetido? Talvez esquartejassem-no todo. Foi, então, que visões de órgãos dilacerados e membros amputados começaram a bombardear-lhe. Sua mente foi invadida por um sem-fim de cenas de terror. Sons disformes e sobrenaturais davam uma atmosfera insólita às imagens. Gritos, sussuros, lamentos... amontoados como vozes distantes. Era muito mais terrível do que qualquer pesadelo. Uma imagem formou-se: a imagem de um homem, de rosto e expressão demoníacos, fitando Max profunda e diretamente nos olhos. “Agora é sua vez!”, ouviu Max claramente o homem dizer-lhe; e então acordou. Percebeu que estivera sonhando, o mais terrível e o mais real pesadelo que jamais tivera. Continuava sem ouvir nada, e antes de tentar, sem sucesso, abrir os olhos, teve a triste lembrança de que estava morto.

O pesadelo intrigava-o. Sem dúvida havia sido um sonho, mas real demais. Provavelmente a ausência dos sentidos ativara profundezas do cérebro que nunca explorara. Não em vida. Talvez tivesse a chance agora de buscar imagens, sons, sensações que estavam guardadas em alguma parte de sua memória e fazê-las reviver com a precisão do mundo real. Talvez até duvidasse que estava morto de vez em quando. De repente, esqueceu-se completamente do que estava pensando. Estaria ficando insano? Não conseguia mais raciocinar. Sua mente estava se desligando...

Delusion

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, Agosto de 1991

Baseado no filme homônimo de julho de 1988

O sol já havia se levantado há algum tempo, mas quando Sasha abriu o zíper da barraca, pôde perceber o orvalho da noite ainda no chão. O cheiro matinal do campo. A estranha, a etérea atmosfera da manhã. O repentino algo de insólito no ar.

Sasha abriu os olhos e lembrou o que o sonho recente já lhe dissera: estava no campo. Aquela era a primeira manhã daquele acampamento e até dormindo estava se adaptando ao novo ambiente. Olhando para cima, vendo o nylon de sua tenda, sentiu um *dejà-vu*.

A preguiça tomava conta de si, mas de repente não queria mais ficar deitado. Levantou-se como pôde. Moritz ainda dormia. Abriu o zíper e deparou com o que esperava: o orvalho no chão, o cheiro de campo. Outro *dejà-vu*. Colocou seus tênis e pôs-se de pé. Que estranha atmosfera tinha aquela manhã!

Um observador inexistente, alguns passos dali, teria dito a mesma coisa, vendo Sasha como parte do ambiente, ajudando a compor o insólito quadro.

Por alguns instantes ficou a observar ao redor, sem contudo conseguir dispersar a impressão que tinha. A atmosfera etérea continuava ali. Resolveu dar uma volta.

Parou próximo a uma construção isolada, perdida no meio da vegetação campestre. E foi ao lado dela que Sasha achou um corpo. Sangue escorrendo pela boca. Pele pálida. Um cadáver.

Moritz estava sentado, amarrando seus tênis. Sasha não se deu tempo de dizer nada. Apenas puxou-o pelo braço, levando-o à construção.

O orvalho ainda não havia desaparecido. Nem o aroma matinal do campo tampouco. Mas nisso eles não reparavam no momento.

Sasha chegou ligeiramente na frente, sabendo que o outro vinha logo atrás. Mas o corpo não estava mais lá, e ao virar para trás viu que Moritz também não.

Seguiu seus passos de volta, olhando para os lados, até que ao passar sob uma árvore, deparou-se com dois pés bem a sua frente, na altura dos olhos. E eram os pés de Moritz, pois tinham seus tênis. Sasha levantou o olhar e viu apavorado que ele estava enforcado.

Ficou completamente confuso, sem saber o pensar ou o que sentir. Havia algo de errado. O que estava acontecendo? O ar... o ar estava diferente desde o momento em que acordara. Apesar do pavor, não conseguia se preocupar com Moritz e isso o apavorava ainda mais. Por algum motivo sabia que ele estava bem; mas estava o vendo morto. Aquilo era de enlouquecer.

Resolveu procurar ajuda...

Próximo à barraca havia uma mesa que não estava ali antes. Alguém sentado atrás dela lia um jornal. Era um quadro mais surreal ainda. Sasha se aproximou, na esperança de aproximá-lo da realidade, apesar de saber já se tratar de algo real. A personagem misteriosa baixou o jornal para observar o recém-chegado.

E antes que Sasha pudesse se recompor do susto de ver o cadáver da construção, tão pálido quanto antes, atrás de um jornal observando-o com vivos olhos, alguém lhe tocou no ombro, pelas costas, chamando-o.

Era Moritz. E parecia muito bem.

De repente o cadáver não estava mais lá. Nem a mesa tampouco. Apenas a barraca. Sasha reparou que o orvalho e o aroma matinal haviam desaparecido, e haviam levado junto aquela estranha atmosfera.

Provavelmente não teria mais alucinações... ou pelo menos, não mais naquela manhã.

Urgh!

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, Agosto de 1991

Baseado no filme homônimo de julho de 1988

Sasha atirou seu skate no chão e posicionou seu pé sobre ele. Mirou longamente o pequeno half a sua frente, e em seguida deu um impulso com o outro pé, acelerando para frente.

O subiu o half. Pulou sobre ele e caiu inerte do outro lado, sozinho. Algo dera errado. Sasha também caiu, mas bem longe. Caiu de bruços sobre um mato que não deveria estar lá, pois não havia mato por perto.

Recompôs-se rapidamente do tombo e levantou-se. Inconscientemente limpou suas roupas com ligeiros movimentos das mãos, enquanto olhava ao redor para se localizar. Não estava onde estivera momentos antes. Havia apenas vegetação, nenhum sinal de civilização.

Sasha estava atônito. Não poderia ter voado tão longe de seu skate. Depois de algum tempo sem saber o que fazer, decidiu que não adiantava ficar ali parado, e resolveu andar para tentar descobrir onde é que estava.

Enquanto isso, próximo dali, um homem das cavernas fazia uma dança do fogo ao redor de uma fogueira extinta, numa tentativa infrutífera de reativá-la. Quando viu Sasha se aproximar, interrompeu seu ritual e escondeu-se atrás de alguns arbustos, na espreita. Quando o skatista já estava bem perto – o suficiente para representar uma ameaça –, o troglodita ergueu sua clava e saiu ferozmente de trás das plantas para atacá-lo. Sasha não teve escolha senão fugir rápida e cegamente, com o homem das cavernas atrás dele. Acabou caindo dentro de um buraco, e antes que pudesse se levantar, o troglodita pulou ao seu lado, e... violentamente, começou a chacoalhar-lhe o ombro!

Sasha abriu os olhos então. Estava ao lado do half. Dois de seus amigos skatistas estavam ali, falando algo; um deles tentava fazer com que recobrasse a consciência, chacoalhando-lhe o ombro. “Que tombo mais besta, pô!”

O Reflexo

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, Agosto de 1991

Baseado no filme “The Reflex” de fevereiro de 1989

A noite estava clara - o céu límpido e estrelado. Boris olhou pela janela e viu o vasto parque diante de sua casa. Uma brisa suave de verão refrescou-lhe o rosto. Que bela noite para um passeio!

Não havia muitas pessoas andando por aquelas alamedas. O parque estava praticamente vazio - o que era difícil de entender naquele quente noite. Boris apenas caminhava, despreocupado, pensando em sutilezas.

Até que encontrou, em um banco do parque, um corpo aparentemente sem vida. E estava, por incrível que pareça, vestido exatamente da mesma forma que Boris. Aproximou-se. O rosto estava caído para o outro lado, e num impulso impensado, encostou sua mão e o virou. Era ele próprio!

Boris caminhava pelo parque despreocupado, pensando em sutilezas. Imaginava como era possível que houvesse tão poucas pessoas ali em tão bela e quente noite de verão.

Até que, olhando distraidamente para o chão, deparou-se com uma nota perdida de dez dólares. Fitou-a por alguns instantes, e por fim abaixou-se e a pegou.

Ali perto havia um banco. Retirando a carteira do bolso de trás da calça, sentou-se para guardar o seu achado e descansar um pouco.

Na espreita, alguém retirava uma corrente do bolso. Aproximou-se por trás do banco silenciosamente, e jogando a corrente ao redor do pescoço de Boris, enforcou-o. Pegou a carteira, e fugiu. O corpo ficou ali, inerte, com o rosto caído para o lado.

Boris olhava atônito para aquele corpo. Talvez estivesse ficando louco. Não podia estar vendo a si próprio.

Saiu dali rapidamente, sem olhar para trás. Precisava reconstituir-se. Voltou para casa e foi direto lavar o rosto, na expectativa de que isso fizesse com que recobrasse a sanidade. Antes que pudesse fazer isso, porém, ficou estático diante do espelho, à procura do seu próprio reflexo, que não estava ali.

Boris sabia agora quem era o morto do parque. Não haviam assassinado uma pessoa, mas metade dela - a metade que ficava do outro lado do espelho.

Zoombies

Primeira Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Setembro de 1991

01. Câmera move-se por uma trilha até chegar em uma clareira. Karloff, assistente de arqueólogo está ali – no sítio arqueológico – em pé, de costas para a câmera, lendo algo – um papel. Vira-se para a câmera, como se percebesse a presença de alguém.

02. Karloff meio de costas (em PP); Boris, o arqueólogo, ao fundo, recém-chegado à clareira. Karloff está olhando para ele: “Achei algo!” Boris vem em sua direção.

03. Um fica ao lado do outro; olham para o chão. Boris agacha-se.

04. Há uma espécie de lápide no chão, deitada; Boris está terminando de se agachar ao seu lado (PP). Passa a mão sobre ela: “Vá à barraca buscar o Geiger!”

05. Karloff sai e deixa Boris sozinho (PM).

06. Boris remove a lápide. Há uma espécie de caixa de pedras sob ela, e um amuleto dentro. Retira-o, olhando para ele.

07. Karloff na barraca procurando o Geiger. Chama Boris para ajudá-lo a procurar.

08. Boris em pé, olhando o amuleto. Sai do sítio, à caminho da barraca, atendendo ao chamado de Karloff.

09. Boris andando até a barraca, olhando para os lados. Pára, pois viu algo diferente.

10. Linha de visão de Boris: uma cruz na clareira.

11. Cruz (em PP, ângulo baixo) e Boris ao fundo. Ele vem em direção à cruz.

12. Linha de visão de Boris: aproximando-se da cruz. Nela estão as inscrições: Joshua “Killer” Jones.

13. Boris olhando para a cruz (PP).

14. Amuleto em sua mão (CL, insert).

15. Pés de Boris em frente à cruz (PP, ângulo baixo). Folhas secas sobre o chão. Surge um braço por debaixo das folhas e agarra uma das pernas de Boris. Mão maltratada de um zumbi, unhas compridas.

16. Boris apavorado olhando para baixo (PP).

17. Chão, em frente a cruz (ângulo de cima para baixo). Um zumbi surge de baixo das folhas. Make-up.

18. Boris tentando se livrar do morto-vivo ainda meio enterrado (PM). Escapa. Sai correndo.

19. Boris vindo em direção à câmera pela trilha, fugindo apavorado do zumbi. Passa pela câmera. O morto-vivo vem logo atrás, correndo desajeitado (e soltando urros gluturais?).
20. Karloff está no sítio arqueológico (PG).
21. Boris fugindo (câmera acompanhando de frente).
22. Zumbi perseguindo (idem).
23. Karloff (PP, de frente, ângulo baixo) agachado em frente à lápide tomando medidas. Boris chega ao fundo, fugindo. Karloff vira-se para trás.
24. Boris correndo (PP, de frente), olhando para Karloff e dando sinais afobados com as mãos: “Foge!”, quase gritando. Sai do quadro, atrás vem o zumbi.
25. Karloff (PM, de frente) agachado. Olhando estarecido para o morto-vivo (zoom de aproximação meio rápido até close em seu rosto).
26. Boris passa ao seu lado puxando-o para correr (PM). Saem do quadro. Zumbi entra logo em seguida.
27. Câmera seguindo Boris e Karloff fugindo por uma trilha. Karloff tropeça e cai. Câmera pára com ele.
28. Karloff (PM, de frente). Levanta a cabeça e levanta-se para correr (zoom de afastamento?) Zumbi vem logo atrás.
29. Zumbi (PP) perseguindo.
30. Clareira (PG). Boris aparece ao fundo. Diminui o ritmo, pára, procurando o melhor caminho. Olha para trás, provavelmente para dizer algo para Karloff.
31. Boris olhando para a trilha (PP): “Karloff!” Pausa. “Karloff!” Dá passos curtos para a trilha, procurando enxergar melhor.
32. Trilha vazia (travelling vagaroso).
33. Boris entra cauteloso na trilha – câmera acompanha.
34. Trilha (PG, ângulo baixo). Boris ao fundo, vindo em direção à câmera.
35. Pés de Karloff parados (PP, virados para a câmera, ângulo baixo). Boris entra ao fundo do quadro. Vê Karloff.
36. Boris (PP) chama Karloff, sussurrando para que o zumbi não escute: “Karloff!” Vem em sua direção vagarosamente.
37. Linha de visão de Boris (travelling vagaroso em direção a Karloff). Ele está no fundo do quadro, encostado em uma árvore, de costas, como se estivesse se escondendo do zumbi.
38. Boris (PP) aproximando-se. Sussura novamente: “Karloff!” Parado, estende o braço.
39. Karloff de costas (PP). Boris estendendo o braço, toca-lhe o ombro fazendo-o virar. Karloff vira-se. Está com o pescoço cortado, morto, todo

ensangüentado. O corpo cai.

40.Boris (PP) surpreso e apavorado.

41.Karloff caído no chão (linha de visão de Boris).

42.Karloff caído no chão (PM, ângulo baixo) e pernas de Boris. Ele deixa-se cair, sentando-se no chão virado para a câmera, de costas para o morto, nauseado.

43.Mão de Boris segurando nervosamente o amuleto (CL, insert).

44.(Plan.42) Karloff ergue-se por atrás de Boris. Olhar sádico? Irônico? Bate uma das mãos no ombro de Boris, que vira-se bruscamente para trás.

45.Boris e Karloff (PM, de perfil). Karloff (irônico): “Sempre te amei!” Puxa Boris e beija-lhe a testa. Este, apavorado e surpreso, solta-se e vira-se bruscamente para fugir. Câmera segue seus movimentos, inicialmente desajeitados, em panorâmica.

46.Clareira onde está o sítio arqueológico (PG, lápide em PP). Boris chega, ao fundo, afobado. Pára ao ver a lápide.

47.Boris (PP) olhando a lápide. Abaixa o olhar enquanto levanta a mão que segura o amuleto (trazendo-o para o quadro). Olha fixamente para ele. Acabou de chegar à conclusão de que o amuleto ressucita os mortos. Ouve um ruído atrás de si. Vira-se para olhar.

48.Linha de visão de Boris: zumbi vindo pela trilha, em sua direção, Karloff logo atrás.

1º.Final

49.(Plan.46) Boris vem correndo em direção à lápide.

50.Boris ajoelha-se diante da lápide (PM) e deposita o amuleto em seu interior, enquanto ouve-se Karloff chamando-o da trilha.

51.Amuleto no interior da lápide (PP, zoom de afastamento).

52.(Plan.50) Boris olhando o amuleto (zoom de aproximação até PP). Novo chamado de Karloff. Boris resolve atender ao chamado e vira-se bruscamente para trás.

53.Linha de visão de Boris: Karloff vem em sua direção (PM). Está normal e traz o contador Geiger: “Foi difícil, mas achei!” FRAME-OUT. Karloff: “O que é isso?”

54.Boris agachado e Karloff em pé logo atrás, olhando para a câmera (ângulo baixo para cima). Boris está olhando Karloff, vira-se para câmera: “Um amuleto... creio que usavam para ressucitar os mortos...”

55.Linha de visão de ambos: amuleto. Karloff (?) completa: “...ou para criar a ilusão de que ressucitavam.” FADE-OUT.

2º.Final

49.(Plan.46) Boris vem correndo em direção à lápide. Os dois zumbis aparecem ao fundo, vindos da trilha. Assim que Boris deposita o amuleto em seu lugar de origem, os dois mortos-vivos sucumbem (opção de planos extras mais próximos, com efeitos especiais mostrando a morte dos dois).

50.Linha de visão de Boris: o amuleto (zoom de aproximação). FADE-OUT.

*Escrito à 4 de setembro de 1991, Santa Rita do Passa Quatro
e 10 de setembro de 1991, São Paulo
a partir de esboços de
Pedro Luís Bello Daldegan e
Renato Meirelles Caiuby
de 4 de setembro de 1991*

Some Words About “Zoombies”

“Uma estória inicialmente concebida para servir a um filme de curta-metragem experimental onde pudessem ser testadas novas técnicas de maquiagem, e, aproveitando a oportunidade, mais uma vez as novas técnicas de sonoplastia. Para isso, foi criado um enredo leve, com toques de humor, uma espécie de Rock Horror moderno. Deve ser um filme com movimento, até mesmo quando os personagens devem permanecer parados; nesse caso, faz-se com que a câmera se mova por eles. Para trilha sonora, pensou-se em algo na linha de Devo, Oingo Boingo, PIL,...”

Vlad

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

O fogo ardia no centro da roda de amigos. Além de aliviar um pouco a intensa escuridão daquela noite sem lua, servia também para amenizar o frio cortante de inverno. Os assuntos banais que estavam sendo tratados desligaram Otto da conversa, que agora permanecia absorto em seus pensamentos, enquanto fitava profundamente as chamas a sua frente. Que belo era o fogo! Enquanto destruía uma porção de matéria, alimentava suas vidas, cedendo-lhes calor. Por instantes, havia desvendado o mistério da vida - a força vital latente no Universo não era perdida com a morte de um ser vivo, mas simplesmente transferida a outro por um maravilhoso, porém natural, processo. Existiriam, no entanto, outros meios não executados pela natureza, para se retirar essa força vital de um animal ou vegetal e passá-la a outro? O fogo, por exemplo, retirava energia da madeira -- que outrora fora viva -- e transferia essa, por assim dizer, força vital para os humanos ao seu redor. O simples ato de se alimentar era um processo de absorver força vital de um ser já morto. O Homem criara tanto, transformara tanto a natureza a seu favor; não poderia ele criar novos processos? Otto já tinha lido sobre vampirismo, e agora começava a associar as duas idéias. Existira, na Idade Média, nobres que banhavam-se em sangue humano -- e muitas vezes bebiam-no -- com o intuito de se revitalizarem. Preferiam o sangue de jovens -- e de jovens virgens acima de tudo -- por terem mais energia de revitalização. Parecia-lhe claro agora que a prática desse vampirismo medieval nada mais era do que um processo artificial de transferência de força vital.

"Você está certo no que está pensando, Otto!", ouviu Vladimir dizer-lhe, e percebeu que saía de uma espécie de transe. Esquecera-se completamente de que tinha companhia, e perdera-se completamente da conversa, pois sua concentração nos pensamentos o impedira de ouvir. Fitando o fogo, chegou à conclusão de que ele o havia hipnotizado. Que método excelente de filosofia!

"O que foi que me disse, Vladimir?", perguntou Otto.

"Eu!? Não falei nada."

Talvez não tivesse dito mesmo, Otto estava acordando de seus pensamentos para as outras pessoas e não tinha muita certeza do que tinha acontecido ao seu redor. Melhor não discutir. Lembrou-se de suas

necessidades fisiológicas e levantou-se para urinar, deixando seus amigos e amigas conversando e bebendo vinho.

Inconscientemente, Otto afastou-se um pouco mais do grupo do que o necessário, perdendo-os de vista devido à vegetação. Quando olhou ao redor para voltar à fogueira, notou que havia se formado rapidamente uma espessa cortina de neblina. Tinha certeza, porém, de que conhecia o caminho, e pôs-se a andar. Não tardou para perceber que estava perdido. Mas não podia estar muito longe. Gritou pelo grupo, mas não obteve resposta. Continuou, então, a andar.

Aos poucos, a neblina foi tornando-se menos intensa, e Otto pôde observar melhor ao redor, apesar da escuridão noturna. Foi quando viu um vulto a sua frente. Aproximou-se. Era definitivamente uma pessoa. Um súbito medo apoderou-se dele então. Receou avançar, mas suas pernas continuaram mesmo assim. Sentiu um estranho pressentimento de perigo, mas não pensou em parar. Talvez estivesse mais curioso do que amedrontado. Na verdade, pensava bem pouco, apenas conjecturava quem seria aquela pessoa. Estranhamente não pensou em nada para dizer, nem em dizer algo. O vulto começou a se definir. Era um homem preso por cordas entre duas árvores. Seus braços estavam abertos. Parecia que o corpo todo estava sustentado pelas cordas amarradas em seus pulsos. Suas pernas estavam ligeiramente flexionadas, com seus pés tocando o chão. Se não estivesse morto, estava num estado que beirava a morte. Otto aproximou-se mais um pouco, e encheu-se de um sentimento misto de surpresa, medo e incompreensão. O preso levantou tristemente o olhar para Otto. Era ele próprio, uma réplica de si. Ele via a si próprio, mas não compreendia como. Só pensou em se afastar, e foi o que fez.

Enquanto procurava a fogueira onde estavam seus amigos, entrou em um novo nevoeiro e foi cair numa trilha. Ao segui-la deu com uma muralha, e uma porta de ferro nela. Não foi difícil abri-la. A sua frente estava um corredor do que parecia ser um construção medieval. Havia alguns castiçais com velas acesas presos nas paredes, que forneciam uma certa iluminação. Otto ficou muito curioso, pois nunca ouvira falar de nenhuma construção desse tipo na redondeza. Resolveu entrar para ver aonde aquilo ia dar. À alguns passos de onde estava, o corredor fazia uma curva à direita, de onde vinha uma luz mais intensa. Otto seguiu em frente e fez a curva. A sua frente, uma escada dando para cima, e era de lá que vinha a luz. Seguiu em frente, subindo a escada. Otto pouco pensava no que poderia acontecer, apenas ia em frente, guiado pela curiosidade. Não que fosse uma pessoa corajosa, de espírito aventureiro, pois não era; apenas agia dessa forma na

ocasião, como que instintivamente. Ao chegar ao topo da escada, estava em um salão intensamente iluminado por velas. Tudo parecia muito antigo. Nas paredes havia quadros de pessoas, que traziam no semblante um ar aristocrático. No chão, um enorme tapete conduzia a uma espécie de altar. Ali, via-se uma poltrona e acima dela um brasão. Na poltrona -- que no caso mais parecia um trono -- estava sentado um homem. Apesar de os objetos serem antigos, todos pareciam novos, como se Otto tivesse voltado no tempo. E parecia que o homem o esperava. Otto aproximou-se para poder observá-lo melhor. Ao ver seu rosto, recuou assustado. Aquele homem era um sócia de seu amigo Vladimir. Era como se ele estivesse assistindo de perto a um sonho seu, em que seus amigos e conhecidos, e ele próprio assumem papéis diversos. Ficaram alguns instantes travando uma espécie de duelo de olhares, até que o homem em seu trono desviou o olhar de Otto, fazendo um sinal com as mãos para alguém atrás dele. E foi nesse ponto, antes mesmo que Otto pudesse virar-se para olhar, que dois homens encapuzados chegaram por trás dele, e torcendo seus braços para trás, algemaram-no.

"Meu nome é Vlad.", disse finalmente o homem que estava sentado. "E apesar da invasão, seja bem-vindo ao meu castelo." Deu então um novo sinal, desta vez com a cabeça, e Otto foi levado.

Saíram por uma das portas do salão, e a série de corredores, salas e escadas pelas quais passaram causaram grande impacto sobre Otto. Realmente estava em um castelo. Não conseguia compreender mais nada. Não estava sonhando, e isso era certo. Mas como poderia ter visto duas pessoas conhecidas -- uma delas sendo ele próprio -- desempenhando papéis que sabia não lhes pertencerem? E de onde surgira aquele castelo? Não tinha ido tão longe assim, perdido no nevoeiro. Não tinha bons pressentimentos sobre isso. Sentia que algo terrível estava por acontecer. Devia haver um significado para tudo aquilo. Seria uma brincadeira de seus amigos? Não, onde teriam arranjado o castelo, e como vira a si próprio preso entre duas árvores? Talvez tivesse sido sugestionado enquanto olhava o fogo; a hipnose podia ser bem poderosa sob certas condições. Nesse caso, tudo era falso: o castelo, as pessoas que havia visto, o nevoeiro. Mas se tivesse sido realmente hipnotizado, não teria chegado a pensar que tudo não passava de uma simples sugestão. Ou teria?

Chegaram a um grande salão pouco iluminado. O ar dali estava carregado. Havia um forte cheiro de sangue coagulado e carne podre, que transmitiram-lhe uma terrível atmosfera. Era cheiro de morte. Aos poucos, seus olhos foram acostumando-se com a penumbra do local. Existiam vários

aparelhos espalhados pelo cômodo. O pavor tomou conta de Otto: estava no calabouço do castelo, e aqueles aparelhos eram máquinas de tortura! Seus maus pressentimentos estavam para se concretizar. Numa tentativa desesperada, Otto forçou sua libertação, mas não teve sucesso. Não era fácil lutar com os braços algemados nas costas, e contra duas pessoas tão fortes quanto ele. Mas conseguiu empurrar um deles com a perna. Foi aí que Otto teve uma nova revelação. Com o empurrão, o torturador foi dar de costas com a parede, e seu capuz enroscou em um castiçal sem velas. Desequilibrado então, caiu no chão com a cabeça descoberta. Ele era outro sócia, desta vez de Adolf, outro de seus amigos da fogueira. Na sua surpresa, Otto foi facilmente dominado.

"O que vocês querem, afinal?", berrou ele com raiva. "E você, quem é? Josef? Isaac?" Não houve resposta para nenhuma pergunta. Apenas agarraram-no com mais força e conduziram-no a uma parede, onde foi acorrentado. Depois disso, os dois se retiraram sem dizer coisa alguma.

Otto ficou olhando ao seu redor. Alguns dos aparelhos já tinha visto em livros ou filmes. Outros eram completamente novos para ele. Tinha pavor só em pensar para que serviam. Foi então que ouviu um gemido vindo de um canto próximo a ele. Desviou o olhar para lá e viu horrorizado um homem fincado em uma estaca vertical. Ao lado dela encontravam-se mais algumas. Otto apavorou-se ao pensar que aquele talvez também fosse o seu destino. O pobre coitado estava em estado terminal. Um pouco de sangue ainda escorria dele, e era coletado por uma bacia aos pés da estaca. Que morte lenta e dolorosa! Sentiu imensa pena dele e temeu que aquilo pudesse acontecer com ele.

Cada minuto de espera agora era agonizante. Ouvia ruídos imaginários de alguém se aproximando e enchia-se de pavor com isso. Cada gemido dado pelo pobre empalado vinha em cheio ao seu peito como uma afiada estaca. O tempo passava bem devagar, parecendo uma eternidade. Fazia poucos minutos que estava preso na parede, mas para ele horas haviam se passado. Imagens confusas de pensamentos tenebrosos povoavam sua mente. Aquela espera tinha se tornado uma tortura por si só.

Passos vieram em direção ao calabouço e um frio de antecipação percorreu a espinha de Otto. Um dos encapuzados entrou trazendo uma bandeja com alguma comida e deixou-a sobre uma mesa próxima às estacas. Devia ser para os dois condenados. Otto sentiu-se enjoado. Não conseguiria comer naquele lugar horrível cheirando a morte. O servo ficou ao lado da mesa, como se esperasse seu amo. Vlad entrou logo em seguida, caminhando como um nobre. Tinha um ar aristocrático, o que transmitia

muita dignidade. Sua aparência não combinava de forma alguma com o crápula desumano que era. Vinha trajado com a mesma roupa preta semelhante a uma batina com a qual Otto o vira antes. Ao redor do pescoço trazia uma grossa corrente prateada. O corte de cabelo não era o mesmo de Vladimir -- era muito antiquado --, mas o rosto definitivamente era. Apesar disso, era difícil associar as duas pessoas. Era como se Vladimir fosse um ator desempenhando muitíssimo bem seu papel -- sua personalidade sendo integralmente substituída pela do personagem, apenas o corpo mantinha-se o mesmo. Vlad sentou-se a mesa e começou a comer. Otto ficou enojado: aquele tirano vinha jantar entre suas vítimas! Como podia alguém ser tão desumano?

"Sirva-me o vinho da vida.", ordenou Vlad a seu servo, entregando-lhe uma taça de prata. Este tomou-a, e encheu-a com o sangue que escorria do empalado para a bacia. Então Vlad praticava o vampirismo. Estaria ele buscando vida eterna com isso? Talvez tivesse conseguido. Quantos anos teria ele afinal? Apesar da curiosidade, Otto não se atreveu a perguntar nada. Apenas observou, cheio de asco, Vlad comendo. Seu ódio por ele aumentava cada vez mais.

Vinho da vida -- dissera Vlad. Isso entrava em acordo com o que estivera pensando na fogueira sobre a força vital. Não havia sido Vladimir que dissera que ele estava certo em seus pensamentos, e depois negou que tivesse dito? E os dois nomes eram praticamente um só. Teria seu "amigo" Vladimir decidido demonstrar na prática aquilo que Otto teorizara? Mas como? Quem era Vladimir afinal? Que mistérios não tinham as pessoas que julgávamos conhecer!

Sem forças, Otto acabou adormecendo enquanto estava absorto nesses pensamentos. A próxima vez que recobrou consciência foi suficiente apenas para levantar o olhar para frente e ver a si próprio na floresta, assustado, observando-se. Viu-se afastar. Estava assistindo ao passado -- foi seu último pensamento, antes de deixar a cabeça cair novamente e morrer, preso entre duas árvores.

Março de 1991

*a partir de idéias e esboços de
Guilherme de Rossi e
Pedro Luís Bello Daldegan
de 5 de julho de 1989*

O Filho de Sirius

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

Acabo de acordar de um sonho repetido e perturbador, e creio ter chegado a uma conclusão quanto a sua natureza. Refere-se a uma singular experiência, que nesse caso garanto ser verdadeira. Agora eu acredito ter sido ela muito mais significativa do que a princípio pensei.

Tudo começou numa noite em que eu e meu amigo William estávamos acampando em sua fazenda. Fomos por minha insistência, pois aquele era o primeiro final de semana das férias, e havia muito o que se fazer na cidade. Sempre fui uma pessoa gregária, mas estranhamente queria me isolar por uns dias, e como eu e William sempre fazemos tudo juntos, ele me acompanhou. Na ocasião, interpretei essa minha indisposição para a sociedade como algo natural e passageiro, mas agora creio ter sido determinada por forças externas a mim.

Era nossa primeira noite, e tínhamos ido dormir tarde. Não sei porque, mas sempre que acampamos o sono demora a vir, e ainda assim, acordamos cedo no dia seguinte. Passamos grande parte da noite fora da barraca diante de uma fogueira preparada durante o dia, conversando sobre nossos amigos e nós mesmos. William parecia desejar muito estar na cidade ao invés de no campo, apesar de gostar também de apreciar as estrelas enquanto conversamos sobre pessoas e o relacionamento humano. Mas não expressou o que preferia estar fazendo. Nem precisava. Entendemo-nos tão bem que um olhar basta para saber o que o outro pensa. Quando o sono finalmente veio, apagamos a fogueira e entramos na barraca. Não demorou muito para que dormíssemos.

Era uma noite clara, bastante estrelada. Acordei com um clarão, como se a aurora tivesse chegado rápida, mas não tão intensamente. Não posso dizer com precisão, mas deve ter durado cerca de um minuto, então desfez-se. Poderia ter sido um raio, se não tivesse sido tão longo. Mesmo assim, não veio nenhum trovão. Havia apenas um leve zumbido, quase imperceptível, que desapareceu com a luminosidade.

Fiquei apreensivo. Na verdade, fiquei apavorado. Não temos mais medo de uma situação nitidamente perigosa do que do desconhecido. Temos medo da escuridão porque não sabemos o que pode surgir dela. Temos medo da morte porque não sabemos o que ela significa, e sua antecipação é em verdade mais tenebrosa do que ela própria. Aquele clarão era um

mistério, e conduziu minha mente aos pensamentos mais assustadores. Se algum ser humano, mesmo um amigo meu tivesse chegado naquele momento, teria me feito desmaiar de pavor antes mesmo de poder se identificar. Olhei para o relógio, ainda eram duas horas; tínhamos ido dormir a pouco e demoraria ainda para amanhecer. Resolvi tentar dormir; apesar de frágil, a barraca dava uma curiosa sensação de segurança.

Mas quando fechei os olhos, minha audição se aguçou e pude perceber ruídos estranhos, muito baixos, vindo de trás da barraca, mas não poderia dizer a que distância, nem mesmo se eram reais. Surgiu em mim, então, a nítida impressão de que havia algo ali. Isso foi suficiente para deixar-me mais perturbado. Levantei-me, ajoelhando-me sobre minhas cobertas, virado para trás, para onde vinham os estranhos sons. Acho que foi uma ação impensada, pois não sei onde teria encontrado coragem em minha racionalidade para fazer isso. Mas a partir daí, fiquei apenas intrigado; uma sensação de paz passou a tomar conta de mim, como se de repente eu soubesse que o que quer que estivesse lá fora não fosse perigoso. E eu realmente sabia que não era, embora não pudesse dizer como poderia estar tão certo. Era como se todo medo tivesse sido extirpado de mim; o que é estranho, pois via luzes e sombras se movendo contra o fundo da barraca, e agora tinha certeza quanto a existência dos sons. Eram reais, e muito estranhos. Alguns pareciam ser artificiais, embora diferentes do som de qualquer instrumento ou aparelho que conheço. A que distância estavam, não sei dizer. Foi então que resolvi sair para olhar. Pensei muitas vezes em porque nem lembrei de acordar William para me acompanhar. Hoje, por causa do sonho, acho que fui induzido a agir assim.

Abri a entrada da barraca e rapidamente calcei meus tênis. Estava extremamente curioso, e, embora sem medo, achei sensato manter distância e observar tudo agachado, sem chamar atenção. O que vi me deixou pasmado. Sempre ouvi relatos sobre discos voadores e seres extraterrenos, e apesar de não ser de todo cético em relação ao assunto, nunca esperei realmente ter uma experiência desse tipo. Mas ali estava. A uns cinquenta metros de mim, dois humanoides vestidos de branco utilizavam estranhos aparelhos, aparentemente fazendo análises do solo. Procurei ao redor deles, sem sucesso, por sua nave. Então, ergui os olhos e me deparei com um imponente objeto, a uns vinte metros do chão. Tinha forma de um disco de cerca de cem metros de diâmetro. Não sei dizer qual era sua altura, pois uma pequena porção dele estava sobre mim. Não havia luzes, motivo pelo qual não notei sua presença assim que sai da barraca. Fiquei a fitá-lo por alguns

instantes, como se tentando convencer a mim mesmo de sua existência. Estava pasmado.

Baixei os olhos novamente, e um calafrio percorreu minha espinha. Os dois extraterrenos estavam agora a uns dez metros de mim apenas, e fitavam-me. Devem ter estabelecido algum tipo de contato telepático comigo, pois novamente uma sensação de paz voltou a mim, dissipando o calafrio. Eu agora sabia que não eram perigosos, de alguma forma me haviam dito isso. Também pareceu que fiquei sabendo que estavam pesquisando nosso planeta. A partir daí minhas lembranças começam a se tornar confusas. Lembro-me vagamente que uma cortina de neblina se formou, e os dois humanóides perderam-se nela, voltando provavelmente para onde os vira primeiramente. Tenho a vaga lembrança, como um sonho, de ter ido atrás deles. Acho que me dominaram telepaticamente, induzindo-me a fazer o que queriam sem que lembrasse disso, como uma sugestão hipnótica.

O fato é que não me lembro do que aconteceu em seguida. Lembro-me apenas de ter saído da neblina e encontrado William olhando o disco que partia. Foi quando fiquei sabendo, estarecido, que já era a noite seguinte, e não consegui me recordar de nada desde a noite anterior em que entrei no nevoeiro até aquele momento. Foi William que me contou o que aconteceu.

Ele acordou com um clarão e um zumbido. Olhou para o lado e não me viu. Ficou apreensivo e com medo, como eu havia ficado quando notei o mesmo clarão. Demorou até que tivesse coragem para sair dali à minha procura, que não precisou ser muito intensa, pois eu estava mais ou menos onde os extraterrenos estiveram, a uns cinquenta metros da barraca. Olhava as estrelas. William me perguntou o que eu fazia ali e que clarão havia sido aquele. Contei-lhe o que havia acontecido, acrescentando que o disco tinha acabado de partir -- produzindo o clarão que acordara William --, e eu ficara ali, observando-o partir até se transformar em apenas um ponto e sumir. A princípio, ele não acreditou muito, mas quando se lembrou do que o acordara, aceitou o fato de que algo realmente estava acontecendo, e não era algo muito normal.

Eram quatro e vinte então, e William me disse que fiquei muito intrigado quando soube do horário. Naquele dia, todas as minhas memórias estavam bem claras, e não me lembrava de nenhum intervalo de duas horas. Lembrava de ter entrado no nevoeiro, vê-lo se dissipar e assistido ao disco partir, até que William fosse ali me encontrar -- memórias contínuas, sem lapsos. Mas eram quatro e vinte, e meu próprio relógio me afirmava isso.

Aceitamos o fato, então, de que havia o consultado mal quando acordei; afinal, estava apavorado naquele instante.

Conversamos mais um pouco sobre o que eu tinha visto e fomos dormir. William não se conformava de eu não tê-lo acordado para verificarmos juntos os estranhos ruídos. Como disse, também não soube antes porque agi dessa maneira. Hoje, acredito ter sido induzido pelos alienígenas, para que tudo saísse de acordo com seus planos.

Conforme narrou-me William, acordamos no dia seguinte e examinamos as marcas deixadas pelos humanóides na noite anterior. Isso deu maior veracidade a minha estória. De resto, nosso dia foi normal, sem muito o que fazer. William me consultou sobre a possibilidade de irmos para a cidade, mas quis ficar mais uma noite, na esperança de novo contato. Ele concordou comigo, pelo mesmo motivo provavelmente.

A noite veio e ficamos a conversar ao lado de uma nova fogueira. A maior parte do tempo falamos sobre a insólita visita da madrugada anterior. Olhamos as estrelas e conversamos sobre elas, dessa vez não tão poeticamente; agora as olhávamos como outros sóis que aqueciam outros mundos e, pelo que pudemos constatar, outras vidas. Falamos sobre a infinitude do vasto Universo e a finitude Humana, lançando mão de nossa vã, porém honesta, filosofia.

Estava tão frio quanto a noite anterior e o céu igualmente claro e estrelado. Nada de muito anormal tinha acontecido até então -- segundo me contou William --, apenas uma atração especial que uma determinada estrela parecia exercer sobre mim. Constantemente tecia algum comentário sobre ela; fosse sobre seu brilho, posição no mapa celeste ou qualquer outra coisa. Mas não sabia explicar porque esse fascínio em particular. Nenhum de nós conhecia seu nome nem a que constelação pertencia. Como já disse, não me lembro disso, mas desde então tenho sido atraído por essa estrela de forma especial. Há algumas semanas atrás, um conhecido, cuja formação lhe permite conhecer melhor o firmamento do que eu, informou-me se tratar, na verdade, de uma estrela dupla chamada Sirius. Hoje, acredito saber de que modo estou ligado a ela.

Eram duas horas, e depois de realimentada várias vezes, a fogueira ainda ardia. Ambos estavam cansados quando um clarão conhecido iluminou ao nosso redor. Erguemos nossos olhos e vimos a já esperada nave. William deve ter ficado muito mais impressionado do que eu, pois ainda não a havia visto.

Ficamos algum tempo contemplando o aparelho, e novamente formou-se uma cortina de neblina. Parece que me afastei de William, sem

que ele se desse conta disso. Só percebeu minha ausência quando o disco finalmente resolveu partir. Foi quando me aproximei dele, saindo da neblina. Ele continuou então a olhar para o céu.

A partir daí eu me recordo. É uma sensação estranha alguém lhe dizer que você fez coisas das quais não se lembra. É uma experiência insólita sair das nuvens e descobrir que muita coisa se passou desde que você entrou ali, quando a impressão que se tem é de que nada mais do que minutos se passaram. Já ouvi pessoas que tiveram amnésia dizerem que tinham vagas lembranças do que tinham feito quando alguém lhes contava, como se fossem reminiscências de um sonho quase todo esquecido. Mas nem vagas lembranças eu tive. Um dia inteiro de minha vida tinha sido completamente apagado de minhas memórias.

É claro que a princípio não acreditei no que William me dizia sobre o tempo, achando que era uma grande piada dele, da qual eu era o protagonista; mas os calendários dos relógios desmentiam essa hipótese, e quando voltamos à cidade no dia seguinte, tive então certeza de que perdera realmente a memória -- o tempo era realmente aquele que William me dizia ser, e não aquele que eu imaginava.

Isso foi há cerca de seis meses, e desde então tenho vivido normalmente, exceto pela atração que tenho pela estrela binária de Sirius e pelo intrigante sonho que se repete com frequência desde então.

Nele, estou de volta ao acampamento, diante de uma cortina de neblina, na qual eu entro, enquanto estou também saindo. É complicado e soa absurdo, mas parece que consigo enxergar de dois pontos de vista distintos, como se eu fosse duas pessoas simultaneamente. O que sai junta-se a William, e o outro entra na nave, que parte logo em seguida. Vejo, então, a nave se afastando ao mesmo tempo em que vejo o solo, eu e William ficando pra trás. Então, essas imagens se dissolvem, e eu acordo.

Agora esse sonho me parece muito claro, e custo a acreditar que levei tanto tempo para compreendê-lo. É claro que a conclusão à qual cheguei não passa de especulação, mas explica perfeitamente todas as anomalias do que aconteceu -- os lapsos temporais e minha amnésia profunda. Pode ser que do que direi agora, nada ou bem pouco seja verdade, mas eu particularmente acredito em tudo o que segue.

No lapso de duas horas da primeira noite, entrei na nave. O que lá ocorreu não posso precisar, mas os alienígenas devem ter tomado amostras genéticas minhas e uma cópia completa de minha memória, e isso em particular não sei como poderia ter sido feito, mas para uma civilização cientificamente mais avançada como a deles não deve ser difícil. Enfim, fui

devolvido depois das duas horas, mas antes fui sugerido hipnoticamente a não me lembrar delas, e provavelmente a passar mais uma noite ali. Com meus genes eles construíram uma réplica exata de meu corpo, e nele implantaram as memórias que haviam copiado. Na noite seguinte, trocaram os corpos. Portanto, não sou Scott, mas uma réplica exata dele! Eis porque não lembro de um dia inteiro: não fui eu que o vivi, foi o original de mim e na troca não houve tempo para que essas novas memórias fossem acrescentadas às minhas.

Penso em quantas pessoas não estarão vivendo nesse mundo, sem saber que não são aquele que pensam ser. Pessoas nas quais o trabalho executado pelos extraterrestres, devido às circunstâncias, teria sido melhor, sem que se deixasse nenhuma pista. Pessoas sozinhas, por exemplo, por muito tempo em uma fazenda, e que hoje são réplicas de outras, assim como eu. Ou talvez eu seja o único.

Mas, e o original? Deve ter sido levado à Sirius, para estudos. Apesar de termos lembranças comuns, somos agora pessoas diferentes, pois estamos passando por experiências diferentes. Mas será que posso me considerar um ser humano, ou sou apenas um produto extraterrestre? Será que posso me chamar de Scott, ou de apenas uma réplica dele? Talvez possa dizer que somos a mesma pessoa vivendo, por assim dizer, realidades paralelas. Eu aqui passo por uma crise de identidade, mas ele deve estar passando por algo bem pior, afastado da Terra, de nossa família e amigos -- digo nossa porque temos o mesmo sentimento em relação a eles --, e ainda por cima sendo estudado como um cobaia. Não queria isso para mim, mas de certa forma sou eu que estou passando por isso. Quais serão nossos destinos? Talvez ele tenha sido levado temporariamente. Nesse caso, o que acontecerá comigo quando ele retornar? Talvez seja eliminado, como uma simples peça substituta que já não tem mais uso. Acho que se isso acontecer, nossas memórias serão fundidas, para que ele não se sinta perdido em seu planeta depois de uma longa viagem, com uma longa "amnésia", nem que suas experiências sejam perdidas. Eu continuaria então a existir, mas apenas em suas memórias. Ser a mesma coisa? Só o tempo poderá responder. Enquanto isso, olho as estrelas, aguardando um retorno incerto.

São Paulo, 7/8/9 de abril de 1992

*adaptado a partir de estória de julho de 1987
e esboços de dezembro de 1989*

Egofobia

Conto

O livro de psicologia estava ali na prateleira, oferecendo-se. Andreas apenas esperava, folheando uma revista de computadores sem realmente ver suas páginas. A oferta continuava. Era como se o livro olhasse para ele, chamando-o. Mas Andreas precisava esperar. Não devia demorar muito ainda. Já eram quase nove horas.

Os minutos se arrastavam. O tempo não corria, apenas caminhava. A impaciência aumentava, o livro se oferecia e Andreas tinha que esperar. Nove horas. "Vão chegar atrasados."

Finalmente seus pais apareceram na sala para se despedir. Sua mãe lhe perguntou se ia sair, mas já sabia que a resposta era negativa. Acrescentou que não tinham muito horário para voltar, pois nesses jantares o pessoal sempre ficava além da comida. Mais duas ou três repetidas palavras de recomendações e deixaram-no sozinho.

Andreas ainda verificou se haviam deixado a porta da frente bem trancada. Foi à prateleira, e finalmente pegou a livro que tanto se oferecia.

No carro, seu pai dizia que ele deveria sair mais de casa, cultivar mais as amizades, enfim, ser mais sociável. Qual era o problema afinal? Sabiam que ele era um jovem retraído, mas percebiam que não gostava de ser tão introvertido, e que era querido pelos amigos. Qual seria o bloqueio, então? A mãe repetia o que a psicóloga tinha lhe dito, algo a ver com insegurança de adolescência. Bastava lhe dar algum tempo e ocasionais palavras de encorajamento que isso passaria. Continuaram a repetir essa conversa que já haviam tido até chegarem ao jantar, onde esqueceram do assunto.

Andreas já havia folheado o livro e procurado no índice por um tema que talvez pudesse ajudá-lo. Escolheu um entre dois ou três que encontrou, e pôs-se a ler.

Não foi depois de muito tempo de leitura que ele descobriu o significado da palavra ego, em termos de psique -- ego, o Eu. Juntamente veio alter-ego, o eu alternativo, a personalidade oposta. Era nisso que deveria se concentrar, decidiu. Se estava tentando modificar seu modo de ser, e assim sendo de agir, deveria se mirar numa personalidade oposta a sua.

Interrompeu a leitura e pensou em seus colegas, e nos amigos deles, conhecidos seus, mas não conseguiu encontrar ninguém que se aproximasse de seu alter-ego. Se fosse o seu oposto em um aspecto, era semelhante em outro; apesar de que se sentia diferente de todos eles.

Começou a pensar no modo como se relacionava com essas pessoas. Todos o amedrontavam, todos de alguma forma o intimidavam. Parecia que representavam alguma ameaça, apesar de lhe serem sempre muito gentis, pelo ao menos quando se dirigiam a ele. Mas sabia que era um engodo, sabia o que pensavam dele. Ele era diferente.

Mas por que tinha que ser assim? Levantou-se da cadeira de balanço onde estava e foi até o espelho da sala observar-se. Buscava uma resposta. Quem era ele afinal? Quem seria aquele do outro lado? Tinha uma expressão triste. Os óculos davam-lhe um ar intelectual, mas um tanto desajeitado. Melhor dizer então intelectualóide, combinava mais com ele. Era inteligente, sem dúvida -- uma olhada apenas para aquele rosto já dizia isso --, mas ainda assim era ingênuo. Aquele olhar era um olhar ingênuo -- um olhar simples, perdido. Era também um olhar humilde. Devia ser possível ser humilde sem ser ingênuo, mas naquele caso era os dois. Havia mais alguma coisa. Aquele olhar tinha sensibilidade. Ele era uma pessoa sensível. Era ainda um olhar amedrontado, até mesmo covarde. Não podia ser usado para se ver diretamente nos olhos das pessoas, pois sempre se esquivava. Um olhar simples, mas cheio de significações. Seu rosto não era especialmente feio, mas não era do tipo que chamava a atenção, e os óculos contribuía para isso, o penteado contribuía para isso, as expressões contribuía para isso, e o olhar... o olhar também contribuía para isso. Não podia esperar que gostassem de alguém assim, cujo próprio rosto não se impunha. Voltou à cadeira de balanço.

Pensou novamente em seus colegas e conhecidos. Gostaria de estar entre eles sem medo, sabendo se defender se fosse preciso, mesmo que de simples palavras. Gostaria de beber com eles, se divertir. Gostaria de saber conversar com eles sem temer sem chato. Gostaria de sair com garotas, como eles. O que será que diziam para conquistá-las? Gostaria de muitas coisas, mas não se imaginava fazendo nada disso. Queria não ser tão diferente dos outros.

A essa altura, Andreas já havia recostado sua cabeça, fechado os olhos e se posto a divagar. Começou a se imaginar de outra maneira. Procurava por seu alter-ego. Acabou adormecendo e sonhando com ele.

Não usava óculos, e o corte de cabelo era diferente, algo mais moderno. Suas roupas também haviam mudado. Sua postura era outra, assim

como suas expressões. Era um estilo mais atraente, algo mais agressivo. Seu comportamento era seguro, decidido.

Quando Andreas acordou, sabia o que queria ser. Talvez Natasha pudesse gostar dele se ele fosse daquele jeito. Tentou retornar à leitura, mas estava empolgado demais com a imagem que fizera de si mesmo. Ele ia se transformar em seu alter-ego. Ele queria isso. Sentiu que esse sopro de convicção, de espírito empreendedor já fazia parte do seu novo eu.

Interrompeu esses pensamentos apreensivo, pois ouvia passos na casa. Deveria estar sozinho. Pensou em se levantar para checar, mas estava imobilizado pelo medo. Prestou atenção apenas. Não escutou mais nenhum ruído.

Ainda era um covarde afinal. Ainda tinha medo de sons imaginários. Isso lhe entristeceu. Precisava mudar. Agora já sabia quem queria ser. Continuou a pensar fixamente em seu alter-ego.

Novamente ouviu passos, e alguns outros ruídos que indicavam que alguém estava lá -- um ladrão talvez. Andreas fez um esforço incomensurável, e se levantou da cadeira. Precisava checar. Não por uma questão de segurança, mas por ele mesmo.

Os passos continuavam. Andreas caminhou cauteloso até o hall de entrada que ligava a sala onde estava com o resto da casa, onde o intruso deveria estar.

Os passos se tornaram mais firmes e nítidos. Agora tinha certeza de que havia alguém ali. E parecia que vinha ao seu encontro, até o hall. Andreas apavorou-se. Quis fugir, mas quando tentou fazer isso, percebeu que a chave havia sido roubada. Não poderia abrir a porta; estava encurralado portando. Apenas esperou, apavorado. Mas não veio ninguém. Os passos tinham cessado.

Andreas deixou-se cair, sentando-se no chão, encostado na porta da frente. Devia estar ficando paranóico... Não! Havia alguém ali; apenas estava sem se mover. Talvez tivesse notado a sua presença e estivesse com medo também. Andreas tentou escutar algum ruído acusativo, mas nada chegou aos seus ouvidos. O silêncio era absoluto.

Aos poucos, o medo foi passando, junto com os minutos, mas ele continuava sentado ali. Olhou o livro em suas mãos, fechou os olhos e começou a se imaginar novamente como seu alter-ego -- aquele rapaz destemido e atraente --, até que finalmente se esqueceu do intruso imaginário. Estava mais preocupado agora em sonhar com o dia em que seria popular, carismático.

E novamente teve que abandonar suas divagações. Os passos vieram ao seu encontro, e pararam a alguns metros dele apenas. Havia alguém ali. Andreas teve medo de abrir os olhos. Duelou contra seu próprio pavor para fazer isso. E quando finalmente conseguiu, sua reação foi levantar-se surpreso. Diante de si estava seu alter-ego, exatamente como o tinha imaginado. Era ele próprio, se tivesse uma personalidade oposta a sua. Mas algo o incomodou profundamente. O olhar não era covarde, mas parecia insensível, uma tanto imoral até. E havia algo de cruel em seu sorriso.

Ego e alter-ego fitaram-se por alguns instantes, até que o segundo, com elegantes e habilidosos movimentos, sacou uma faca do bolso de trás da calça. Andreas conhecia esse tipo de arma apenas dos filmes de gangues de ruas.

"Você quer que eu tome o seu lugar... estou aqui pra isso.", disse finalmente o alter-ego em tom sarcástico e arrogante, aproximando-se ameaçadoramente.

Andreas compreendeu tudo imediatamente: assumir outra personalidade seria anular a si próprio, seria o equivalente a morrer e deixar seu corpo a outra pessoa. O livro caiu de suas mãos. Havia desistido de mudar, e o alter-ego desapareceu de sua frente.

Enquanto devolvia o livro à prateleira, decidiu que as pessoas teriam que aceitá-lo do jeito que era. Poderiam gostar dele assim mesmo, bastava um pouco de autoconfiança. Talvez até já gostassem, apenas ele não sabia.

*Escrito a 25 de maio de 1992, São Paulo
e a 1 e 2 de junho de 1992, Santa Rita*

*baseado em esboços de agosto de 1988
filme de julho de 1990
novos esboços de novembro de 1991*

A AMPULHETA

Conto

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

Eram nove e quarenta da noite de sábado quando os pais de Felipe encontraram seu corpo sem vida em seu quarto. Estava sentado diante de uma escrivaninha, caído sobre ela, com um revólver em uma das mãos. Aparentemente tinha sido cometido suicídio. O choque, é claro, foi enorme.

Felipe não aparentava ter nenhum problema. Ao contrário, estava se saindo muito bem em tudo o que vinha fazendo. Era um adolescente bem sucedido, apesar de ter envelhecido rapidamente nos últimos anos, algo que nenhum médico conseguira diagnosticar. Mas ele próprio não parecia se preocupar com isso. Não havia, portanto, razão aparente para que pusesse fim a sua vida, até que sua carta de despedida foi lida, revelando grandes surpresas.

"Desisto de viver... e faço isso por causa de um maldito objeto mágico encontrado por acaso. Graças a ele, eu trouxe a desgraça para mim e todas as outras pessoas nesse mundo.

Um dia, andando na rua, percebi que César vinha em minha direção. Se não me escondesse, ele iria me ver, e todos sabem que além de se tratar de um mau caráter, ele tem ódio de mim. Se me visse, iria me matar. Entrei às pressas na casa de Caligari -- o velho misterioso. Isso foi a três dias antes de descobrirem que ele havia morrido. Creio ter sido eu o primeiro a vê-lo morto, mas nada disse, pois achei em sua sala o tal objeto, do qual me apoderei.

Aquela ampulheta, nos primeiros instantes, era como um novo brinquedo, me encantou. Depois, como a atmosfera ao meu redor se alterava cada vez que sua areia escorria, me intrigou. E logo que descobri seu poder de congelar o tempo, me fascinou. Ela paralisava o tempo para todos, menos para mim, acredito que porque era eu quem a manipulava. Enquanto havia areia por cair, o tempo não andava.

É claro que passei a usá-la a meu favor. Guardei-a como um verdadeiro tesouro. Eu tinha mais tempo a meu dispor que as outras pessoas, e ninguém nunca saberia disso. Eu podia levar horas para fazer uma prova de cinquenta minutos, e consultar qualquer livro.

Eu podia desaparecer e reaparecer em outro lugar. Naturalmente, eu me movia numa velocidade normal, mas com o tempo congelado, afinal um

instante para os outros podia ser uma eternidade para mim; e como resultado, meus movimentos poderiam parecer instantâneos.

Mas houve efeitos indesejados: enquanto todos envelheciam meses, eu envelhecia anos. Tinha mais tempo que os outros, envelhecia mais. Sou dez anos mais velho que os da minha própria idade. Tudo bem, tive vantagens sobre eles, tinha que pagar por isso de alguma forma. Nunca consegui parar de usar aquela estranha máquina do tempo, a tentação era sempre maior. E é claro, envelhecendo mais rápido que o próprio tempo, pagava por essa minha fraqueza também.

Mas essa não foi a real tragédia em que me afundei, levando toda a humanidade comigo. Quebrei a ampulheta com o tempo paralisado. Nada se move. Faz dias que é sábado. Ou semanas, não sei ao certo. Não posso mais viver solitário, cercado de semelhantes que não se movem, cada um deles como que a me acusar.

Não posso viver com esse peso. Por isso, desisto de viver. Se algum dia a vida voltar ao normal, então essa carta revelará ao mundo o tempo perdido."

Encontraram uma ampulheta quebrada no quarto de Felipe. Se a carta dizia realmente a verdade, e é o que parece, então talvez tenha sido sua morte que fez com que o tempo voltasse ao normal. De qualquer forma voltou, e é isso que importa.

*Escrito a 18 de fevereiro de 1992
e 2,3 de junho de 1992*

O Porão

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Junho de 1992

CENA#1

Alex e seus problemas.

CENA#2

Papel sai misteriosamente por de baixo da porta de acesso ao porão, e o vento o carrega.

CENA#3

Na rua, as pessoas vêem o papel e o ignoram. Alex o encontra e o lê.

CENA#4

Alex diante da porta de acesso ao porão. Entra.

CENA#5

Alex observa o ambiente antigo e cheio de sombras. Encontra Scapinelli e conversam. Ele lhe revela que foi preso há muito tempo (sem dizer exatamente quando) por sua família naquele local por ser tuberculoso, e que apesar de já estar curado não pode sair dali. Quando indagado por que, esquiva-se de responder precisamente, dizendo apenas que provavelmente morreria se o fizesse, estando portanto condenado a viver ali eternamente. Mostra o local a Alex, e depois o mata. Rituais?

CENA#6

“A História da Porta” Dois amigos conversam sobre a grande casa a qual pertence o porão, e diante da qual estão. Quando um deles indaga, o outro aponta a porta do porão e conta a estória do tuberculoso que foi preso ali no século passado – dia 20 de abril de 1889, mais precisamente, por coincidência, data de nascimento de Adolf Hitler – e esquecido lá por sua família (ou teria ela morrido súbita e misteriosamente, ou de tuberculose talvez?) Conta também das lendas sobre os moradores posteriores que ouviam estranhos barulhos vindos do porão, e eram levados à loucura ou à morte, quando não a ambos, até que a fama da casa como sendo um lugar macabro se consolidou, e ninguém mais se atreveu a ocupá-la.

CENA#7

O ouvinte da “História da Porta” entra no porão para saciar sua curiosidade, desafiando as lendas locais, e encontra Scapinelli (assim ele se identifica) no corpo de Alex. Quando indagado sobre a veracidade das estórias, Scapinelli comprova, e mostrando-lhe o porão, explica-lhe como conseguiu viver tanto tempo: utilizando-se de rituais de magia negra, toma

corpos jovens e sadios de pessoas que ele atraiu até ali através de bilhetes que o vento deve se encarregar de levar às vítimas certas. Mas deixa claro que isso só acontece quando se cansa de seu rosto roubado, ou quando a vaidade lhe chama de velho. O ouvinte, incrédulo, pergunta-lhe como se alimenta então; e Scapinelli diz, em tom sarcástico que não deixa distinguir entre a seriedade ou a ironia, que “sempre aparecem uns ratos por ali, ou quando o rosto que chega não lhe atrai...” Quanto aos eventuais curiosos, quando pode ter certeza que ninguém sabe onde foram, têm o mesmo destino – nessa altura, exhibe um punhal – caso contrário, apenas os hipnotiza para que fiquem quietos acerca do que tinham visto e fiquem insanos, a ponto de se entregarem a uma “morte acidental”. Scapinelli aproxima-se do ouvinte para matá-lo.

São Paulo, 15 de junho de 1992

A desenvolver

Nas cenas #1 e #3, que problemas afligem Alex, e o que está escrito no papel que o convence a ir a um lugar tão lúgubre? Talvez cortamos essa introdução e Alex encontra a porta do porão por acaso numa noite de insônia.

O que mais de significativo pode acontecer na cena #5? Que diálogos reveladores ou insinuados podem vir à tona? O que de suspense pode ser acrescentado?

Talvez deva-se alternar seqüências das cenas #5 e #6, criando paralelismo.

Sobre os ambientes

A rua onde o papel é encontrado parece ter personalidade própria, assim como a rua do casarão. O porão tem uma atmosfera carregada de uma câmara macabra – a morada de Scapinelli.

Sobre Scapinelli

É cru em sua linguagem, respondendo às perguntas às vezes de forma incompleta, enigmática, apenas insinuando, desafiando a inteligência do interlocutor, e às vezes respondendo diretamente, num tom sarcástico que não deixa distinguir entre a seriedade e a ironia, apesar de estar sempre dizendo a verdade. Scapinelli não mente, não por princípios, mas por não precisar nunca disso.

A Prisão

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Julho de 1992

Baseado no filme homônimo de julho de 1992

CENA#1

David na prisão, lembrando, deprimido.

CENA#2

Lembrança de David – preparação para um jogo de bilhar: Sam arrumando as bolas; David apostando seu dinheiro; Sam estourando as bolas para começar a partida.

CENA#3

David na prisão, lembrando, deprimido.

CENA#4

Lembrança de David – final do jogo: David erra uma bola essencial; Sam acerta sua última, e acaba o jogo, vencendo; pega o dinheiro e sai.

CENA#5

David na prisão, lembrando, deprimido.

CENA#6

Lembrança de David – David ao lado do corpo morto de Sam; olha em sua mão, que segura uma carta de baralho, um ás de copas; David pega o dinheiro perdido na partida de bilhar, e foge ao ouvir a sirene do carro da polícia se aproximando.

CENA#7

David na prisão, lembrando, deprimido.

CENA#8

No local onde Sam foi assassinado, há uma marca de giz, mostrando a posição em que o corpo foi encontrado; ao lado dela, há outro corpo morto, e em sua mão há outra carta de baralho, um dois de copas.

CENA#9

David na prisão. Chega o delegado, que lhe informa do segundo crime: “Houve outro assassinato. Mesmo M.O. Só que dessa vez a carta era dois de copas. De qualquer forma isso inocenta você. Pode sair agora.” Ele é solto.

CENA#10

David vai ao local dos crimes. Há duas marcas de giz no chão, uma para cada assassinato. Um desconhecido que está no local entrega uma carta a David, um três de copas dessa vez.

Contato - Versão 1 Minuto

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - Agosto de 1992

Descrição do Plano	Duração do Plano (s)	Tempo Total (s)
01.Murdock na estação lendo jornal (PG>PP)	5	5
02.Klaus chegando	5	10
03.Murdock vê Klaus	3	13
04.Klaus olha Murdock	3	16
05.Murdock volta a ler	3	19
06.Sarah se aproxima	3	22
07.Beijam-se	4	26
08.Klaus olha	2	28
09.Sarah coloca microfilme no bolso de Murdock	3	31
10.Despedem-se, Sarah sai	4	35
11.Klaus vem a Murdock, apressado	3	38
12.Ameaçando Murdock com uma arma, toma-lhe o microfilme do bolso	7	45
13.Murdock vê Klaus se afastar	3	48
14.Klaus apressado contorna uma esquina, desaparecendo (linha de visão de Murdock)	3	51
15.Murdock tira cápsula da boca	3	54
16.Desenrola microfilme da cápsula (CL das mãos)	3	57
17.Murdock dá um sorriso	3	60

São Paulo, 13 de agosto de 1992

Some Words About “Contato - Versão 1 Minuto”

Para melhor expressar a idéia básica da estória, de transmissão do microfilme pelo beijo, pode-se acrescentar uma narração em off em primeira pessoa transmitindo aos espectadores os pensamentos de Murdock, suas preocupações com o agente inimigo e sua alegria com o sucesso do contato em seguida.

Claustrofobia - Versão 1 Minuto

Planificação

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, Agosto de 1992

IMAGEM	SOM
<p>01.Rosto barbudo do prisioneiro deitado no chão, cabeça encostada na parede, olhos fechados, abre-os como se acordasse (CL de cima).</p> <p>02.Rosto do prisioneiro, de perfil, olhando para cima (CL, mesma posição anterior, vista de outro ângulo). Move um pouco a cabeça, olhando precariamente ao redor. Olha para seu colo.</p> <p>03.Linha de visão: seu colo, as pernas estão dobradas para cima, compondo o fundo, mão esquerda inerte sobre o colo (PP).</p> <p>04.(Idem 02) Rosto do prisioneiro. Levanta-se para sentar (a câmara permanece parada) num grande esforço, pois está num lugar muito apertado. Não move o braço esquerdo.</p> <p>05.Rosto do prisioneiro (CL, de frente), cabeça encostada no teto. Olha para baixo.</p> <p>06.Mão esquerda inerte sobre seu colo. Com a mão direita, chacoalha a mão adormecida em curtos movimentos numa tentativa de reestabelecer a circulação.</p> <p>07.(Idem 05) Rosto do prisioneiro. Expressão de dor... Passa. Olha novamente para a mão.</p> <p>08.Mão esquerda abrindo e fechando com tensos movimentos. Mão direita segura o pulso esquerdo.</p> <p>09.Rosto do prisioneiro (CL, de perfil). A partir do ruído de despertador, ergue os olhos para a porta e espera um tanto tenso.</p> <p>10.Rosto do prisioneiro (PP, ângulo baixo). Luz forte de fora entrando gradualmente no quadro, iluminando prisioneiro, que retrai as pálpebras em defesa.</p> <p>11.Prisioneiro saindo pela porta da solitária (PM).</p> <p>12.Na cela, panorâmica nas grades até ele.</p>	<p>01-09.Tic-tac de relógio.</p> <p>09.Despertador, passos se aproximando até parar, chaves.</p> <p>10.Porta sendo aberta. "Sua pena na solitária acabou. Pode ir para sua cela agora."</p> <p>11-12."Liberdade afinal!"</p>

O Homem de Preto

Esboço

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan - São Paulo, Novembro de 1992

CENA#1

O fogo arde queimando a lenha. Nick está ao lado da fogueira, no campo, sozinho. Percebe algo a sua frente. É um par de olhos vermelhos brilhantes, no meio dos arbustos. Movimenta-se como que na espreita. De repente seu irmão está ao seu lado: “Ele voltou, Nick!” Nick aponta a luz da lanterna para o par de olhos e o homem de preto torna-se evidente, mas apenas por alguns instantes, pois ele derruba sua lanterna, assustado. Acorda.

(O som aqui deve sugerir uma atmosfera onírica, talvez com ventos e relâmpagos distantes).

CENA#2

Nick dá uma pausa em seu serviço no escritório e sai para o almoço. Está sobrecarregado.

CENA#3

Nick olha casualmente pela janela do restaurante onde está comendo e do outro lado da rua vê um homem vestido de preto, aparentemente olhando para ele. Assustado e surpreso, deixa cair de suas mãos o copo de bebida. Vem o garçon ajudá-lo a se limpar. Olha novamente para o outro lado da rua, mas não mais o vê.

CENA#4

Volta abalado ao escritório e seu chefe lhe pergunta o que aconteceu para deixá-lo tão pálido. Nick conta-lhe sobre um episódio da infância, quando brincava com seu irmão na fazenda, perto da mata, e ambos viram (“Você também viu, Nick?”) um homem de preto e olhos vermelhos brilhantes do qual fugiram o mais rapidamente que puderam, sem olhar para trás, aterrorizados com o que poderiam ver novamente. (Flash-back?) Conta como ficou-lhe a impressão de que se tratava do próprio demônio. O chefe lhe pergunta então a razão pela qual lembrou-se daquela história naquele dia, e Nick lhe conta sobre o sonho que tivera aquela noite e que há muito tempo não tinha. Conta-lhe do episódio do restaurante. “Ele voltou... eu sei disso... sei que voltou... sei que está atrás de mim...” Desequilibra-se e seu

chefe tenta convencê-lo de que tudo não passa de stress, dispensando-o por uma semana para repousar e se recuperar.

CENA#5

Nick chega em sua casa com algumas compras. Coloca-as na cozinha. Toma uma ducha. Deita-se. Começa a adormecer lembrando-se de um amigo (sua voz ou voz e rosto) dizendo-lhe que vive muito sozinho, que precisa procurar mais os amigos e até mesmo arranjar uma namorada.

Desperta com o barulho da porta da frente sendo aberta. Apreensivo, ouve passos. Levanta-se, pega algo na gaveta de seu criado-mudo e esconde-se. Em suas mãos está uma faca de gangue de rua e prepara-se para usá-la se for preciso. Continua a ouvir alguém em casa se aproximando, mas não consegue ver ninguém, no máximo a impressão de uma sombra ou vulto. Quando pensa estar o misterioso invasor já em seu quarto, aventura-se a tentar sair da casa.

CENA#6

Nick percebe estar sendo perseguido na rua até encurralar-se em um beco, onde finalmente vê o homem de preto, e o mata com sua faca. Foge do local enquanto o vemos se afastando do mendigo que matou.

São Paulo, 17 e 18 de novembro de 1992

Proposições Sobre o Uso da Linguagem Cinematográfica

Som: uso exaustivo de recursos sonoros para imposição de climas (onírico, de suspense, de loucura e paranóia,...); a idéia básica do desenvolvimento das cenas #5 e #6 foi de criação de suspense por sugestão sonora (nota-se aqui uma tendência na evolução no uso do som, dando continuidade ao trabalho iniciado em Chased e prosseguido em Spy Story e A Prisão, passando-se ainda pela experimentação com o filme pré-koboldiano O Espião Que Saiu Do Frio); a criação de um clima por som não se resume ao uso da trilha sonora e de seus acordes (a busca de novos acordes pode liberar a linguagem dos chavões sonoros já consagrados), mas também de efeitos sonoros que sugestionem uma situação não apenas aos espectadores mas também ao próprio personagem e dele, novamente e mais intensamente, aos espectadores; não é um uso novo no cinema, mas aqui propõe-se, experimentalmente, seu uso exaustivo até chegar a um personagem paranóico, de ouvidos traiçoeiros.

Imagem: acentuação de climas por: design e iluminação, angulação e composição, planificação; por exemplo, na cena #4, alterar a ambientação através de iluminação e até mesmo mudanças de cenário e sons, falseando-se a realidade, para criação de atmosfera propícia a narração da estória de infância sobre o Homem de Preto.

Proposição: propõe-se uma maior flexibilidade no uso das imagens e sons para que haja sua liberação da realidade concreta do personagem, possibilitando uma incursão em seu estado de espírito.

São Paulo, 20 de novembro de 1992

Apêndice

Os Filmes Koboldianos

- 1) Delusion
- 2) Urgh!
- 3) Mission
- 4) The Wall
- 5) Museu de Cera
- 6) Die Nachträum
- 7) Gemini
- 8) Haunted House
- 9) The Reflex
- 10) Naked
- 11) Poquer Interminável
- 12) Vlad
- 13) Der Schatz
- 14) Egofobia
- 15) Chased
- 16) Spy Story
- 17) A Prisão

1) Delusion

Data de Filmagem: 2 de julho de 1988 (Sábado)

Data de Montagem: 4 de julho de 1988 (Segunda)

Data de Dublagem: 4 de julho de 1988 (Segunda)

Tempo de Duração: 3min 20sec

Atores: Ricardo Nori Gáudio

Guilherme de Rossi

Fernando Nori Gáudio

Música: This Corrosion (Sisters of Mercy)

Estória: improvisada durante a filmagem, deu origem ao conto

2) Urgh!

Data de Filmagem: 23 de julho de 1988 (Sábado)

Data de Montagem: 25 de julho de 1988 (Segunda)

Data de Dublagem: 25 de julho de 1988 (Segunda)

Tempo de Duração: 2min 30sec

Atores: Ricardo Nori Gáudio

Thiago Bello Daldegan
Fernando Nori Gáudio
Mário Roberto Frigo Castaldi
Músicas: Blue Monday (New Order)
Perfect Kiss (New Order)
Estória: improvisada durante a filmagem, deu origem ao conto

3) Mission

Data de Filmagem: 6 de agosto de 1988 (Sábado)
Data de Montagem: 6 de agosto de 1988 (Sábado)
7 de agosto de 1988 (Domingo)
Data de Dublagem: 9 de agosto de 1988 (Terça)
Tempo de Duração: 6min
Atores: Rodrigo Lemes
Guilherme de Rossi
Músicas: James Bond Theme
Bond'77
The Empty World (The Cure)
Estória: improvisada durante a filmagem

4) The Wall

Data de Filmagem: 23 de setembro de 1988 (Sexta)
Data de Montagem: 24 de setembro de 1988 (Sábado)
Data de Dublagem: 24 de setembro de 1988 (Sábado)
Tempo de Duração: 3min 20sec
Atores: Ricardo Nori Gáudio
Rodrigo Lemes
Música: Twilight of a Champion (The The)
Estória: improvisada durante a filmagem

5) Museu de Cera

Data de Filmagem: 5 de outubro de 1988 (Quarta)
6 de outubro de 1988 (Quinta)
7 de outubro de 1988 (Sexta)
Data de Montagem: 8 de outubro de 1988 (Sábado)
Data de Dublagem: 10 de outubro de 1988 (Segunda)
Tempo de Duração: 7min
Atores: Guilherme de Rossi
Ricardo Nori Gáudio

Alessandra Gáudio
Daniela de Rossi
Salvio Meirelles de Souza Pinto
Músicas: Gods of Wars (Def Leppard)
 Dominion (Sisters of Mercy)
Estória: baseado em esboços

6) Die Nachtträum

Data de Filmagem: 14 de julho de 1988 a
 29 de julho de 1988
Data de Montagem: 3 de dezembro de 1988 (Sábado)
Data de Dublagem: 8 de dezembro de 1988 (Quinta)
Tempo de Duração: 7min
Atores: Ricardo Nori Gáudio
 Pedro Luís Bello Daldegan
 Guilherme de Rossi
 Rodrigo Lemes
 Adriana Meirelles de Paiva Meira
 Luciana Huertas Arnaez
Música: Flood I (Sisters of Mercy)
Estória: baseada em roteiro

7) Gemini

Data de Filmagem: 22 de dezembro de 1988 (Quinta)
Data de Montagem: 24 de dezembro de 1988 (Sábado)
Data de Dublagem: 24 de dezembro de 1988 (Sábado)
Tempo de Duração: 4min 30sec
Atores: Rodrigo Lemes
 Ricardo Nori Gáudio
Música: Stay Up Late (Talking Heads)
Estória: baseada em conto

8) Haunted House

Data de Filmagem: 20 de janeiro de 1989 (Sexta)
Data de Montagem: 21 de janeiro de 1989 (Sábado)
Data de Dublagem: 30 de janeiro de 1989 (Segunda)
Tempo de Duração: 3min 30sec
Atores: Rodrigo Lemes
 Thiago Bello Daldegan

Músicas: No Road Home (O Império do Sol, John Willians)
The Streets of Shanghai (idem)
Estória: improvisada durante as filmagens

9) The Reflex

Data de Filmagem: 16 de fevereiro de 1989 (Quinta)
Data de Montagem: 17 de fevereiro de 1989 (Sexta)
Data de Dublagem: 17 de fevereiro de 1989 (Sexta)
Tempo de Duração: 5min
Atores: Rodrigo Lemes
Salvio Meirelles de Souza Pinto
Música: Love For Sale (Talking Heads)
Estória: improvisada durante as filmagens, deu origem a conto

10) Naked

Data de Filmagem: 3 de março de 1989 (Sexta)
Data de Montagem: 11 de março de 1989 (Sábado)
Data de Dublagem: 11 de março de 1989 (Sábado)
Tempo de Duração: 4min 40sec
Atores: Ricardo Nori Gáudio
Guilherme de Rossi
Rodrigo Lemes
Salvio Meirelles de Souza Pinto
Música: Sixty-five Thousand (Erasure)
Estória: ...

11) Poquer Interminável

Data de Filmagem: 24 de março de 1989 (Sexta) E1
25 de março de 1989 (Sábado) E2, E3
Data de Montagem: 1 de abril de 1989 (Sábado) E1
2 de abril de 1989 (Domingo) E2, E3
Data de Dublagem: não disponível
Tempo de Duração:
Atores: Alessandra Leitão
Daniela de Rossi
Guilherme de Rossi
Pedro Luís Bello Daldegan
Ricardo Nori Gáudio
Rodrigo Lemes

Salvio Meirelles de Souza Pinto
Thiago Bello Daldegan
Estória: Luís Fernando Veríssimo
Roteiro: Pedro Luís Bello Daldegan
Guilherme de Rossi
Músicas: ...

12) Vlad

Data de Filmagem: 6 de julho de 1989 (Quinta)
Data de Montagem: 7 de julho de 1989 (Sexta)
Data de Dublagem: não disponível
Tempo de Duração: 5min
Atores: Adriana Meirelles de Paiva Meira
Guilherme de Rossi
Luciana Huertas Arnaez
Patrícia Guzman
Ricardo Nori Gáudio
Rodrigo Lemes
Música: Atmosphere (Joy Division)
Estória: baseada em esboços, deu origem a conto

13) Der Schatz

Data de Filmagem: 4 de agosto de 1989 (Sexta)
Data de Montagem: 5 de agosto de 1989 (Sábado)
Data de Dublagem: 6 de agosto de 1989 (Domingo)
Tempo de Duração: 6min 30sec
Atores: Rodrigo Lemes
Guilherme de Rossi
Ricardo Nori Gáudio
Música: Peter Gunn (Art of Noise)
Estória: ...

14) Egofobia

Data de Filmagem: 3 de julho de 1990 (Terça)
Data de Montagem: 18 de julho de 1990 (Quarta)
Data de Dublagem: 21 de julho de 1990 (Sábado)
Tempo de Duração: 6min
Atores: Ricardo Nori Gáudio
Rodrigo Lemes

Música: Revolutions (Jean-Micheal Jarre)

Estória: baseada em esboços

15) Chased

Data de Filmagem: 11 de dezembro de 1990 (Terça)

Data de Montagem: 12 de dezembro de 1990 (Quarta)

Data de Dublagem: 13 de dezembro de 1990 (Quinta)

Tempo de Duração: 6min 20sec

Atores: Rodrigo Lemes

Guilherme de Rossi

Daniela Barioni

Músicas: The World is My Oyster (Frankie Goes to Hollywood)

Welcome to the Pleasure Dome (idem)

Efeitos Sonoros: Geräusch Digital

Sound Effects Death & Horror

Estória: ...

16) Spy Story

Data de Filmagem: 9 de julho de 1991

10 de julho de 1991

11 de julho de 1991

Data de Montagem: 17 de julho de 1991

18 de julho de 1991

23 de julho de 1991

24 de julho de 1991

Data de Dublagem: 4 de setembro de 1991

12 de outubro de 1991

18 de dezembro de 1991

19 de dezembro de 1991

20 de dezembro de 1991

Tempo de Duração: 13min 50sec

Atores: Guilherme de Rossi

Pedro Luís Bello Daldegan

Ricardo Nori Gáudio

Rodrigo Lemes

Salvio Meirelles de Souza Pinto

Fernanda Viotti

Renato Meirelles Caiuby

Tia Uda

Maquiagens: Ricardo Nori Gáudio
Músicas: The Untold (Front 242)
Neurobashing (idem)
Until death us apart (idem)
Blend the strengths (idem)
Headhunter (idem)
... (idem)
Efeitos Sonoros: Geräusch Digital
Estória: baseada em conto e esboços

17) A Prisão

Data de Filmagem: 9 de julho de 1992 (Quinta)
Data de Montagem: 10 de julho de 1992 (Sexta)
Data de Dublagem: 11 de julho de 1992 (Sábado)
Tempo de Duração: 4min 30sec
Atores: Rodrigo Lemes
Thiago Bello Daldegan
Tiago Cassoli
Pedro Luís Bello Daldegan
Músicas: Gravited to me (The The)
including the ballad of 32 (Frankie Goes to Hollywood)
Sweet Bird of Truth (The The)
Efeitos Sonoros: Geräusch Digital
Sound Effects Death & Horror
Estória: improvisada durante filmagens, deu origem a esboços

The Pool (Não montado)

filmado a 15 de outubro de 1988 (Sábado)

Die Nachträum II (sob direção de Guilherme de Rossi - abandonado)

filmado a 23 de março de 1989 (Quinta)

Clip 5

montado em julho de 1988

Clip 6

montado em janeiro de 1989

The Making of Spy Story
montado a 5 e 6 de fevereiro de 1992

Visite o site da Kobold Pictures:

<http://www.geocities.com/Hollywood/Club/8480/>